



**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

**Prática de Ensino Supervisionada em  
Educação Pré-Escolar: As Expressões  
Artísticas como Integradoras das  
Aprendizagens na Infância**

**Sandra Cristina Duque dos Reis Serrano**

Orientação: Professora Doutora Isabel Maria  
Gonçalves Bezelga

**Mestrado em Educação Pré-Escolar**

Relatório de Estágio

Évora, 2013



**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

**Prática de Ensino Supervisionada em  
Educação Pré-Escolar: As Expressões  
Artísticas como Integradoras das  
Aprendizagens na Infância**

**Sandra Cristina Duque dos Reis Serrano**

Orientação: Professora Doutora Isabel Maria  
Gonçalves Bezelga

**Mestrado em Educação Pré-Escolar**

Relatório de Estágio

Évora, 2013

Pensamos na Infância não como uma idade mas como um olhar, uma maneira de ver as coisas, de pensar o mundo.

A Infância é surpreender-se com os pirilampos, com o jacarandá, com o botão que abre. A Infância é pentear cometas, mimar microssegundos, amestrar preguiças.

É Infância irritar-se com as coisas, mudar frequentemente de sítio, inventar ideias.

Não nos interessam as respostas, as certezas imutáveis.

Estamos fascinados pelas interrogações. Caminhadores de perguntas.

(Catalano, citado por Vasconcelos, 2009, p.41)



## **Agradecimentos**

Para que este meu longo percurso fosse alcançado, muitos foram os que contribuíram directa ou indirectamente na sua concretização. A todos quero expressar os meus sinceros agradecimentos, nomeadamente:

- À directora do Mestrado, Professora Doutora Assunção Folque pelos seus conselhos, apoio e incentivos, bem como pela sua disponibilidade, sugestões e críticas que me ajudaram a crescer como profissional da área da educação.
- À minha orientadora Professora Doutora Isabel Bezelga pela sua dedicação, orientação, disponibilidade e ensinamentos, contribuindo para que ampliasse os meus conhecimentos na área das expressões artísticas.
- Às educadoras cooperantes e às crianças pelo carinho e aprendizagens que me proporcionaram tanto a nível profissional como pessoal, contribuindo para que evoluísse enquanto futura educadora de infância.
- Ao meu filho Tomás, pela coragem que sempre me transmitiu através dos seus afectos.
- Aos meus Pais, que sempre me apoiaram incondicionalmente em todos os momentos, incentivando-me e dando-me força para poder levar a bom termo este meu percurso.
- Ao meu namorado pela compreensão que sempre manifestou nos momentos de maior ausência e indisponibilidade.
- A todos os Professores de Licenciatura e de Mestrado, que contribuíram para este meu crescimento a nível profissional e pessoal.



## Resumo

### **Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-escolar: As expressões artísticas como integradoras das aprendizagens na infância**

O presente relatório de estágio diz respeito à Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar, desenvolvida na Instituição “Casa do Sagrado Coração de Jesus – Quinta do Pio”, nas valências de Creche e Jardim-de-infância, tendo como principal enfoque “As expressões artísticas como integradoras de aprendizagens”.

Este relatório evidencia o meu percurso formativo (ao longo de dois semestres), nomeadamente experiências e aprendizagens de maior importância e alguns instrumentos que suportaram a minha acção educativa, tais como: fotografias, algumas fontes documentais e também algumas subescalas, com vista à obtenção de alguns resultados relativamente à importância das expressões artísticas como forma de aprendizagem.

Concluindo desta forma, que a educação deveria estar cada vez mais ligada às expressões artísticas, isto porque, através destas, as crianças podem exteriorizar toda a sua criatividade e emoções, facilitando desta forma a aquisição de novas aprendizagens, quer a nível pessoal, quer a nível social, quer a nível cultural, contribuindo para o desenvolvimento integral do Ser Humano.



## **Abstract**

### **Supervised Teaching Practice in Pre-school Education: Forms of Artistic Expression as Means of Learning in childhood**

This internship report deal with a period of Supervised Teaching Practice in Pre-school Education carried out at the following institution: “Casa do Sagrado Coração de Jesus – Quinta do Pio” (nursery and kindergarten), focusing mainly on "artistic expressions as integrators of learning."

The report provides a profile of the training path followed, over two semesters, and describes the formative experiences which occurred which were of the greatest relevance, and the tools used to support educational activities, such as photographs, documentary sources, and some subscales, with the aim of assessing the importance of forms of artistic expression as a means of learning.

In conclusion, education should be increasingly connected to forms of artistic expression as through these children can externalize all their creative potential and emotions, thereby facilitating the acquisition of knowledge at the personal, social and cultural level, and thus contributing to the overall development of the individual.



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

### **siglas**

**ECERS –R** – Escala de Avaliação do Ambiente em Educação de Infância

**IPSS** – Instituição Particular de Solidariedade Social

**ITERS** – Infant Toddler Environment Rating Scale

**MEM** – Movimento da Escola Moderna

**PES** – Prática de Ensino Supervisionada

**PES I** - Prática de Ensino Supervisionada (relacionada com o 1º semestre)

**PES II** - Prática de Ensino Supervisionada (relacionada com o 2º semestre)



## Índice Geral

<b>Agradecimentos</b> .....	ii
<b>Resumo</b> .....	iii
<b>Abstract</b> .....	iv
<b>siglas</b> .....	v
<b>Índice Geral</b> .....	vi
<b>Introdução</b> .....	1
<b>1- Enquadramento teórico</b> .....	3
<b>1.1.</b> A educação através das expressões artísticas.....	4
<b>1.2.</b> As expressões artísticas no desenvolvimento da criança.....	5
<b>1.3.</b> A expressão dramática na educação .....	7
<b>1.4.</b> A educação pela expressão musical .....	8
<b>1.5.</b> Educar através da expressão plástica .....	9
<b>1.6.</b> A educação através da expressão corporal.....	10
<b>2 - Metodologia</b> .....	12
<b>2.1.</b> A instituição onde foi realizada a minha PES/Estudo .....	14
<b>2.1.1.</b> Os grupos de crianças das duas valências onde decorreu a PES.....	14
<b>2.1.2.</b> Participantes do estudo.....	17
<b>2.2.</b> Estratégias de recolha de dados .....	18
<b>2.3.</b> Recolha e análise de dados .....	19
<b>3 – A Intervenção Educativa Realizada</b> .....	24
<b>3.1.</b> Enriquecimento do Ambiente Educativo .....	25
<b>3.2.</b> Potenciar as Expressões Artísticas ao longo da PES .....	27
<b>3.3.</b> Projecto de intervenção em Jardim-de-Infância .....	41





Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

<b>4 – Considerações Finais</b> .....	61
<b>5 - Referências Bibliográficas</b> .....	64
<b>6 - Anexos</b> .....	69
<b>ANEXO I - Escala ITERS</b> - Subescala “Mobiliário e sua disposição para crianças” (avaliação dos vários itens em 3 de Janeiro de 2013).....	70
<b>ANEXO II - Escala ITERS</b> - Subescala “Mobiliário e sua disposição para crianças” (avaliação dos vários itens em 31 de Maio de 2013).....	73
<b>ANEXO III - Escala ECERS R</b> - Subescala “Materiais e mobiliário para as crianças” (avaliação dos vários itens em 3 de Janeiro de 2013).....	76
<b>ANEXO IV - Escala ECERS R</b> - Subescala “Materiais e mobiliário para as crianças” (avaliação dos vários itens em 31 de Maio de 2013).....	81
<b>ANEXO V - Perfil de Implementação do MEM</b> .....	86
<b>ANEXO VI - Caderno de Formação</b> (alguns relatórios e planificações referenciadas no relatório de estágio) .....	92



## Introdução

A Prática de Ensino Supervisionada I e II (PES) decorreu numa Instituição de Solidariedade Social (IPSS) Casa do Sagrado Coração de Jesus – Quinta do Pio. Este estágio foi realizado nas valências de creche e jardim-de-infância, com crianças de idades compreendidas entre os 2 e os 5 anos, tendo como enfoque as expressões artísticas como integradoras de aprendizagens. Neste relatório, evidencio a minha prática durante os dois semestres (PES I e PES II).

Ao longo deste estágio, tive oportunidade de adquirir e consolidar vários conhecimentos, de cariz teórico-prático, de modo a melhorar a minha acção educativa, tendo aprendido que é imprescindível estarmos atentos aos interesses, características, necessidades e competências das crianças, para que possamos proporcionar experiências e aprendizagens integradas.

A temática que elegi para aprofundar durante a PES e que será objecto deste relatório, está ligado às expressões artísticas, devido ao meu grande interesse por esta área. Durante o estágio dei sempre um maior enfoque a este tema, de modo a perceber qual a importância destas para o desenvolvimento e aprendizagens das crianças, onde pude constatar através da observação e de alguma bibliografia relacionada com este assunto, que estas são de extrema importância para a aquisição de diversas competências, para além de proporcionarem inúmeras aprendizagens a nível pessoal e também sobre o mundo que as rodeia. Também a organização do ambiente educativo e do espaço em si, são fulcrais para que a criança expresse as suas emoções, “ (...) *num clima que proporcione a inspiração, motive a expressão dos sentimentos e estimule a criatividade*” (H. Read in Sousa, 2003, p. 24).

Apesar de na temática que elegi estarem englobadas todas as expressões artísticas, acabei por me focar mais na expressão plástica e dramática ao nível de jardim-de-infância e na expressão musical, corporal e plástica na valência de creche, no entanto, as outras expressões também estiveram sempre presentes.

Para que os objectivos da PES fossem alcançados, foram necessários inúmeros suportes e conhecimentos, que me foram transmitidos ao longo de todo o Mestrado, através das várias disciplinas, dos vários Professores e das educadoras cooperantes. Aprendi através desses conhecimentos, que é fulcral observarmos e reflectirmos acerca



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

da nossa prática, para que possamos crescer profissionalmente, enquanto educadoras de infância, é importante que ao longo da vida assumamos sempre esta postura. Posso dizer que no decorrer do meu estágio a observação e a reflexão realizadas foram uma constante, contribuindo para que evoluísse na minha prática e para que no final me sentisse já muito mais segura.

A nível da estrutura do trabalho, este encontra-se dividido em três partes, correspondendo a primeira parte ao enquadramento teórico, a segunda à metodologia e a terceira à intervenção realizada a nível das expressões artísticas nas duas valências. A primeira parte diz respeito à revisão da literatura, onde irei incluir uma parte investigativa relativamente ao meu tema “As expressões artísticas como integradoras das aprendizagens na infância”, desde a altura em que estas começaram a fazer parte do currículo do pré-escolar em Portugal (em que começaram a ser consideradas de grande importância) até aos dias de hoje, e em que medida estas (cada uma delas) são importantes na educação e desenvolvimento das crianças, contribuindo desta forma para as aquisições cognitivas. A segunda parte do trabalho, englobará a metodologia, ou seja, irei apresentar os procedimentos adoptados por mim (instrumentos utilizados, recolha de dados e tratamento destes), relativamente à organização do ambiente educativo das duas valências e da sua importância a nível das expressões artísticas, e também o que se refere ao processo de reflexão constante sobre a minha intervenção, com especial enfoque nas expressões, de modo a poder evoluir numa prática de qualidade.

Por último, numa terceira parte, será feita uma descrição e análise de algumas propostas que foram realizadas dentro das expressões artísticas, o envolvimento e interesse das crianças nestas, procurando ilustrar os processos de aprendizagem que promovi nas duas valências, incluindo, também uma descrição do projecto que desenvolvi em jardim-de-infância tendo em conta a minha temática.

Para finalizar este relatório, irei colocar as considerações finais, onde farei uma reflexão de todo este meu percurso, dos contributos deste estágio a nível pessoal e profissional e pistas para o futuro.



Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

# 1- Enquadramento teórico



## 1.1. A educação através das expressões artísticas

Já desde os tempos primórdios que as expressões artísticas estão presentes na vida do ser humano, apesar de não terem sido consideradas de grande importância para o desenvolvimento integral das pessoas, pois *“Durante muitos anos e quase até aos anos 70 do século passado, as únicas disciplinas artísticas existentes nos currículos da escolaridade portuguesa, eram o canto coral e o desenho (às vezes com outras denominações).”* (Sousa, 2003, p. 29). Só em 1986, através da lei de bases do sistema educativo (Lei nº46/86 de 14 de Outubro) é que em Portugal é oficialmente aceite e reconhecida que a arte é crucial para o desenvolvimento integral do ser humano, começando a fazer parte dos currículos dos vários níveis, ou seja, desde o pré-escolar ao ensino especial, passando por todos os graus de ensino, tendo como um dos objectivos, no que diz respeito ao pré-escolar, *“Desenvolver as capacidades de expressão e de criação da criança, assim como a imaginação criativa, e estimular a actividade lúdica”* (art. 5º, 1., f).

Hoje em dia, pode-se considerar que as expressões artísticas já são bastantes valorizadas, pelos professores e educadores de infância, pois através destas (da espontaneidade das crianças) têm oportunidade de adquirir diversas competências (sociais, cognitivas, motoras e emocionais) e aprendizagens a nível pessoal e sobre tudo o que as rodeia.

Através das expressões artísticas, o ser humano tem oportunidade de exteriorizar todo o potencial expressivo, ou seja, tem oportunidade de expressar os seus sentimentos, afectos e emoções,

(...) Considerando-se as artes como as metodologias mais eficazes para se conseguir realizar uma educação integral a todos os níveis: afectivo, cognitivo, social e motor. Podendo-se considerar o único modelo até hoje existente que aponta como seu primeiro objectivo a educação afectivo-emocional (...) (Sousa, 2003, p.30).

A educação pela arte não é de modo algum, pois, uma metodologia com a intenção de ensinar à criança conceitos teóricos sobre a arte, história da arte (...) é uma educação do sensível, tendo em vista a estimulação e enriquecimento do racional, numa interacção benéfica entre o pensar, o sentir e o agir (...). (Sousa, 2003, pp. 80-82)



Deste modo é importante reconhecer que

A livre experiência através das diferentes expressões artísticas permite à criança uma maior liberdade de expressão emocional e, conseqüentemente, uma base sólida para as aquisições cognitivas” (Sousa, p. 85). A educação realizada através das expressões artísticas tem como principal objectivo (...) a aquisição e desenvolvimento dos instrumentos básicos do pensamento: sentimentos, imagens, palavras, ideias. (Sousa, 2003, p. 83)

Segundo o mesmo autor, através das expressões artísticas, as crianças têm oportunidade de experienciar várias vivências, tanto a nível emocional como simbólico, contribuindo desta forma para o desenvolvimento intelectual e afectivo-emocional, para além de, através destas experiências, desenvolverem uma série de mecanismos psicológicos de defesa que acabam por fortalece-las no seu dia-a-dia na luta contra possíveis frustrações ou conflitos da vida.

Em suma, *“As artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social, cultural do aluno. São formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção.”* (ME - DEB, 2001, p. 149). Esta metodologia, não tem como objectivo ensinar conceitos teóricos sobre as artes, mas sim proporcionar às crianças um ambiente educativo onde estas possam explorar as várias expressões através de todos os seus sentidos.

## **1.2. As expressões artísticas no desenvolvimento da criança**

As expressões artísticas ou as actividades expressivas na infância (expressão corporal, musical, plástica e dramática), são um contributo imprescindível para o desenvolvimento integral da personalidade do Ser Humano, sobretudo na faixa etária entre os 2 e os 7 anos de idade, a fase do jogo simbólico, em que,

(...) A criança vai-se conhecendo a si mesma, os outros e o seu meio, pelos modos expressivos de que disponha e que descubra, quer pelo movimento, pelas mãos, pelos gestos, pela mímica, pelos traços, cores e sons, pela voz e palavra, quer por quaisquer outros. (Santos, 1999, p. 43).

Para Piaget (1997), que classificou os jogos em três categorias (jogo de exercício, jogo simbólico e jogo de regras), categorias estas que correspondem às três fases de desenvolvimento da criança (fase sensorio – motora, fase pré – operatória e



fase das operações concretas), em que numa fase inicial (jogo de exercício sensório - motor), a criança repete gestos e movimentos simples, por prazer, por ter apreciado o resultado final, o seu efeito. Por volta dos 2 até aos 7 anos aproximadamente, surgem os jogos simbólicos, em que através da representação a criança satisfaz os seus desejos, fantasias, medos, as suas necessidades. Mais tarde entre os 7 e os 12 anos de idade, surgem os jogos de regras (que são transmitidos socialmente), em que a criança abandona a fase egocêntrica, desenvolvendo desta forma as relações afectivo-sociais. Para este pedagogo, o jogo é de extrema importância para o desenvolvimento da criança, isto porque, quando estas jogam, assimilam e podem modificar a realidade, logo, para este, a actividade lúdica é o princípio obrigatório das actividades intelectuais da criança, sendo por isso indispensáveis à prática educativa.

Já Vygotsky (2007) tem uma visão um pouco diferente de Piaget, pois não identifica nenhuma fase para explicar o desenvolvimento da criança, isto porque, para este, o desenvolvimento cognitivo decorre da interacção destas com as outras pessoas.

Ao compararmos a teoria de Piaget e a teoria de Vygotsky, podemos concluir que estas não são contraditórias, contudo apresentam focos de estudos diferentes, mais propriamente, Piaget, com os seus estudos sobre o desenvolvimento humano, deu destaque à parte cognitiva, enquanto Vygotsky dá ênfase à parte social, através do conceito ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal).

Em suma, segundo Santos (1999) *“Entre as categorias piagetianas da actividade lúdica que mais imbricam nas actividades expressivas, destaca-se a do jogo simbólico, o qual “marca sem dúvida o apogeu do jogo infantil”, surgindo desta forma uma forte relação entre a actividade lúdica e a actividade expressiva. Podendo-se concluir que “as actividades lúdicas e expressivas, entrelaçando-se globalmente, permitem num ambiente de jardim-de-infância, um equilibrado desenvolvimento da personalidade da criança.”* (p. 44)

Seguidamente, irei fazer referência a cada uma das expressões, da sua importância e contributo no desenvolvimento do Ser Humano.



### 1.3. A expressão dramática na educação

O jogo dramático possui grandes benefícios para o desenvolvimento e aprendizagens das crianças, nomeadamente ao nível da criatividade e imaginação, do desenvolvimento da personalidade, do desenvolvimento social e emocional e do desenvolvimento da expressão oral.

A expressão dramática é considerada um dos meios mais importantes e integrais ao nível da educação, pois engloba

(...) Quase todos os aspectos importantes do desenvolvimento da criança e a grande diversificação de formas que pode tomar, podendo ser regulada conforme os objectivos, as idades e os meios de que se dispõe, tornando-a por excelência na principal forma de actividade educativa. (Sousa, 2003, p. 33)

Através da expressão dramática, as crianças têm oportunidade de improvisar, de transportar para os personagens os seus próprios problemas, dúvidas, medos e agrados, realizando as suas dramatizações/ jogo simbólico de modo espontâneo e não intencional, exteriorizando desta forma sentimentos, desenvolvendo a sua socialização e comunicação, experienciando várias situações e aprendendo também a improvisar recorrendo à sua imaginação. “*A expressão dramática é um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio na relação com o(s) outro(s) (...)*” (ME, 2009, p. 59), acabando por se abstraírem da realidade e dos seus próprios comportamentos, imaginando e fingindo que tudo é diferente, encarnando por alguns momentos uma outra personagem, com atitudes diferentes das suas, em que, segundo Rooyackers (2002) “*se vive num mundo diferente do nosso e usamos a nossa imaginação para representar algo através das nossas acções.*” (p.15)

A existência da área da dramatização nas salas de jardim-de-infância e de creche, é sem dúvida a melhor forma de contribuir para um desenvolvimento equilibrado ao nível da personalidade da criança. Sendo este um dos principais objectivos, não unicamente ao nível do pré-escolar, mas sim no decorrer da vida da pessoa, inclusivamente, segundo Sousa (2003) “*(...) quando se avança no processo escolar, a predominância das intenções de ensino aprendizagem é de tal modo forte que*





*leva a que alguns professores recorram a técnicas de jogo dramático procurando deste modo reforçar a aprendizagem de certos conteúdos.” (p.32)*

A expressão dramática dá oportunidade à criança de poder representar e realizar tudo o que deseja, sendo ela própria quem domina este seu mundo.

*“Pela expressão dramática, a criança engrandece-se, satisfaz-se, cria potencialidades e desenvolve a sua personalidade.” (Sousa, 2003, p. 37)*

Segundo Santos (1999) um dos benefícios da expressão dramática é contribuir para desenvolver e adquirir os meios de expressão, pois através desta, dos gestos, dos movimentos e das atitudes, a criança exterioriza o seu mundo interior.

Em suma o jogo dramático é de extrema importância para o desenvolvimento da personalidade. Segundo Piaget (1962) através desta actividade natural e espontânea da criança, ela desenvolve as suas capacidades intelectuais, tendo desta forma um enorme peso no desenvolvimento cognitivo.

Com a expressão dramática, a criança comunica recorrendo a várias formas expressivas de comunicação (drama, música, dança e arte), havendo por isso uma ligação entre todas as expressões artísticas, logo, pode mesmo dizer-se que é a mais completa das actividades, pois engloba todas elas. Permitindo ao educador, observar o desenvolvimento da criança, a nível da imitação, da criação e do jogo, por conseguinte, *“(...) levará a criança ao domínio da interpretação livre, através de um treino corporal, com exercícios de descontração, respiração, marcha, subir, descer, sentar-se, cair, levantar-se, equilíbrios, ritmos (...) sentido de espaço e procura de sensação.” (Michel Small in Santos, 1999, p. 72)*

#### **1.4. A educação pela expressão musical**

Tal como a expressão dramática, também a expressão musical tem um contributo muito forte no desenvolvimento da personalidade da criança, sendo esta (a criança) o objectivo principal da educação pela música. A música é uma forma de linguagem que nos transmite sensações, sentimentos, pensamentos e também ensinamentos.

Com a música as crianças são estimuladas a escutar e a vocalizar sons, para além de se desenvolverem a nível motor, ganhando uma maior consciência corporal e rítmica.



Quando se estimula o ritmo e o movimento corporal, aumenta-se a capacidade de falar com uma boa articulação. Segundo Gordon (2000)

o movimento corporal e o ritmo da música estão interligados, porque a criança

(...) Ao responder ao ritmo através do movimento, o corpo está a fornecer ao cérebro informações para este processar e, portanto, é o corpo que, em última análise, fornece ao cérebro a compreensão. (...) o corpo é a fonte da aptidão musical ou do seu potencial, enquanto o cérebro é a fonte do desempenho musical. (p. 308)

O contacto precoce com a música contribui para a aquisição das primeiras palavras, isto porque, a criança fica exposta a um conjunto de elementos sonoros e expressivos, comuns à linguagem verbal, ou seja, ao estimularmos os sentidos, em particular o sentido auditivo, estamos a diferenciar sons, contribuindo desta forma para a aquisição da competência linguística.

Em suma, é de extrema importância que o educador proporcione diversos momentos musicais ao longo do dia, de modo a proporcionar à criança a oportunidade de esta viver a música.

## 1.5. Educar através da expressão plástica

Através desta arte, a expressão plástica, as crianças têm oportunidade de experimentar diversos materiais e técnicas, estimulando desta forma a criatividade e o sentido estético e contribuindo também para que exteriorizem as suas emoções e sentimentos.

Através da expressão livre, a criança não só desenvolve a imaginação e a sensibilidade, como também aprende a conhecer-se e a conhecer os outros, aceitando e respeitando a autenticidade de cada um ou o modo pessoal como cada um se exprime de acordo com as suas ideias, sentimentos e aspirações. (Gonçalves, 1991, in Sousa, 2003, p. 169)

A expressão plástica dá também oportunidade à criança de desenvolver a imaginação, a socialização, as capacidades motoras finas, adquirir autoconfiança, para além de ser um excelente meio de iniciação à leitura e escrita, uma vez que a criança inicia esta competência através da compreensão e representação de símbolos gráficos.

Segundo Andrea (2011) *“O despertar para as artes plásticas visa um conhecimento sensível e empírico. Se o objectivo é atingido, uma criança despertada terá um bom caminho para querer saber mais, para se tornar curiosa e a curiosidade*



*como se sabe suscita interesse”* (p.37), logo é uma arte que contribui para que as crianças tenham uma maior percepção e interesse sobre tudo o que as rodeia.

Em suma, através da Expressão Plástica, a criança tem oportunidade de expressar livremente os seus sentimentos e emoções que através de outros meios seria com certeza mais difícil de exteriorizar. É uma actividade natural e espontânea da criança, onde estas têm oportunidade de representar o mundo de variadíssimas maneiras, utilizando diversos meios e técnicas, exteriorizando desta forma as suas emoções.

(...) É essencialmente uma atitude pedagógica diferente, não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades «artes ao serviço da criança e não estas ao serviço das artes plásticas» (Rodrigues, 2002, p. 160),

Logo, não é o produto final que interesse, mas sim a acção, o acto expressivo.

## **1.6. A educação através da expressão corporal**

Logo desde muito cedo, a criança começa a descobrir o seu corpo, as suas possibilidades de acção e exploração.

As primeiras experiências do movimento são muito simples e baseadas no prazer de repetir. São, no entanto, feitas como um jogo. O prazer que a criança sente em subir e em descer, em saltar e correr, dura o tempo que os seus jogos sensoriais lhe permitem para a evolução do desenvolvimento de novas habilidades motoras. (Andrea, 2011, p.17)

Com o decorrer do tempo e através do seu dia-a-dia, as capacidades a nível de controlo e de conhecimento do seu próprio corpo vão evoluindo. Sendo fulcral nós educadores ajudarmos neste processo, através de várias propostas que contribuam para melhorar a sua coordenação, a sua postura, a sua locomoção e também a sua destreza manual, ou seja,

Tendo em conta o desenvolvimento motor de cada criança, a educação pré-escolar deve proporcionar ocasiões de exercício da motricidade global e também da motricidade fina, de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu próprio corpo (ME, 2009, p. 58),

Contribuindo desta forma para um desenvolvimento integral, não só a nível motor, mas também a nível cognitivo e afectivo, pois o desenvolvimento motor está relacionado também com outras competências, ou seja, se lhes proporcionarmos aprendizagens que



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

contribuam para um desenvolvimento das motricidades e as interligarmos com outras áreas, contribuimos para um desenvolvimento holístico da criança.

Este domínio, não tem como finalidade a aquisição de habilidades, mas sim o aperfeiçoamento e desenvolvimento de capacidades e competências, sendo que as crianças evoluem comparativamente ao domínio do seu próprio corpo, desenvolvendo o controlo sobre os seus movimentos, explorando o espaço, as formas, assim como as suas capacidades e limitações motoras, desenvolvendo desta forma a sua auto-estima e autoconfiança.



## 2 - Metodologia



## Introdução

Ao longo do estágio, várias foram as dúvidas e questões, relacionadas com a minha própria prática e com o ambiente educativo das salas onde desenvolvi a minha intervenção. Concluindo que é de extrema importância que o educador tenha a capacidade de reflectir acerca da sua prática, de modo a melhorar o seu desempenho, ou seja, é importante que se torne num investigador, num profissional reflexivo, com vista ao sucesso e bem-estar das crianças. Para Alarcão (2001), a investigação, o desenvolvimento profissional e o desenvolvimento institucional, são a base para se ser um bom professor. *“Ser professor investigador é, pois, primeiro que tudo ter uma atitude de estar na profissão como intelectual que criticamente questiona e se questiona na tentativa de resolver problemas relacionados com a sua prática.”* (p. 6) Dado que a investigação-acção é um processo através do qual os professores podem melhorar a sua intervenção encontrando caminhos para resolver os problemas identificados, esta foi a metodologia que sem dúvida considerei mais vantajosa, pois permite-nos um maior envolvimento e interacção na investigação e resolução de problemas em causa, contribuindo desta forma para uma melhoria da nossa prática. Em que para tal, segundo Máximo-Esteves (2008) *“(...) é necessário efectuar um conjunto de procedimentos, de acordo com os objectivos do mesmo: encontrar um ponto de partida, coligir a informação de acordo com padrões éticos, interpretar os dados e validar o processo de investigação.”* (p.79)

Neste capítulo irei então identificar os problemas principais da minha intervenção, bem como os processos metodológicos que levei a cabo para a sua resolução.

1º Problema: reflectir e pensar acerca da minha própria prática, de modo a melhorar e a crescer como futura profissional da área da educação. Em que utilizei alguns instrumentos essenciais;

2º Problema: implementar o Modelo MEM na sala de Jardim-de-Infância, utilizando para isso o Perfil de Implementação do MEM;

3º Problema: melhorar o ambiente educativo das salas das duas valências (com crianças com idades compreendidas entre os 2 e 5 anos de idade), para que as crianças pudessem



expressar as suas emoções e criatividade, num meio que fosse propício a isso, de forma a contribuir para o seu desenvolvimento. Para tal recorri às subescalas espaços e materiais da ITERS e da ECERS R.

Para poder dar então resposta a estas questões e atingir os objectivos pretendidos, utilizei para além dos instrumentos de recolha e análise de dados que já referi anteriormente, o caderno de formação, as planificações, os Instrumentos de Pilotagem e também o diálogo com os adultos e crianças de ambas as valências.

## **2.1. A instituição onde foi realizada a minha PES/Estudo**

A casa do Sagrado Coração de Jesus – Quinta do Pio (IPSS), encontra-se localizada na periferia da cidade de Évora, numa zona rural com pouca densidade populacional.

De acordo com o projecto educativo, a Congregação das Irmãs Servas da Sagrada Família, denominada Casa do Sagrado Coração de Jesus, engloba as valências de creche, pré-escolar e CATL (centro de actividades de tempos livres). Funciona desde 1974, sendo hoje dirigida pela Irmã Superiora Luísa Gomes Pinto, a coordenadora do colégio.

As várias valências situam-se em edifício próprio, localizadas umas perto das outras, contribuindo para que haja um trabalho pedagógico coordenado e sequencial. Sendo este um colégio religioso, o seu interior apresenta características muito próprias, existindo pouca luminosidade e pouca sensibilidade com a parte estética, com as cores utilizadas e até mesmo com os materiais. Aspectos estes de grande relevância para o conforto e desenvolvimento integral das crianças.

### **2.1.1. Os grupos de crianças das duas valências onde decorreu a PES**

**Creche** – Segundo o projecto curricular da sala dos 2/3 anos, tratava-se de um grupo considerado homogéneo em termos etários, constituído por dezanove crianças, sendo dez do género masculino e nove do género feminino, possuindo todas elas praticamente a mesma idade (2 anos). Este grupo de crianças segundo o que observei durante a PES, era bastante interessado e estavam sempre prontos a novos desafios, eram bastante



participativos em todas as aprendizagens e brincadeiras que vão surgindo, de acordo com os seus interesses.

No que diz respeito ao desenvolvimento, praticamente todo o grupo apresentava um desenvolvimento apropriado a esta faixa etária, existindo apenas alguns casos onde se verificava alguma discrepância, não sendo no entanto preocupante, à excepção de uma criança com NEE (Espectro de autismo), que neste momento estava a ser acompanhada por uma equipa de intervenção precoce.

Relativamente às expressões artísticas, posso dizer que algumas crianças principalmente as mais velhas, já desenvolviam pequenas brincadeiras teatrais, como imitar animais e situações do dia-a-dia (comer, dormir, dar de comer ao bebé, passear, fazer o papel de mãe, de pai, etc.), conseguindo também desenvolver alguns puzzles e jogos de encaixe. A nível da expressão corporal, já conseguiam saltar a pés juntos sem grande dificuldade, rebolar, rastejar e até mesmo dar cambalhotas, principalmente as mais velhas. Em relação à expressão plástica, as crianças adoravam pintar e explorar novos materiais, à excepção do R. (criança com espectro de autismo) que devido a este problema neurobiológico-genético, tinha alguma dificuldade em aceitar determinadas texturas, não querendo mesmo participar em determinadas experiências sensoriais. Quanto à expressão musical, era sem dúvida a mais apreciada por todos, pois gostavam muito de escutar e cantar canções, conseguindo reproduzir facilmente aquelas que já conheciam respeitando os ritmos e tendo sempre bastante interesse em aprenderem novas músicas. Também gostavam bastante de dançar, assim que era colocado algum CD, alguns elementos, principalmente as raparigas, começavam a movimentar-se ao som deste.

**Jardim-de-infância** – Segundo o projecto curricular de sala, tratava-se de um grupo heterogéneo constituído por 19 crianças, com idades compreendidas entre os 4 e os 5 anos, sendo que 11 eram do género feminino (5 com 5 anos de idade e 6 com 4 anos) e 8 do género masculino (4 com 5 anos e 4 com 4 anos de idade).

Era um grupo bastante interessado em aprender novas coisas, era também bastante activo, demonstrando sempre grande interesse em todas as aprendizagens que se foram desenrolando, aprendizagens essas que foram sempre de encontro aos seus interesses e necessidades.

Relativamente ao desenvolvimento do grupo, praticamente todas as crianças apresentavam um desenvolvimento de acordo com as suas idades, ou seja, quase todo o





## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

grupo desenvolveu as competências adequadas a cada área de conteúdo (área de formação pessoal e social, área da expressão e comunicação e área do conhecimento do mundo), tendo cada uma o seu ritmo. Estando no entanto 3 crianças a serem acompanhadas pela equipa de intervenção precoce, crianças estas que apresentam algum atraso a nível da linguagem.

Em relação ao domínio da expressão dramática, mais propriamente nas brincadeiras que decorriam na área da dramatização, das construções e da garagem, pude constatar que as crianças representavam vários papéis, inventando personagens, tais como: o de princesa, de fada, de médica, de mãe, de pai, de mecânico entre outros. Para além de imitarem também variadíssimas acções, como o de comer, de beber um café, de dar uma injeção, etc.

Durante a PES, surgiu também uma proposta relativamente a este domínio, que achei bastante interessante, a dramatização da história da carochinha, em que os animais intervenientes, foram os do projecto que estava a decorrer na sala - o dos animais (porco, galinha e ovelha) - em que as crianças imitaram as vozes destes, para além de se posicionarem e moverem de acordo com o animal em causa. Posso mesmo dizer que adoraram esta experiência. Contribuindo para desenvolver o jogo simbólico e estimular a atenção e a concentração.

Relativamente à expressão plástica, eram crianças que gostavam bastante de construir reproduções, utilizando quase sempre materiais de desperdício, o que, foi bastante evidente durante a minha intervenção, no decorrer do projecto que desenvolvemos, em que estiveram a construir molduras (quadros), tal como tinham visto numa exposição que realizamos ao museu de Évora (ver ponto 3.3.), mostrando sempre uma grande imaginação e criatividade.

Em suma, era um grupo que adorava desenhar, pintar e explorar novas técnicas e materiais, contribuindo para estimular a criatividade e o sentido estético. Para além de desenvolverem a motricidade global e ajudarem também a desenvolver o esquema corporal.

No que diz respeito à expressão musical, as crianças possuíam um extenso reportório de canções, em que observei que tinham uma elevada capacidade de decoração das mesmas, para além de se quererem exprimir, através da dança, do movimento corporal.



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

Através de propostas ligadas a esta área, têm a oportunidade de tocar e criar, dançar, cantar e escutar, sendo aspectos fundamentais para o seu desenvolvimento, permitindo que desenvolvam a sua coordenação auditiva e motora, que ampliem o seu vocabulário e expressem os seus sentimentos.

Relativamente à expressão corporal, este domínio é fundamental para que as crianças possam explorar diferentes formas de movimento e possam ter um maior domínio e percepção do seu corpo, é importante que realizem jogos de regras progressivamente mais complexas, permitindo exercitar o seu controlo motor. No entanto, durante o meu estágio, posso dizer que este domínio não foi muito trabalhado, visto ser uma actividade leccionada por um professor da área, apesar de ser extremamente importante nós educadores darmos atenção a todas as expressões, pois todas elas têm igual importância no desenvolvimento da criança, são a base de uma educação integrada.

### **2.1.2. Participantes do estudo**

Os participantes neste estudo foram as crianças da sala de creche e da sala de jardim-de-infância, através das suas opiniões, sugestões e ajuda nas mudanças das respectivas salas, as educadoras Marília Rôlo e Ana Sousa, e eu própria.

Tendo como objectivo para ambas as valências, perceber se o ambiente educativo se encontrava organizado de forma a proporcionar aprendizagens integradas, ou seja, se as crianças tinham espaço para circular de área para área e se estas se encontravam no local mais adequado, tanto a nível de luminosidade como a nível de localização, para que desta forma, pudessem exprimir as suas emoções livremente e pudessem dar azo à sua imaginação e criatividade, para tal, foi utilizada uma subescala da ITERS (creche) e da ECERS R (jardim-de-infância), relacionadas com espaços e materiais.

Outro dos objectivos, foi o de analisar e compreender a forma como eu estava a implementar o Modelo Curricular do MEM em jardim-de-infância. De modo a melhorar a minha acção educativa.

Em relação às subescalas “mobiliário e materiais” das Escalas ITERS (creche) e ECERS R (jardim-de-infância), os participantes foram tanto na PES I como na PES II,



as educadoras das respectivas valências e eu, de modo a partilharmos pontos de vista para assim melhorarmos estes cenários educativos.

Relativamente ao Perfil de Implementação do MEM, os intervenientes neste estudo, foram tanto numa primeira fase (PES I) como numa segunda (PES II), eu e a educadora de jardim-de-infância, em que primeiramente, antes de procedermos ao preenchimento da respectiva grelha, trocamos algumas opiniões e sugestões de modo a melhorar a minha acção educativa, e também para uma maior percepção de como este estava a ser executado.

A observação, a reflexão e o caderno de formação foram outros dos meios utilizados para melhorar a minha prática.

## 2.2. Estratégias de recolha de dados

Segundo Tuckman (2000), as fontes de obtenção de dados que podem ser utilizadas num estudo de caso, são normalmente de três tipos distintos, através de entrevistas, de observação ou documentos vários.

Em relação a esta investigação, estudo de caso, esta foi baseada no trabalho de campo, através de observações, de diálogos entre mim, as educadoras e as crianças, e da utilização de alguns instrumentos de avaliação, com a finalidade de analisar alguns aspectos relacionados com o ambiente educativo e com a minha própria acção educativa.

Uma investigação pode ser realizada segundo dois padrões, qualitativa ou quantitativa, sendo a primeira baseada nos dados obtidos através da observação e diálogos estabelecidos, em que estes aparecem de forma descritiva, a segunda, é baseada nos dados de natureza numérica, cuja apresentação surge de modo estatístico.

No decorrer da minha investigação e com a colaboração das educadoras das duas valências, fizemos uma recolha de dados, inicialmente qualitativo, através da observação (para ver até que ponto o espaço e materiais satisfaziam as necessidades e interesses das crianças), analisando os meus relatórios e planificações; por último quantitativo, preenchendo algumas subescalas relativamente ao mobiliário, **“mobiliário e sua disposição para crianças” (ITERS creche)** e **“materiais e mobiliário para as crianças” (ECERS-R jardim-de-infância)** e preenchendo também o **Perfil de**



**Implementação do MEM (sala de jardim-de-infância)**, de modo a alcançar os objectivos pretendidos.

## **2.3. Recolha e análise de dados**

### **Escalas ITERS e ECERS**

As escalas ITERS (Infant/ Toddler Environment Rating Scale) (Harms, Cryer, & Clifford, 1990) e ECERS R (Early Childhood Environment Rating Scale) (Harms, Clifford & Cryer, 1998) foram desenvolvidas por investigadores, nos Estados Unidos, com o intuito de avaliarem os ambientes educativos (tanto a nível, físico, como pedagógico, como interactivo), tanto em creche como em jardim-de-infância respectivamente, com vista a uma melhor qualidade destes.

No que diz respeito a estas duas escalas, eu em conjunto com as duas educadoras recorremos ao preenchimento de duas subescalas respeitantes ao mobiliário e materiais, tendo sido preenchidas numa primeira fase a 3/01/2013 (final da PES I) e numa segunda fase a 31/05/2013 (no final da PES II). Durante a avaliação destas, fizemos uma análise conjunta de forma a chegarmos a um consenso sobre as várias lacunas e também sobre alguns pontos positivos relacionados com o mobiliário e materiais existentes, atribuindo desta forma um valor a cada item (1-inadequado a 7-excelente), contribuindo para melhorar o ambiente educativo, tornando-o mais enriquecedor e funcional.

### **Escala ITERS (Infant/toddler Environment Rating Scale)**

#### **Análise dos Dados obtidos (ver anexos I e II)**

A escala ITERS (Infant Environment Rating Scale) (Harms, Cryer, & Clifford, 1990), é utilizada para avaliar o ambiente educativo em creche (0 a 30 meses). Esta é composta por 35 itens, estando estes agrupados em sete subescalas: “Mobiliário e sua Disposição para Crianças”, “Cuidados Especiais de Rotina”, “Escuta e Conversação”, “Actividades de Aprendizagem”, “Interacção” e “Estrutura do programa e Necessidades



do Adulto”. A avaliação de cada item pode ir desde o nível 1 (Inadequado) até ao nível 7 (Excelente).

Com o preenchimento da subescala “Mobiliário e sua Disposição para Crianças”, realizada em dois momentos distintos, no final da PES I e no final da PES II, e com os resultados obtidos, pude concluir que o rearranjo que fizemos na sala (eu com ajuda da educadora, da auxiliar e também das crianças) foi bastante benéfico para o grupo (passando do nível 3 para o 4), contribuindo para que as crianças se pudessem deslocar livremente de área para área, a sala ficou mais espaçosa e mais funcional proporcionando assim aprendizagens mais enriquecedoras e um ambiente educativo mais apelativo, pois foram retiradas algumas áreas pouco utilizadas, como a garagem e a carpintaria (negociando sempre com as crianças).

A área polivalente ficou com muito mais luz, ficando junto à janela, anteriormente estava localizada numa zona mais escura. Contribuindo para que as crianças possam observar o que se passa do lado de fora da instituição, podendo dar azas à sua imaginação e criatividade enquanto desenham, pintam, exploram materiais, ou fazem construções.

A área da dramatização também ficou de frente para essa mesma janela, em que anteriormente estava num canto mesmo muito escuro. Tal como a área polivalente, esta ficou também bastante beneficiada, pois estando numa zona onde podem observar o que se passa para além da janela, pode contribuir para que surjam novas brincadeiras, novas representações de papéis.

A área do tapete que anteriormente estava de costas para essa mesma janela, ficou quase ao lado, contribuindo para que surjam novas propostas de aprendizagens, pois o facto de puderem ver o que se passa do lado de fora contribui bastante para novas descobertas.

Em relação aos restantes itens (o tipo de mobiliário) não sofreram alterações, por questões financeiras. Apesar de algum mobiliário não ser o mais adequado para estas faixas etárias, como as estantes, posso avaliar que houve melhorias da PES I para a PES II, pois este rearranjo da sala veio contribuir para um maior conforto das crianças e para aprendizagens integradas.



## **Escala ECERS-R (The Early Childhood Environment Rating Scale-Revised)**

### **Análise dos dados obtidos (ver anexos III e IV)**

A escala ECERS-R (The Early Childhood Environment Rating Scale-Revised) (Harms, Clifford & Cryer, 1998), é utilizada para avaliar o ambiente educativo em jardim-de- infância (entre os 2 anos e meio e os 5). É constituída por 43 itens agrupados em sete subescalas: Espaços e Mobiliário, Rotinas e Cuidados Pessoais, Linguagem – Raciocínio, Actividades, Interação, Estrutura do Programa e Pais e Pessoal. A cada item é atribuído um valor que pode ir desde 1 (Inadequado) a 7 (excelente).

Através do preenchimento da subescala “Materiais e Mobiliário para as Crianças”, realizada em dois momentos diferentes, no final da PES I e no final da PES II, pude concluir segundo os dados obtidos que houve uma melhoria não muito significativa (pois um único parâmetro sofreu alteração, passando do nível 4 para o nível 5) mas de grande relevância, ou seja, no que diz respeito à relação do material exposto com a criança, melhorei este parâmetro, colocando na maioria das vezes todos os trabalhos realizados pelas crianças ao seu alcance, para que os pudessem observar, para além de todo o material utilizado por estas no seu dia-a-dia, como folhas, pinceis, tintas, lápis, canetas, tesouras, revistas, jornais, entre outros, estarem ao seu alcance, contribuindo para que livremente, sem terem que pedir a um adulto, possam dar aso à sua imaginação e criatividade, desenvolvendo desta forma aprendizagens mais enriquecedoras e motivadoras.

No que diz respeito aos restantes itens, estes não sofreram alterações, por uma questão de tempo.

## **Perfil de Implementação do Modelo MEM**

### **Análise dos dados obtidos (ver anexo V)**

O perfil de Implementação do Modelo MEM é utilizado pelos Educadores de Infância que regem a sua Prática Educativa através dos princípios deste modelo, contribuindo para que realizem uma análise reflexiva sobre o modo como este se encontra a ser implementado na sala, possibilitando uma possível melhoria no processo educativo.



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

Este instrumento de avaliação, encontra-se estruturado em duas partes distintas, Perfil de utilização (fazendo referência à organização do trabalho curricular) e o Perfil de mobilização dos princípios orientadores. É constituído por três colunas diferenciadas, destinando-se estas à realização de três recolhas distintas ao longo do ano lectivo, permitindo deste modo que o Educador analise e avalia as evoluções relativamente à sua Prática. Em relação ao modo de preenchimento, este possui quatro valores distintos, entre 1 (ainda não utilizo) e 4 (utilizo sempre).

Em relação a este Modelo Curricular, recorreremos (eu e a educadora da Sala de jardim-de-infância, Ana Sousa) ao preenchimento da respectiva grelha (investigação quantitativa), com o intuito de compreendermos se este Modelo Curricular está a ser implementado de acordo com os vários itens apresentados neste. Entretanto, também consultei alguns relatórios e planificações, de modo a fazer uma análise da minha prática no que diz respeito a este Modelo, para que assim pudesse melhorar algumas situações.

Realizamos o preenchimento da grelha em dois momentos, o primeiro depois de terminar a PES I (03/01/2013) e o segundo no final da PES II (31/05/2013), durante o preenchimento desta (em que conversamos sempre primeiro antes de atribuir um valor, de modo a chegarmos a um consenso), fomos dialogando e debatendo os nossos pontos de vista, para que a minha intervenção pudesse ser melhorada. Na primeira recolha, fizemos uma análise de nós as duas (da nossa prática no que diz respeito a este Modelo), visto na PES I só ter estado uma manhã por semana. Na segunda e última recolha, fizemos uma análise unicamente em relação ao meu desempenho durante a PES II.

Através da análise que fiz ao Caderno de Formação, registos e planificações, e através do preenchimento da grelha do Perfil de Implementação do MEM, foram obtidos alguns dados que permitiram constatar qual dos valores (1 - ainda não utilizo a 4 – utilizo sempre) estava mais presente, contribuindo para ter uma maior percepção se este se encontrava a ser implementado de forma correcta. Concluindo que apesar não ter sido implementado de uma forma 100% correcta, foi bastante positiva, havendo uma melhoria da PES I para a PES II, nomeadamente em relação às visitas de estudo/saídas que começaram a ser efectuadas com alguma regularidade, como forma de enriquecimento das aprendizagens, passando do serem realizadas *às vezes* para *com frequência*, concluindo-se que houve uma melhoria da minha prática., estando a utilizar quase todos os parâmetros de acordo com o modelo curricular do MEM.



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

Em suma, considero que através do preenchimento, análise e reflexão do Perfil de Implementação do Modelo MEM, a minha Prática Educativa melhorou consideravelmente, tendo-me ajudado a compreender e a reflectir sobre a importância de princípios fundamentais para esta profissão.





## 3 – A Intervenção Educativa Realizada



## Introdução

No decorrer da PES, foram inúmeras as propostas colocadas pelas crianças e por mim, tendo sempre em consideração a faixa etária em questão, as competências, as necessidades e a experiência de vida de cada uma. Contribuindo desta forma para “*Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança (...) numa perspectiva de educação para a cidadania*” (ME, 2009, p. 15). Estando a maioria das actividades relacionadas com as expressões artísticas, pois através destas, as crianças adquirem diversas competências e experiências fundamentais para o seu futuro. Pois a educação através das expressões artísticas,

Proporciona à criança um clima em que ela se pode expressar livremente, aceitando as manifestações emocionais de vária ordem que ela expressa, canalizando-as ou sublimando-as em tarefas que a possam compensar das dificuldades com que necessariamente se têm que defrontar na sua vida. (Sousa, 2003, p. 85)

### 3.1. Enriquecimento do Ambiente Educativo

A disposição do espaço deve proporcionar um ambiente que possibilite o desenvolvimento integral da criança, tanto a nível sensorial, perceptivo, psicomotor, das necessidades fisiológicas, assim como no que se refere a relações sociais, afectividade e comunicação, logo, na organização do espaço, há que ter em conta alguns critérios, tais como: deve ser atractivo e tranquilo, estimulante e ordenado; deve potenciar de forma igual todos os aspectos do desenvolvimento da criança; deve ser adequado às suas necessidades; deve ser favorecedor da participação e relação, mas também do isolamento, do trabalho e jogo individual; deve responder à intencionalidade educativa e deve proporcionar a autonomia.

Durante a PES, em conjunto com os grupos de ambas as valências, procedemos (eu e respectivas educadoras) à reorganização do ambiente educativo (como já referi anteriormente, ponto 2), de modo a que este se torna-se mais funcional, mais acolhedor, proporcionando assim aprendizagens mais enriquecedoras e integradas. Pois “*Um*



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

*ambiente bem pensado promove o progresso das crianças em termos de desenvolvimento físico, comunicação, competências cognitivas e interações sociais. Este ambiente permite que as crianças façam aquilo que naquele momento conseguem fazer, mas que, no entanto, cresce com elas.*” (Post & Hohmann, 2011, p.101). Para tal, procedemos ao preenchimento de duas subescalas relacionadas com o mobiliário e materiais, pertencentes às escalas ITERS (creche) e ECERS (jardim-de-infância), de modo a termos uma maior percepção do que poderia ser melhorado nestes ambientes educativos, onde concluímos que em ambas as valências o arranjo da sala era realmente uma situação a melhorar. Outro aspecto que considerámos ser de extrema importância para o bom desenvolvimento das crianças, contribuindo assim para a sua autonomia, foi relativamente à disposição dos materiais existentes na sala, que infelizmente não se encontravam ao alcance das crianças, estando estas sempre dependentes de um adulto (ver anexos I, II, III e IV).

Em relação ao estágio em creche, após observar e ter dialogado com os adultos da sala, com as crianças e após o preenchimento da referida subescala, verificámos que esta não se encontrava organizada de uma forma funcional, onde estas pudessem circular livremente e pudessem ser mais autónomas, não necessitando constantemente da ajuda de um adulto para lhes dar por exemplo uma folha de papel, ou um lápis ou até mesmo as canetas e revistas. Como tal, considerei necessário alterar a disposição das áreas e até mesmo proceder à anulação de outras.

Tendo a área da dramatização, dos jogos, do tapete e a zona polivalente sofrido alterações no espaço, pois achei importante esta mudança, de modo a que a sala se torna-se mais acolhedora e funcional, colocando desta forma as áreas mais barulhentas para um lado e as menos para outro, para além de termos ganho mais espaço, isto porque, retirámos a área da garagem, pois em conversa com o grupo e depois de chegarmos a um acordo, chegámos à conclusão que esta já não era quase utilizada, assim como a da carpintaria. Em relação à disposição dos materiais, estes ficaram ao alcance das crianças de modo a promover a autonomia destas, pois anteriormente encontravam-se em prateleiras bastante altas, dificultando o seu acesso. Deste modo, penso ter contribuído para um maior conforto das crianças, permitindo que continuassem a ampliar as suas aprendizagens, para além disso contribuí também para que desenvolvessem diversas capacidades, tais como: a exploração de materiais que anteriormente não estavam ao seu alcance e por sua vez o desenvolvimento da imaginação, da criatividade e a expressão das emoções. Pois numa educação cuja base seja a arte, tal como refere o projecto educativo da instituição, é importante que



proporcionemos um ambiente educativo que estimule a criatividade, a expressão dos sentimentos e que seja inspirador.

Relativamente a jardim-de-infância, o processo foi o mesmo, em que procedi também à reorganização da sala (apesar de se ter mantido no mesmo nível - 6), pois existiam algumas áreas que já estavam a ser pouco utilizadas pelas crianças, como a biblioteca e a garagem, em que, em conversa com a educadora, com a auxiliar e com as crianças, decidimos alterar a sua disposição, ou seja, anteriormente estas encontravam-se em zonas de pouca luz, levando as crianças a desinteressarem-se por estas. Posteriormente, resolvemos coloca-las precisamente numa zona de bastante luminosidade, ficando a biblioteca junto a uma janela e a garagem de frente para esta. Tendo verificado, que com esta mudança a sala ficou muito mais apelativa, em que as crianças começaram a frequentar muito mais estas áreas. Tal como referi anteriormente, o espaço é fulcral para proporcionar aprendizagens integradas, para proporcionar uma educação holística “(...)englobando todos os modos de expressão individual: musical, dançada, dramática, plástica, verbal, literária e poética”. (Sousa, 2003, p. 25)

Relativamente à relação dos materiais expostos para as crianças, afixei quase sempre todos os trabalhos à sua altura, para que estes os pudessem observar, para além de todo o material, como tesouras, pincéis, lápis, canetas, folhas, entre outros, ficarem também ao seu alcance, contribuindo para a sua autonomia.

### **3.2. Potenciar as Expressões Artísticas ao longo da PES**

Durante a PES, a nível de creche, acabei por me focar mais na expressão musical, corporal e plástica, apesar da expressão dramática ter estado sempre presente nas brincadeiras das crianças. Em relação a jardim-de-infância, foquei-me mais na expressão dramática e plástica, estando no entanto sempre presentes as outras expressões.

#### **Expressão Musical**

*“A expressão musical assenta num trabalho de exploração de sons e ritmos, que a criança produz e explora espontaneamente e que vai aprendendo a identificar e a produzir (...)”.* (ME, 2009, p.63)



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

Com a expressão musical, as crianças têm oportunidade de desenvolver diversas competências, a nível corporal, bem como contribui para o desenvolvimento da memória, da concentração, da criatividade, da imaginação e até mesmo da aquisição da linguagem.

No decorrer da PES em creche, a expressão musical foi abordada com alguma regularidade. Nestes momentos, eu cantava em conjunto com as crianças, dando bastante entoação e acompanhando-as com movimentos corporais e rítmicos, como forma de compreenderem melhor o significado de cada palavra e das canções. Tal como já referi anteriormente, era um grupo que facilmente conseguia reproduzir canções que já conheciam, respeitando quase sempre os ritmos, para além de demonstrarem sempre muito interesse em aprender novas cantigas, como por exemplo, quando lhes ensinei uma sobre as cores (assunto que a Educadora da sala tinha vindo a abordar com alguma frequência), que surgiu do seguimento de uma história relacionada também com esta temática, o entusiasmo foi visível. Numa primeira vez que a cantei, pausadamente e de uma forma calma, as crianças ficaram muito atentas a ouvir. Posteriormente, voltei a cantar, mas por partes, ou seja, cantei uma primeira parte e logo de seguida as crianças tentavam reproduzir o que ouviam, seguidamente, cantei a outra parte e as crianças tentavam novamente imitar, repeti este processo algumas vezes até estas interiorizarem a canção. Numa fase final, principalmente as mais velhas a C. e o T. já conseguiam reproduzir toda a canção na íntegra, respeitando sempre o ritmo desta. Observei, que sem dúvida é uma proposta muito prazerosa para estas idades, pois todo o grupo estava completamente envolvido e empenhado em conseguir aprender esta canção, para além de ter contribuído para um retorno a calma, isto porque, como já mencionei anteriormente, cantei de *“uma forma serena e com um tom de voz baixo, de modo a ficarem mais tranquilos (...)”* (relatório semanal de 11 a 15 de Março de 2013 – Anexo VI).

Também observei, que gostavam bastante de se movimentarem enquanto escutavam música, adoravam explorá-la, principalmente nas aulas de ginástica, nos circuitos ou jogos propostos, em que era sempre colocado um CD.

Os jogos musicais e corporais das crianças, espontâneos e simultâneos têm a sua razão biopsicológica. Quando ela canta, grita, ri, bate palmas, com os pés, corre, salta e dança, efectua estas actividades porque disso tem necessidade. Há uma força motivacional que a impele para tal. (Sousa, 2003, p.21)



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

A música e todos estes movimentos corporais, proporcionam inúmeras vivências, fulcrais para o seu enriquecimento a nível pessoal e para o desenvolvimento da sua personalidade.

Outras duas situações, onde a música era bastante apreciada, era quando exploravam alguns instrumentos musicais existentes na sala (metalofone e maracas), em que não se cansavam de estar longos momentos ao pé destes, mexendo-lhes e explorando-os das mais variadíssimas maneiras, de modo a ouvirem o som que estes reproduziam. Outro dos momentos, em que a música era bastante apreciada, era nos momentos de relaxamento, quando, por vezes, no final da manhã era colocado um CD de música calma, em que se começava logo a sentir um silêncio na sala, uma tranquilidade.

Em suma, a música é a base para todo o funcionamento cognitivo e social.

### **Expressão Plástica**

A expressão da criança é motivada pelo que mais a impressiona. Não admira, portanto, que, quando pega em pincéis e tintas, exprima com emoção (...) o que mais a impressiona e contribui para a sua maneira de ser e de agir. É essa a sua forma de aprender o mundo que a rodeia e de intervir nele. (Sousa, 2003, p. 168)

Através desta arte, as crianças têm oportunidade de explorar diversos materiais e técnicas, contribuindo para desenvolver a criatividade, o sentido estético, a imaginação, a motricidade global, a socialização e a autoconfiança.

Durante a PES em creche, este domínio foi abordado diariamente, quer através de várias propostas sugeridas por mim quer através de propostas sugeridas pelos adultos da sala. As crianças experienciaram diversos materiais e algumas técnicas de pintura e expressão plástica, como o recorte, a rasgagem, a colagem, entre outros. Todas estas propostas surgiram sempre do interesse manifestado pelas crianças, através dos nossos diálogos, com o intuito de lhes dar liberdade de se expressarem, e ao mesmo tempo contribuir para um maior controlo dos seus movimentos, do seu corpo. É importante que as crianças tenham toda a liberdade para se expressarem, sem restrições,

A expressão, a necessidade e o desejo de criar e representar tudo aquilo que se quer, de uma forma artística, deve estar acima do desenvolvimento de quaisquer técnicas. Toda a mecânica da arte é secundária, pois uma vez despertada a curiosidade e a vontade de se



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

expressar, a própria criança, a longo prazo, pedirá mais informação e desejará conhecer mais acerca do uso dos materiais. (Lowenfeld, 1980, in Sousa, 2003, p. 184)

Vou então descrever duas propostas desenvolvidas pelas crianças. A primeira refere-se a uma proposta sugerida por mim após a leitura de uma história intitulada “Adoro-te de todas as cores” de Alain Chiche, ou seja, como a educadora Marília tinha intenção de lhes começar a falar sobre as cores, eu, numa das nossas reuniões de grupo da manhã, perguntei às crianças se gostariam de ouvir uma história que falava de algumas cores, ao que muito entusiasmadamente me responderam que sim, então, comecei por lhes mostrar a capa do livro, dizendo-lhes o título e apontando para o desenho (uma flor com uma pétala de cada cor), depois, abri-o e volteio para as crianças de modo a poderem ver as ilustrações (como forma de interpretar as imagens), entretanto, logo aqui, o silêncio foi geral, seguidamente, comecei a ler pausadamente, dando bastante entoação, de modo a cativar as suas atenções, no decorrer da história fui sempre dando exemplos da natureza, ou de objectos, cuja cor fosse igual à da pétala em questão, como por exemplo, quando lhes mostrei a pétala azul disse-lhes: “Já repararam, esta pétala é azul, assim como o céu, e também como o chapéu da C.”, ficaram muito contentes por eu lhes ir dando estes exemplos, acabando por ficarem mais entusiasmadas e envolvidos na história, para além de interiorizarem mais facilmente as cores, através desta forma lúdica. No final, já algumas crianças tentavam dar alguns exemplos com objectos existentes na sala. Depois de concluída a leitura desta, perguntei-lhes se gostariam que eu colocasse algumas tintas em pratos de modo a explorarem as cores, aqui, a agitação foi grande, então, comecei por lhes dizer que só queria 3 crianças em cada mesa, enquanto as restantes iriam para as áreas brincar, e à medida que cada uma acabasse a sua exploração, trocava com as das áreas, de modo a todos poderem experienciar. Começaram então a sentar-se, a mexer, a explorar e até mesmo a misturar as tintas para ver o resultado (tintas estas que previamente a auxiliar Patrícia já havia colocado em pratos em cima das mesas). Depois deste momento livre de exploração, perguntei-lhes se gostariam de experimentar colocar um copo dentro da tinta e logo depois numa folha de papel de modo a verem o resultado final. Ficaram logo muito contentes e disseram-me que sim, trouxe-lhes então copos, coloquei cada um deles dentro de um prato de tinta e pedi-lhes posteriormente que agarrassem cada um em seu copo e que os calcassem depois na folha. Adoraram o resultado, já nem queriam

terminar, inclusivamente, “ (...) a M., esteve sempre muito empenhada e interessada, pois quis manter-se nesta actividade até explorar bem esta nova técnica e todas as cores, ficando até à hora do almoço. “ (ver fig. 1) (relatório de 30 de Outubro de 2012 – Anexo VI). Com esta experiência as crianças tiveram oportunidade de ser criativas e de expressarem as suas emoções. “O contacto com o mundo das cores no pré-escolar é um momento mágico para qualquer criança” (relatório de 30 de Outubro de 2012 – Anexo VI).



Fig. 1 - A pintura com copos realizada na valência de creche

Outra das actividades refere-se à construção dos ovos da páscoa, visto naquela altura nos encontrarmos na Páscoa, e também porque uma das criança nas nossas conversas da manhã (reunião de grupo) partilhou com as restantes que tinha comido um ovo de chocolate, suscitando desta forma interesse por parte das restantes, principalmente porque algumas não sabiam o que era um ovo da Páscoa. Entretanto, perante este diálogo perguntei-lhes se gostariam de construir uns ovos da Páscoa, ao que me responderam logo que sim. Então, antes de começarmos a construção dos nossos ovos, expliquei-lhes que não poderíamos todos participar nesta proposta, e que por isso uns iriam para as áreas brincar, enquanto outros começariam os nossos ovos e que noutra dia trocaríamos, ou seja, os que tinham estado nas áreas iriam para os ovos e as restantes crianças que já haviam experienciado esta proposta iriam para as áreas. Todos concordaram, então, fiquei com três crianças numa mesa, a educadora Marília com outras três e as restantes ficaram nas áreas a brincar com a auxiliar Patrícia.



Primeiramente, comecei por lhes trazer revistas e dois alguidares, dizendo-lhes que iríamos rasgar tiras das folhas das revistas, exemplificando, aqui o Rd. pediu-me se podia cortar as tiras com uma tesoura, eu disse-lhe que sim (contribuindo para desenvolver a motricidade fina), começaram então a rasgar várias e a colocá-las nos alguidares, desenvolvendo desta forma a motricidade fina (ver fig. 2), depois de termos uma considerável quantia de tiras, eu com a ajuda da Marília, fomos buscar balões, pinceis e dois boiões com cola, começamos então por encher dois balões de cada vez, e com a nossa ajuda começaram então a espalhar cola por estes e posteriormente a colar as tiras, de modo a que o balão ficasse todo coberto. Aqui, observei que a M. e a L., *“estiveram sempre muito cuidadosas (...) com a preocupação de taparem todos os bocadinhos de balão que ainda estavam à mostra.”* (notas de campo relatório semanal de 18 a 22 de Fevereiro de 2013 – Anexo VI) (ver fig. 3). Observei, que a maioria das crianças era bastante cuidadosa com o escorrer do pincel, fiquei bastante surpreendida com esta situação, devido às suas tenras idades.



Fig. 2 e 3 – Na construção dos ovos da Páscoa

No final, depois dos balões estarem cobertos de pedaços de papel e da cola já ter secado, foi pedido às crianças que os pintassem com pinceis, da cor que mais desejassem, tendo sempre a ajuda de um adulto da sala (ver fig. 4). Aqui observei, que o pintar é realmente uma das actividades que mais prazer dá às crianças.

Por fim, já depois de pintados e secos, perguntei-lhes se gostariam de os decorar, trazendo para a mesa diversos materiais, como lãs, papel crepe, papel de lustro entre

outros, tendo a oportunidade de desenvolverem a criatividade, o sentido estético e a motricidade fina. Pelo que observei, a M. esteve sempre muito envolvida nesta proposta, estando a recortar com a tesoura alguns rectângulos de tecido (com a ajuda de um adulto) e posteriormente a colá-los no balão (ver fig. 5). Sem dúvida, esta actividade suscitou um grande entusiasmo nas crianças.



Fig.4 e 5 - A pintarem e a colarem bocados de tecido

Em relação à PES em jardim-de-infância, a expressão plástica foi abordada diariamente pelas crianças, através de desenhos, pinturas, recortes, colagens, construções em 3D, entre outros. As crianças exploraram diferentes materiais e técnicas, tendo oportunidade de trabalhar da forma que mais desejassem (individualmente, a pares ou em grupo).

No que diz respeito às propostas desenvolvidas, irei descrever duas, tal como em creche. Irei começar por falar na construção de uma maquete de uma cidade, em que esta proposta surgiu do interesse de algumas crianças, ou seja, numa das nossas reuniões de grupo em que falávamos do possível enriquecimento da zona da garagem, pediram-me (o P. e o G.) para construir uma maquete de uma cidade, onde pudessem brincar com os carros e bonecos existentes nesta área, dizendo-me que gostavam que esta se pudesse fechar, para que a pudessem arrumar. Começamos por cortar a caixa em cruz (eu com a ajuda do P. e do G.) de modo a formar as ruas e com o intuito que esta se



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

pudesse fechar e abrir, tal como me haviam pedido, depois, o P. e o G. foram buscar um boião de tinta e dois pinceis, de modo a darem início à pintura das ruas, seguidamente, foram buscar todo o material de que necessitavam para começar a construir as casas, prédios, janelas e portas (restos de papel de lustro, papel higiénico, papel autocolante, caixas pequenas de fósforos, tesouras e cola), reunindo todo o material em cima de uma mesa, de modo a darem início às suas construções. Entretanto, a S, quis juntar-se ao P. e ao G., dizendo-lhes que os iria ajudar na construção de algumas flores, árvores e num baloiço, indo também buscar todo o material necessário (rolhas de cortiça, papel de lustro, papel canelado, papel crepe, tubos pequenos dos rolos de linhas, etc.). Aqui observei que estas crianças já são bastante autónomas, principalmente o P. que entretanto quis ajudar a S. e que me

(...) Disse que queria fazer umas árvores grandes, eu respondi-lhe que estava bem, então foi buscar todo o material de que necessitava e fez tudo sozinho, seguidamente, ainda esteve a ajudar um dos colegas a forrar uma caixa pequena (prédio). Depois disse-me: Sandra, a cidade precisa de ter mais flores, por isso vou fazer mais, posso?”. Antes de começar com as flores, arrumou tudo o que já não precisava e foi buscar então material para as flores. Confesso que fiquei bastante surpreendida com o Pedro, (reflexão de 2 a 5 de Abril de 2013 – Anexo VI)

Para além de ter observado que este trabalho a pares resultou muito bem, existindo uma grande interajuda. Quanto ao resultado final não poderia ser melhor, as crianças adoraram (ver fig. 6 e 7).

Com esta proposta, as crianças desenvolveram a criatividade, a imaginação, a concentração, o sentido estético e a motricidade fina, para além de terem trabalhado a pares, desenvolvendo deste modo a socialização e a comunicação e também a autonomia e a interajuda.



Fig. 6 e 7 – Na construção da maquete da cidade

Outra proposta desenvolvida nesta área da expressão plástica foi a construção das molduras relativamente ao projecto, que surgiu do interesse das crianças, ou seja, depois de termos realizado uma visita ao museu de Évora para observarmos como se organizava uma exposição, o grupo do projecto dos animais, decidiu que gostaria de fazer umas molduras para colocarmos todo o projecto, tal como tinham vista na exposição de quadros sobre a vida da Virgem Maria (ver fig. 8), depois desta decisão, reunimo-nos para decidir como iriam ser essas molduras, entretanto, uma das crianças sugeriu que utilizássemos material de desperdício, os restantes elementos concordaram. No dia seguinte pedimos a uma das Mães que nos arranjasse algumas caixas de cartão, e demos então início à construção das molduras, em que cada uma das crianças decidiu como gostaria de a enfeitar, utilizando as mais variadíssimas técnicas e materiais de desperdício (caixas de cartão, capsulas do café, esponja, entre outros), contribuindo desta forma para desenvolverem a concentração, a motricidade fina e também a interajuda, para além de terem tido oportunidade de darem asas à sua imaginação e criatividade (ver fig. 9 e 10).

Em suma, *“As artes plásticas ... na educação de infância assentam essencialmente em actividades de expressão, fruição, experimentação e descoberta, que constituem pilares sobre os quais as aprendizagens futuras e a personalidade se vão edificar.”* (Godinho & Brito, 2010, p.9).



Fig. 8 – A observarem os quadros da exposição



Fig. 9 e 10 - Na construção das molduras

## Expressão dramática

A expressão dramática é fundamental em todos os estádios da educação. Considero-a mesmo como uma das melhores actividades, pois consegue compreender e coordenar todas as outras formas de educação pela arte. Partindo-se do ponto de vista de que a educação pela arte é o método fundamental da educação do futuro, poder-se-á compreender o alto significado da expressão dramática. (H. Read, 1943, in Sousa, 2003, p. 20)

A expressão dramática tem como fonte o jogo natural da criança, onde estas improvisam e imitam personagens de uma forma espontânea e natural, exprimindo os seus sentimentos, emoções, desenvolvendo a imaginação, a socialização e a comunicação, para além de vivenciarem diversas experiências e de aprenderem a

improvisar, recorrendo à imaginação e representação corporal. Em suma, a criança exterioriza a sua forma de ser, compreende e experimenta comportamentos dos adultos e manifesta as suas emoções.

Na PES em creche, a expressão dramática foi abordada com grande frequência pelas crianças, através da área da dramatização (ver fig. 11), em que as crianças tinham oportunidade de representar situações do quotidiano, através dos vários adereços e utensílios existentes nesta, pois nestas idades já desenvolvem actividades simbólicas, que com o passar do tempo irão ganhar complexidade. É sem dúvida uma das áreas mais apreciadas pelas crianças, em que estas demonstram sempre um grande envolvimento e entusiasmo.



Fig. 11 – Na área da dramatização

Em jardim-de-infância, também foi abordada diariamente tal como em creche, através da área da dramatização (ver fig. 12 e 13), em que as crianças possuíam inúmeros objectos e adereços reais, de situações do quotidiano, permitindo que estas imitassem e interpretassem diversas personagens e situações do dia-a-dia, para além de contribuir para que desenvolvessem a expressão, a comunicação e a socialização. Tal como em creche é a área de eleição das crianças, estando sempre muito empenhadas nas suas representações.



Fig. 12 e 13 – Na área da dramatização

Para além da exploração da área da dramatização, as crianças tiveram oportunidade de dramatizar a história da carochinha (ver fig. 14 e 15), em que os animais intervenientes foram os do projecto dos animais, ou seja, o porco, a galinha e a ovelha, projecto este que irei falar no ponto a seguir (ver ponto 3.3.). Em primeiro lugar, a minha colega Elsa como sabia que estávamos a tentar tirar algumas dúvidas que surgiram relativamente a estes animais, resolveu ir ao colégio fazer a dramatização da história da carochinha, as crianças ficaram maravilhadas.

Primeiramente, comecei por ir chamá-los ao pátio exterior, pois encontravam-se na hora do recreio, depois, à medida que iam entrando, pedi-lhes que fossem à casa de banho fazer a higiene e que posteriormente se sentassem no chão de frente para o cenário, depois de todos terem ido ao wc., disse-lhes que não poderiam falar, porque a Elsa e a Anabela (auxiliar da sala) queriam dar início à representação da história da carochinha. No decorrer da encenação, observei que a Susana estava tão entusiasmada que até esfregava as mãos de contente, estava completamente envolvida. No final, perguntei-lhes se gostariam de fazer alguma pergunta à Elsa, disseram-me que não, mas quando lhes propus que fossem eles próprios a experimentar, representar, a alegria foi imensa, todos quiseram encenar os vários papéis. É importante que possam experienciar estas situações, além disso se era uma situação que lhes estava a dar tanto prazer, porque não experimentar? (relatório semanal de 20 a 24 de Maio de 2013 – Anexo VI)

Então, como o grupo de crianças era superior às personagens da história, dividi-o, ou seja, enquanto uns representavam, outros assistiam, e foram trocando até todos experimentarem (tendo sempre o meu auxílio e da Elsa na troca de adereços e nas falas).

Durante a dramatização as crianças mostraram-se sempre muito envolvidas e entusiasmadas, imitando mesmo as vozes dos animais em causa. Outra situação que observei, foi que algumas ficaram muito mais inibidas, talvez devido a estarem expostas, de se sentirem observadas.

Com esta proposta, as crianças tiveram oportunidade de desenvolver a oralidade, a socialização, a interajuda, para além de terem tido oportunidade de representar diversos papéis, de se exprimirem.



Fig. 14 e 15 – Dramatização de uma história

## Expressão Corporal

*“O corpo que a criança vai progressivamente dominando desde o nascimento e de cujas potencialidades vai tomando consciência, constitui o instrumento de relação com o mundo e o fundamento de todo o processo de desenvolvimento e aprendizagem”.*  
(ME, 2009, p. 58)

Com o decorrer dos anos a criança vai adquirindo diversas capacidades, capacidades essas adquiridas através das várias experiências vivenciadas no seu dia-a-dia e que são fundamentais para o seu desenvolvimento integral,

Experimentar e reconhecer o salto, identificar a parte do corpo que mexe, controlar as paragens, reproduzir um ritmo em movimentos, explorar a amplitude destes últimos, perceber a sensação de girar, de cair, são maneiras da criança se preparar progressivamente para uma expressão corporal estruturada (Andrea, 2011, p.17).





É importante que se trabalhe com as crianças a expressão motora, pois através desta vai tendo uma maior percepção do seu corpo e das suas potencialidades, contribuindo para que progressivamente consiga manifestar e identificar sensações, identificando e aceitando desta forma as suas próprias características e as dos outros.

Durante a PES em creche, onde abordei mais aprofundadamente este domínio, isto porque, em jardim-de-infância existe um professor que lecciona esta expressão, tive sempre em conta as capacidades motoras já adquiridas pelas crianças e a faixa etária em causa, para que desta forma pudesse proporcionar propostas que contribuíssem para o seu desenvolvimento neste campo, ou seja, proporcionei sessões de movimento onde as crianças tiveram oportunidade de andar, rastejar, rolar, saltar, correr, dar cambalhotas, lançar bolas, entre outras, contribuindo para um melhor controlo e percepção do seu próprio corpo, ou seja, organizamos alguns percursos onde as crianças ultrapassavam alguns obstáculos (ver fig. 16), organizamos também jogos com bola, actividades de dança (ver fig. 17), entre outros, que contribuíram para desenvolver habilidades motoras fundamentais de locomoção, manipulação e posturais. De entre as várias sessões de movimento, irei descrever uma, em que foram organizados dois circuitos diferentes, ou seja,

Com a colaboração da Marília e da Patrícia organizámos dois circuitos. Colocando num primeiro e de uma forma sequencial, duas passadeiras, onde as crianças tinham que caminhar por cima destas mantendo o equilíbrio, depois passavam por dentro de um túnel de plástico, a seguir, tinham que contornar (esquerda – direita) cinco pines (trabalhando a lateralidade), posteriormente saltavam com os pés juntos dentro dos arcos (10) e por fim davam uma cambalhota no colchão. Eu a Marília e a Patrícia estivemos sempre a apoiar as crianças durante todo o circuito. Neste primeiro e pelo que observei a maior dificuldade foi nas cambalhotas, para uma próxima vez terei que pensar melhor e optar por algo que seja mais adequado às suas idades.

No segundo circuito, fiz algumas alterações, ou seja, em vez das passadeiras coloquei o escorrega de espuma e o colchão à frente, para que as crianças pudessem escorregar da forma que quisessem, substituí o túnel pelo cubo, onde as crianças passavam por dentro deste, retirei os pines, os arcos mantiveram-se, mas desta vez as crianças tinham que abrir as pernas e passar com os dois pés ao lado destes, no final do circuito, tirei o colchão e coloquei o túnel na vertical, de forma a que as crianças ao chegarem ao último arco tentassem acertar com uma bola dentro deste. No último trajecto, observei que todo o grupo teve maior dificuldade na parte dos arcos, onde o facto de abrir as pernas e passar com os pés ao lado do arco

não foi a melhor opção. Este tipo de sessões são importantes para estas idades, pois segundo Post e Hohmann (2011) Quando as crianças têm o espaço e a liberdade para se movimentarem sem constrangimentos, aprendem a medir a sua força física e os seus limites e exercitam padrões de movimentos até que o seu domínio os impele ao próximo desafio físico. (relatório semanal de 25 de Fevereiro a 1 de Março de 2013 – Anexo VI)



Fig. 16 e 17 – Alguns movimentos de expressão corporal

### **3.3. Projecto de intervenção em Jardim-de-Infância “ O Porco, a galinha e a ovelha”**

#### **Fundamentação teórica**

A palavra projecto vem do latim “projectu” que significa “lançado” relacionando-se com o verbo latino “projectare” que quer dizer lançar para diante. (...) Assim, a palavra “projecto” está ligada à de previsão de algo que se pretende realizar e tem diversas acepções que correspondem a graus diferentes dessa previsão (...) (Katz, Ruivo, Silva & Vasconcelos, 1998, p. 91)

O trabalho de projecto tem como objectivos solucionar, alterar ou esclarecer uma determinada situação, problema, ou até mesmo curiosidade, em que para tal é



desenvolvido um projecto de acordo com os interesses e necessidades manifestadas, a fim de responder às questões apresentadas.

Segundo Kilpatrick (2008, p.139), este trabalho é dividido em várias fases, inicialmente através da **definição do problema** (levantamento dos problemas/interesses/necessidades que precisam ser resolvidos, com o intuito de ampliar conhecimentos ou modificar algo.); seguidamente dá-se então início à **planificação e lançamento do projecto** (é de extrema importância determinar o que realmente se pretende, ou seja, o que já se sabe, o que se quer saber, mudar ou fazer e como e onde encontrar soluções para a questão em causa, nesta fase, procede-se também à distribuição do trabalho, em que se decide quem faz o quê e quando, planeamento, decidindo-se o que é necessário arranjar /procurar para que o projecto se concretize); numa terceira fase surge então a **execução do projecto** (a acção directa, a recolha de informação através dos vários meios escolhidos pelas crianças, a organização e o registo desta. Por vezes nesta fase surgem novas dúvidas que nos levam a uma nova reorganização do trabalho), segundo Lopes da Silva (1998) *“O projecto vai-se concretizando através de um processo que tem uma evolução que pode não ter sido inteiramente prevista, desde o início. (...) É esta ideia de construção progressiva que determina que um projecto tenha diferentes (...) que se interligam”* (p.94); por fim, temos a ultima fase do projecto, **a divulgação e a avaliação** (que são feitas em simultâneo, ou seja, a avaliação é feita durante a apresentação/divulgação do projecto. Esta apresentação consiste na divulgação de todo o trabalho, processos, percursos e meios utilizados para alcançar os objectivos pretendidos e de todas as aprendizagens ou alterações efectuadas. Divulgação esta que pode ser transmitida, através de vários meios, como exposições, comunicações, através de uma estação de rádio, etc. Com o objectivo de toda a comunidade ter conhecimento do projecto em causa. Para tal, é importante que previamente sejam feitos uns convites, para dar aos Pais, amigos, colegas e funcionários, para que sejam alertados do dia e da hora da divulgação do mesmo).

Após e durante a divulgação do projecto, é realizada uma avaliação deste, em que em conjunto com os intervenientes, é feito um balanço de como este decorreu, das aprendizagens realizadas e se ainda ficou alguma situação por esclarecer, consciencializando-as do trabalho realizado.



Em suma, é de extrema importância que o educador reflita sobre a pertinência do projecto, segundo Katz, Ruivo & Vasconcelos (1998),

Importa, assim, que o educador se interrogue sobre o modo como partilha o seu poder com as crianças e cria um clima democrático de participação no grupo. É ainda necessário que reflita sobre a diferença entre o tratamento de um tema globalizante e o desenvolvimento de um projecto que tem sentido por se situar num determinado contexto e por mobilizar os interesses das crianças que participam na construção do processo, dando ideias, planeando avaliando e comunicando o que fizeram e aprenderam (p.106).

O educador tem um papel fulcral no desenrolar de um projecto, dando auxílio na fase de planeamento, na divisão de tarefas e apoiando o desenvolvimento das actividades integradas no projecto. É importante que o educador apoie o grupo de forma indirecta, através do “questionamento”, para que seja a criança a descobrir as soluções mais adequadas à concretização dos seus planos. O adulto sem interferir no trabalho das crianças ou do grupo, deve favorecer as experiências educativas de várias formas:

- Ajudando a decidir sobre a arrumação e organização das produções e recolhas;
- Mantendo todo o material e equipamentos sempre prontos a ser utilizados;
- Registrando o que criança pede e respectivos comentários, ideias e opiniões que surjam e pareçam importantes para o balanço e organização;
- Ajudando com a sua experiência no progresso das aprendizagens do grupo;
- Apoiando nos momentos de síntese e de avaliação das actividades;
- Facilitando as relações interpessoais e a negociação na tomada de decisões do grupo.

Estas são algumas das estratégias pedagógicas que o educador deve ter em conta para apoiar as crianças nos seus trabalhos.

No trabalho de projecto, há um sentido para o que se faz, as actividades não acontecem por rotina, mas sim por interesse e por necessidade.

Outro factor muito importante no desenrolar dos projectos são as famílias, na transmissão e troca de saberes.

Em resumo, o trabalho de projecto permite um ensino aprendizagem suportados não na transmissão de conhecimentos, mas sim na apropriação de conteúdos onde a criança tem o papel de construtora do seu saber, tendo uma participação activa nos seus “estudos”. Colocam questões, esforçam-se por compreender melhor as suas experiências. Há um maior desenvolvimento intelectual.



## **O grande sentido do projecto**

O projecto que desenvolvemos (algumas crianças e eu, dando sempre o meu auxílio), esteve relacionado com alguns animais da quinta, mais concretamente, com o porco, a galinha e a ovelha, indo de encontro aos seus interesses.

Este projecto surgiu, devido ao grande interesse/curiosidade, demonstrada por algumas crianças, isto porque, em conversas que ocorreram nas nossas reuniões de grupo (ainda na PES I), alguns elementos partilharam com os colegas que tinham estes animais, a partir destes nossos diálogos nasceram então algumas dúvidas, interrogações e curiosidades, entretanto, e como as nossas conversas andavam sempre muito em volta desta temática, a Mãe de um dos meninos trouxe-nos vários livros sobre animais, foi então aqui, que uma me perguntou se não podíamos fazer um projecto sobre os animais que os colegas têm em casa, ficando decidido (neste dia), que iríamos fazer um projecto sobre estes animais (fizemos o registo deste projecto na lista de projectos).

Ao realizar este projecto, tive como objectivos que as crianças ampliassem e consolidassem os seus conhecimentos, acerca da sua alimentação, habitat, sobre o seu corpo e também sobre o nascimento dos filhos dos animais em questão (questões colocadas pelas crianças). Tendo como grande sentido que as crianças desenvolvessem a sua imaginação, criatividade, pensamento, memória, sentido crítico, trabalho em equipa, linguagem escrita e linguagem oral, através das várias formas de pesquisas apresentadas pelas crianças.

## **Desenvolvimento do projecto**

### **Ponto de partida**

Ainda durante a PES I, numa reunião da manhã, enquanto fazíamos o nosso plano do dia, surgiu uma conversa em que o Pedro quis transmitir aos colegas que tinha ovelhas e porcos em casa, por sua vez o João disse que tinha galinhas, perante este diálogo começaram a surgir algumas dúvidas, questões e curiosidades (como já referi anteriormente), em relação a estes animais, a Margarida perguntou logo: “O que

acontece ao pêlo das ovelhas?”, por sua vez o Guilherme colocou a seguinte questão: “Como nascem os filhos dos porcos?”, entre outras perguntas que colocaram. Entretanto, depois de tantas interrogações, a Mariana sugeriu que fizéssemos um projecto sobre estes animais, para poderem assim adquirir mais conhecimentos sobre estes, logo aqui, algumas crianças mostraram logo muito interesse em participar neste. O interesse e o entusiasmo foi tal, que as conversas continuaram em casa, inclusivamente a mãe do Pedro resolveu trazer-nos um saco cheio de livros sobre animais. Eu, perante este nosso diálogo e excitação, sugeri então que começássemos este projecto quando eu voltasse novamente (na PES II), isto porque, já nos encontrávamos no final da PES I, concordaram e fizemos logo o registo na listagem de projectos, assim como o nome das crianças que mostraram interesse em participar, tendo no entanto existido mais algumas que quiseram ajudar no decorrer deste (ver fig. 18).

Nome do Projeto	Quem fez	Quando
Projeto da reciclagem 	SUSANA MIGUEL ADRIANA ANA MIGUEL SINDI DAVIELA MIGUEL	Fevereiro 2013
Projeto dos carros 	GUILLERME COMET BIBI HELE	Janeiro 2013
Projeto dos animais	PEDRO JOÃO LEONOR MARIANA PEDRO	Mai 2013

Fig. 18 – Registo do projecto e seus intervenientes

### Planificação e lançamento do projecto

Logo no início da PES II, depois de no semestre anterior, as crianças já terem definido os seus interesses e de já termos registado na lista de projectos o dos animais (porco, galinha e ovelha), por decisão destas, reunimo-nos então de modo a definir como este iria ser realizado, ou seja, comecei por lhes perguntar o que já sabiam acerca

destes animais, à medida que as crianças iam dizendo eu ia escrevendo numa folha (ver fig. 19, 20 e 21), seguidamente, perguntei-lhes o que gostariam de saber (ver fig., 22, 23 e 24), depois, onde iríamos procurar informação (ver fig. 25), questionei-os também sobre quando iríamos comunicar e a quem (ver fig. 26), e por fim como pretendiam apresentar este projecto (ver fig. 27), fazendo sempre o registo de cada tópico em folhas separadas e à medida que fomos falando de cada um dos assuntos.



Fig. 19, 20 e 21 - “O que já sabemos”



Fig. 22, 23 e 24 – “O que queremos saber”



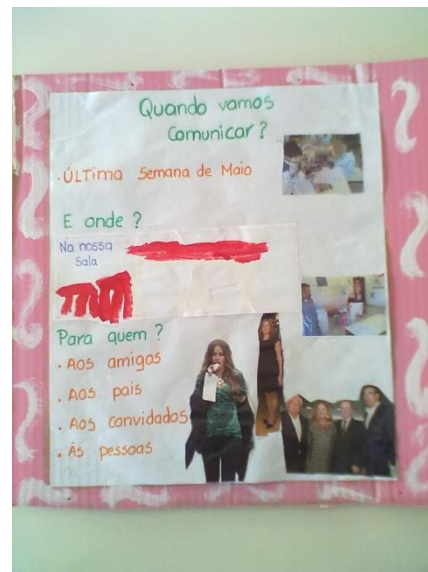
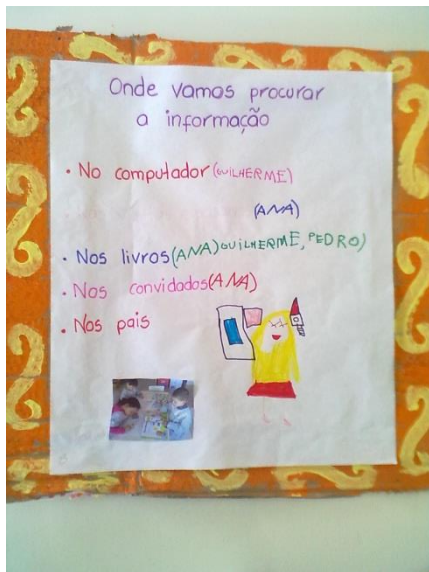


Fig. 25 e 26 – O registo de mais duas fases do projecto



Fig. 27 – O registo de como iria ser divulgado o projecto

Após várias reuniões e depois de já termos registado o que sabiam acerca dos animais em causa, fomos chegando a um consenso, ou seja, decidiram primeiramente em relação às questões/dúvidas que quiseram colocar no queremos saber que gostariam de ir ver esses animais e que alguém lhes explicasse, “um tratador” como disse o Pedro,



estas dúvidas, entretanto a Érica Sabino e a Mariana também sugeriram que poderíamos procurar em livros e nos computadores e até perguntar aos Pais, entretanto, já numa outra reunião, perguntei-lhes quando é que gostariam de apresentar o projecto, ao que o João me respondeu, quando o acabássemos e antes de eu me ir embora, por fim, questionei-os em relação à forma como pretendiam apresentar, em que a Margarida me disse logo que podíamos fazer uma exposição e o Rodrigo e a Érica Sabino disseram: “Mas assim temos que ir ver como se faz uma exposição”, eu então, sugeri que nessa altura poderíamos ir fazer uma visita ao Museu de Évora de modo a termos uma maior percepção de como estas se podem organizar.

No decorrer destes registos as crianças foram-me sempre dizendo que queriam fazer ilustrações destes, e nalguns casos quiseram mesmo copiar o que eu tinha escrito, ou seja, à medida que fui registando cada um dos passos, as crianças foram ilustrando da forma que quiseram, através de pinturas, de recortes e do desenho, posteriormente, nalgumas situações, a Mariana, o Pedro e a Érica Sabino pediram-me para copiar o que eu tinha escrito, trabalhando desta forma a linguagem escrita e desenvolvendo várias técnicas de expressão plástica.

Através destas planificações, as crianças acabam por ter uma maior consciência de como este irá decorrer, como têm que gerir o seu tempo e que materiais e meios iram ser necessários para a sua concretização.

### **Unidades Operativas para a Acção**

Após o lançamento e planificação do projecto, as crianças intervenientes passaram então à acção directa, ou seja, começamos por analisar questão a questão, registadas no queremos saber, e decidindo qual a forma como pretendiam obter resposta a cada uma das perguntas, ou seja, primeiramente e como já referi anteriormente, antes de iniciarem ou decidirem como esta iria ser trabalhada, pediram-me sempre para fazer um desenho, uma pintura ou um recorte (ver fig. 28), entretanto, quando surgia alguma dúvida em relação ao que estavam a desenhar (relacionado com a questão colocada), pediam para consultar nos livros (ver fig. 29), para ver as imagens, tirando assim as suas dúvidas.

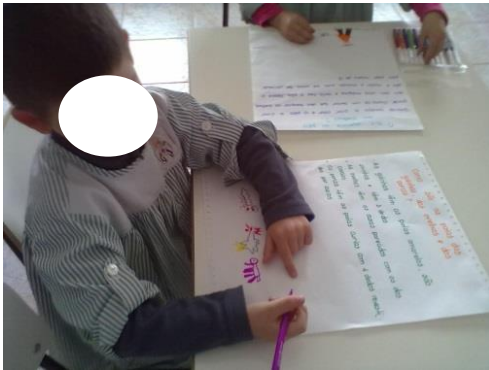


Fig. 28 – A ilustrarem as perguntas



Fig. 29 – A tirarem as dúvidas nos livros

Depois de ilustradas, reuníamos-nos para decidirmos como gostaríamos de obter resposta a cada uma das questões, em que na primeira pergunta decidiram que gostaríamos que fosse um dos Pais a responder, tendo a Mariana e o Pedro se oferecido para levar para casa a pergunta em causa, em que depois desta decisão, cada uma delas (Pedro e Mariana), fizeram o registo da respectiva questão numa folha à parte (ver fig. 30), em que eu fui escrevendo passo a passo, desde a pergunta até a quem é que pretendiam que respondesse a esta, pode-se dizer que fizemos um plano. Em relação a outras das questões, pediram para pesquisar no computador (ver fig. 31), ver imagens e informação sobre esta, para além de me pedirem também por diversas vezes para irmos ver as galinhas, que por sinal tínhamos no colégio, perto da nossa sala (ver fig. 32). No que diz respeito às restantes perguntas, por decisão das crianças, pediram-me para ir a um sítio que tivesse estes animais e alguém que nos tirasse estas dúvidas, eu sugeri-lhes então que fossemos ao Pomarinho, ficaram logo bastante entusiasmados (o grupo todo), em que no dia antes da nossa visita estivemos a organizar e a registar as questões que ainda nos faltava responder (ver fig. 33) e a decidir quem as iria colocar ao nosso guia.



Fig. 30 – A M. a fazer o registo de uma das perguntas para levar para casa para a mãe responder.



Fig. 31 – Nas pesquisas no computador

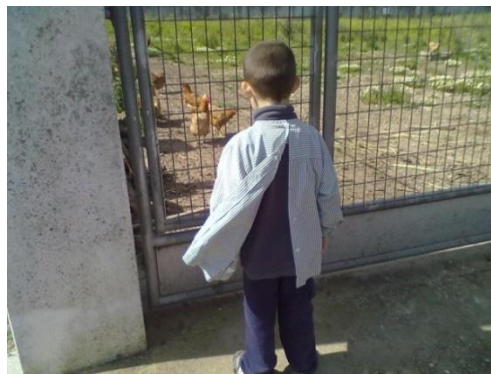


Fig. 32 – O P. a observar as galinhas.

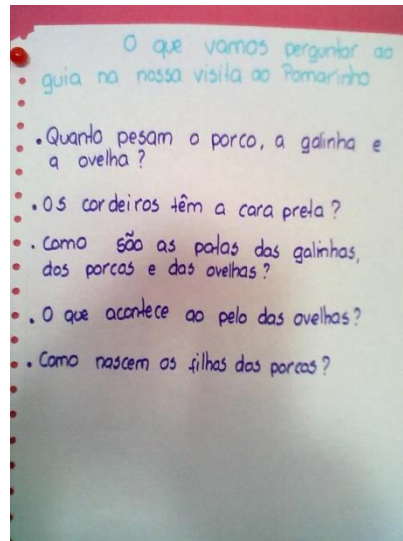


Fig. 33 – As perguntas que preparámos para esta visita

Depois deste nosso passeio e de termos recolhida toda a informação necessária (ver fig. 34) (onde à medida que as crianças responsáveis por colocar as questões, as colocavam, eu ia registando, no meu caderno de anotações, as respostas dadas pela educadora Luísa) fomo-nos reunindo (intervenientes do projecto e eu) de modo a registarmos as questões que nos faltavam e respectivas respostas, em que eu fui lendo as anotações que fiz no meu caderno e entretanto fui perguntando se concordavam que escrevesse conforme o meu registo.



Fig. 34 - Atentos aos esclarecimentos da educadora Luísa

No final, depois de termos dado respostas a tudo o que tínhamos registado no queremos saber, imprimi as fotos que fui tirando no decorrer deste, de modo a podermos organizá-las e colá-las, ou seja, fui buscar folha a folha do projecto, ia lendo o que estava registado e seguidamente as crianças procuravam nas diversas fotos as correspondentes a esta informação, recortando-as e posteriormente colando-as.

Concluídas as respostas e colagem das fotos, reunimo-nos novamente de modo a falarmos e a planearmos a nossa exposição, ou seja, tal como tinham decidido inicialmente, estava na altura de irmos fazer a nossa visita ao Museu de Évora, assim foi, em conjunto com a Ana Sousa, decidimos qual seria o melhor dia para irmos. Antes desse dia, reunimo-nos novamente de modo a levarmos as nossas questões/dúvidas sobre a organização de uma exposição (ver fig. 35), tal como fizemos na visita ao Pomarinho.

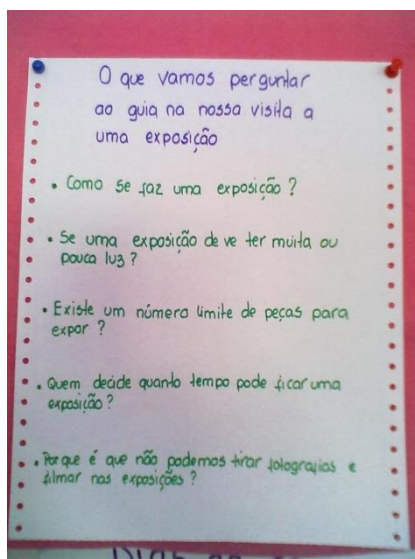


Fig. 35 – As perguntas da exposição

Depois desta visita e de terem gostado imenso de ver uma colecção de quadros sobre a vida da Virgem Maria, quiseram então que o projecto fosse exposto como os quadros que tínhamos visto, que tivesse molduras e que ficassem juntos uns aos outros, como os da exposição do Museu (ver fig. 36), para tal, reunimo-nos de modo a fazermos um plano, materiais que iríamos utilizar e quem iria fazer o quê.



Fig. 36 – a disposição que escolheram

Depois de decidido e registado, começamos logo a construção das molduras, utilizando materiais de desperdício, por sugestão das crianças (caixas de cartão, lã, feltro, esponja, cápsulas do café, papel crepe e papel de lustro) (fig. 37 e 38).



Fig. 37 e 38 – Elaboração das molduras para a exposição

No final, depois de terminadas as nossas molduras, reunimo-nos novamente, para fazer um balanço sobre o que tinham aprendido com este projecto e se ficou ainda alguma dúvida por esclarecer.

Em suma, para que este projecto se concretizasse achei pertinente que as crianças tivessem um contacto directo com os animais em causa, pois através deste tipo



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

de aprendizagens prazerosas e acessíveis, ou seja, através do explorar e do observar acabam por compreender muito melhor tudo o que as rodeia. No decorrer deste, constatei que as crianças estiveram sempre bastante interessadas e envolvidas em todo o trabalho, realizando quase tudo autonomamente, à excepção da parte escrita.

### **Recursos Principais**

Para que este projecto se desenvolvesse com sucesso, foram utilizados diversos recursos, tanto materiais como humanos.

No que diz respeito aos recursos materiais, utilizamos, livros sobre os animais em questão, o computador, folhas, cartolinas, canetas, lápis, tintas, pinceis, caixas de cartão, tintas em spray, tesouras, capsulas do café, impressora e máquina fotográfica.

Em relação aos recursos humanos, foram necessárias as ajudas preciosas da educadora Ana Sousa, da auxiliar Anabela, das crianças, dos Pais que de alguma forma colaborarão no nosso projecto, como foi o caso da mãe da Mariana, que muito gentilmente nos ajudou a responder a uma das questões e a mãe da Susana, que apesar da filha não fazer parte do projecto, nos trouxe imensas caixas de cartão entre outros materiais, para a realização das nossas molduras. A educadora Luísa do Pomarinho, que nos fez uma visita guiada pela quinta mostrando-nos os animais do projecto e que nos ajudou a responder às questões que ainda nos faltavam e a Teresa, a nossa guia do museu de Évora que nos foi explicando detalhadamente como se organizava uma exposição, tudo o que era necessário e que informações deveríamos colocar nesta.

### **Estratégias de Comunicação**

Em relação à divulgação do projecto, as crianças optaram por realizar uma exposição, decisão esta que ficou logo registada na fase inicial deste.

A exposição decorreu nos dias 30 e 31 de Maio de 2013 (tendo o projecto ficado terminado no dia 29 de Maio de 2013), na entrada do colégio, para tal, as crianças decidiram fazer convites para a família, amigos e restante comunidade educativa, em que eu escrevi o texto (depois de estarmos reunidos e de lhes ter perguntado o que



gostariam que eu escrevesse, lendo-lhes posteriormente de forma a poderem-me dizer se concordavam) e as crianças fizeram a respectiva ilustração (ver fig. 39 e 40).

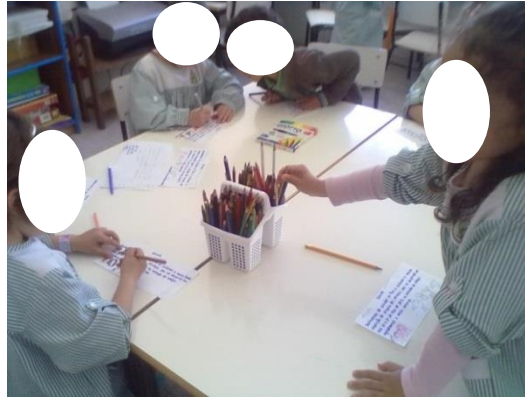


Fig. 39 – A ilustrarem os convites

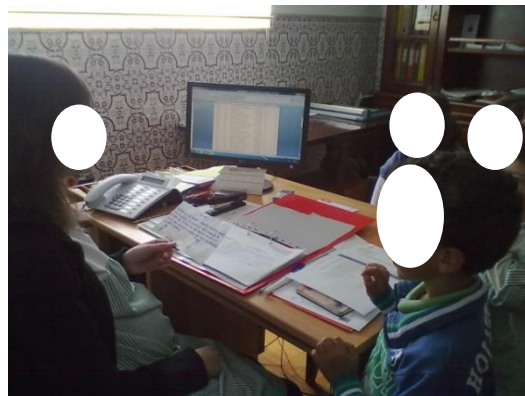


Fig. 40 – Na distribuição dos convites

No dia 29 de Maio de 2013, no período da tarde depois de termos decidido anteriormente quem iria fazer o quê, começamos então a montar a nossa exposição (os nossos quadros), em que eu estava em cima de um escadote a pendurar os quadros enquanto as restantes crianças intervenientes no projecto mos iam dando (ver fig. 41), ou seja, o Pedro e a Érica Sabino, primeiramente estiveram a organizá-los por ordem (eu escrevi um número em cada um, visto já conhecerem os números), depois alternadamente iam-me passando os quadros de forma a eu poder pendura-los, o Rodrigo e a Leonor iam passando o bostik, para que eu os pudesse afixar à parede, enquanto a Margarida ficou encarregue de tirar umas fotografias, já o João e a Leonor iam-me orientando em relação à disposição destes.



Fig. 41 – A ajudarem-me na exposição

No final, depois de tudo terminado (ver fig. 42), fomos à sala convidar os colegas a visitarem a nossa exposição, em que os intervenientes estiveram a explicar o que tinham feito em cada quadro, mostrando-lhes primeiramente um, onde escrevemos a história do nosso projecto (ver fig. 43) e os restantes onde se encontrava todo o projecto em si (ver fig. 44).



Fig. 42 – O resultado final



Fig. 43 – A E. a mostrar aos colegas a história do projecto



Fig. 44 – Os colegas a observarem o projecto



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

Na manhã seguinte, dia 30 de Maio e no outro dia 31 de Maio, a exposição estava pronta, em que os Pais, amigos, funcionários e colegas, tiveram oportunidade de observar todo o projecto desenvolvido pelas crianças da sala da Ana Sousa.

### **Reflexão**

A realização deste projecto decorreu de forma muito positiva, em que as crianças mostraram sempre muito interesse e motivação, para além de estarem sempre envolvidas em todo o desenrolar deste, adquirindo diversos conhecimentos e consolidando outros acerca do porco, da galinha e da ovelha. Com este projecto, tiveram também oportunidade de experienciarem novas técnicas de expressão plástica, para além de terem tido a oportunidade de contactarem directamente com os animais em questão, sendo este tipo de aprendizagens muito prazerosas, acessíveis e benéficas na compreensão de tudo o que as rodeia. A interacção com a comunidade é sem dúvida a melhor forma de conhecerem e compreenderem o mundo.

Através do projecto as crianças tiveram também oportunidade de trabalharem em equipa, de contactar com as novas tecnologias, de ter uma maior proximidade com livros, de desenvolverem a memória, o raciocínio, o pensamento, o sentido estético e crítico, a linguagem oral e também escrita.

No que diz respeito à linguagem oral e escrita, estas foram desenvolvidas nas nossas reuniões, em que decidíamos e partilhávamos ideias, nas várias pesquisas que realizámos através das novas tecnologias (computador), através dos livros e à medida que o projecto se foi desenrolando, nos registos que íamos fazendo e na planificação e lançamento do projecto.

Em relação à expressão plástica, esta esteve sempre muito presente em todo o projecto, nas ilustrações dos vários registos. Já a expressão dramática, só foi mais focada numa última fase, em que quiseram experimentar fazer uma dramatização, da carochinha, cujos animais envolvidos foram os do projecto.

Falando agora do balanço deste, penso que foi muito positivo, e o facto de termos escolhido trabalhar unicamente três animais, foi sem dúvida a melhor opção, porque apesar de termos tido aproximadamente dois meses de estágio em jardim-de-infância, o tempo não seria suficiente para abordarmos mais animais, apesar de me ter



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

focado unicamente nas questões colocadas pelas crianças, não me dispersando para outros assuntos fora dos seus interesses.

No desenrolar de todo o projecto houve sempre um envolvimento de todos os intervenientes, em que no lançamento deste e à medida que apresentavam sugestões e planificávamos o trabalho, fui sempre registando as suas frases, tal como as crianças as diziam, escrevendo à frente de cada uma o nome de cada uma, mesmo depois de ilustrarem pedi-lhes sempre que identificassem com o seu nome, para que no final, pudessem recordar-se e explicar aos visitantes o que tinham feito.

De um modo geral, considero que o projecto decorreu da melhor forma, tendo adquirido vários conhecimentos sobre o trabalho de projecto, durante a realização deste e segundo as várias indicações e informações que a educadora Ana me foi fornecendo.



## 4 – Considerações Finais



Toda a experiência e vivência que tive oportunidade de adquirir no decorrer da Prática de Ensino supervisionada, foi de grande importância para mim como futura profissional na área da educação, pois através desta, tive oportunidade de adquirir inúmeros conhecimentos e consolidar outros, contribuindo para que crescesse profissionalmente.

Inicialmente senti algum receio, pelo facto de não conseguir estar à altura de responder a todos os interesses e necessidades das crianças, bem como de não estar à altura de proporcionar propostas adequadas, integradas. Com o decorrer do tempo, com a ajuda das crianças, dos diálogos, das observações e com o apoio incondicional das educadoras, estas inseguranças foram ultrapassadas, se bem que ainda vou ter muitas inseguranças no decorrer da minha profissionalidade, até atingir uma experiência mais sólida.

Em relação à PES em creche, o meu maior receio foi o de estar com crianças tão pequenas, que ainda pouco ou nada falavam e de não conseguir estar atenta aos seus interesses de modo a proporcionar-lhes propostas pertinentes. Outro dos meus receios era o de conseguir captar as suas atenções sem que estes se dispersassem. No entanto, estas minhas inseguranças, foram ultrapassadas, com a ajuda do próprio grupo e da educadora.

Relativamente à valência de jardim-de-infância, já não senti tantas inseguranças a este nível, pois para mim torna-se mais fácil trabalhar com crianças mais velhas, que nos vão dizendo os interesses e o facto de a educadora utilizar o modelo curricular do MEM, contribui-o para que todo o trabalho desenvolvido nesta sala fizesse muito mais sentido, pois o facto de existir uma rotina semanal e diária, ajuda a que o trabalho com as crianças seja segundo o meu ponto de vista muito mais organizado.

As reuniões de conselho foram e são um contributo fulcral para a realização das planificações, pois para além de se fazer um balanço da semana e de se analisar alguns instrumentos de pilotagem, como o diário e o mapa de actividades, as crianças vão-nos dando sugestões do que gostariam de fazer, vão-nos sugerindo propostas, sendo estas uma ajuda preciosa para a realização das planificações semanais. Tal como as planificações diárias, que são importantíssimos, pois ajudam-nos imenso a planear o



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

dia-a-dia. É importante que sejam as crianças a decidirem o que pretendem fazer e aprender, para que as propostas possam fazer sentido.

A parte investigativa foi sem dúvida de grande importância, ajudando-me a reflectir e a pensar sobre a minha própria prática e sobre o ambiente educativo em causa, contribuindo desta forma para melhorar e para utilizar estratégias diferentes, ajudando a um maior conforto das crianças e a aprendizagens mais adequadas, logo, proporcionando um desenvolvimento equilibrado a estas faixas etárias.

Em relação à importância das expressões artísticas no desenvolvimento das crianças, pude constatar que estas são de extrema importância, pois é através do explorar e do experimentar, que estas realizam as suas aprendizagens, para além de adquirirem inúmeras competências. As expressões artísticas são a base para uma educação integrada.

Em suma, a realização do estágio foi de grande importância, pois realizei diversas aprendizagens profissionais (como por exemplo que é imprescindível estarmos atentos aos interesses e necessidades das crianças de modo a proporcionarmos aprendizagens integradas) e também pessoais, que contribuíram para que melhorasse a minha prática educativa e visualização sobre a educação de infância, apesar de não ter sido muito fácil para mim, pois por vezes andei mesmo bastante desanimada, mas o facto de olhar para o meu filho sempre com aquele ar feliz, fez-me levantar a cabeça e ir em frente, contribuindo para que alcançasse este objectivo que sempre desejei.





## 5 - Referências Bibliográficas



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

- Alarcão, I. (2001). Professor-investigador: Que sentido? Que formação? In B. P Campos (Org.), *Formação profissional de professores no ensino superior* (Vol. 1, pp. 21-31). Porto: Porto Editora.
- American Psychological Association (2006) *Manual de Estilo da APA: Regras Básicas*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Andrea, I. (2011), *Pedagogia das expressões artísticas*. (2ª Edição). Lisboa: Edições ISPA.
- Folque, M. A. (2012), *O aprender a aprender no pré-escolar: o modelo pedagógico do movimento da escola moderna*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Formosinho, J., Spodek, B., Brown, P., Lino, D. & Niza, S. (1998). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. (2ª Edição). Porto: Porto Editora.
- Godinho, J. & Brito, M. (2010). *As Artes no Jardim-de-Infância*. (1ª Edição). Lisboa: Ministério da Educação.
- Gordon, E. (2000). *Teoria de Aprendizagem Musical – Competências, Conteúdos e Padrões*. Lisboa: Fundação Galouste Gulbenkian.
- Hohman, M. & Weikart, D. (2011), *Educar a criança*. (6ª Edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Katz, L., Ruivo, J., Silva, M. & Vasconcelos, T. (1998). *Qualidade e Projecto na Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Kilpatrick, W. (2008). *O método de projecto*. Mangualde: Edições Pedagogo.



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Acção*. Porto: Porto Editora. (1ª parte).
- Melo, M. C. (2005). *A expressão dramática – À procura de percursos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica. (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Ministério da Educação. (2009). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. (4ª Edição). Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Ministério da Educação. (1998). *Qualidade e Projecto na educação pré-escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Formosinho, J. (Org.), Spodeck, B., Brown, P., Lino, D. & Niza, S. (2007). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. (3ª Edição). Porto: Porto Editora.
- Papalia, D. E., Olds, S. W. & Feldman, R. D. (2009). *O Mundo da Criança – Da Infância à Adolescência*. (11ª Edição). Lisboa: MC Graw Hill.
- Piaget, J. & Inhelder, B. (1997) *A psicologia da criança*. (3ª Edição). Porto: Asa Editores.
- Piaget, J. (1962). *Play, Dreams and Imitations in childhood*. London: Routledge.
- Post, J. & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários – Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. (4ª Edição). Lisboa: Fundação Calouste.
- Rodrigues, D. (2002). *A Infância da Arte, a Arte da Infância*. Porto: Edições Asa.



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

- Rooyackers, P. (2002). *101 Jogos Dramáticos*. Porto: ASA Editores, S.A.
- Santos, A. S. (1999) *Estudos de Psicopedagogia e Arte*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Serrano, S. (2013). *Dossier de Prática de Ensino Supervisionada em Creche e Jardim de Infância I e II - Caderno de formação*.
- Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação – Bases Psicopedagógicas*. (Vol. 1). Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação – Drama e Dança*. (Vol. 2). Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação – Música e Artes Plásticas*. (Vol. 3). Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Spodek, B. (org.) (2010). *Manual de Investigação em Educação de Infância*. (2ª Edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Tuckman, B. (2000) *Manual de investigação em educação: como conceber e realizar o processo de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vygotsky, L. S. (2007). *A Formação Social da Mente*. (7ª Edição) São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (2009). *A Imaginação e a Arte na Infância*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.



### Referências Legislativas

- Decreto-Lei n.º 240/2001, de 30 de Agosto - *Perfil geral de desempenho profissional do Educador de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário*
- Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de Agosto - *Perfis específicos de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1.º ciclo do ensino básico;*
- Lei-quadro da Educação Pré-Escolar – Lei n.º 5/97 de 10 de Fevereiro - *Lei-quadro da Educação Pré-Escolar*



## 6 - Anexos



Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

**ANEXO I - Escala ITERS - Subescala “Mobiliário e sua disposição para crianças” (avaliação dos vários itens em 3 de Janeiro de 2013)**

	Inadequado	Mínimo	Bom	Excelente
<b>I. Mobiliário e sua disposição para crianças</b>				
<b>1 – Mobílias para cuidados de rotina (alimentação e sono, arrumação dos objectos pessoais da criança)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Número suficiente de peças de mobiliário para as rotinas de bebé presente não tem berço próprio).</li> <li>- O mobiliário utilizado nos cuidados de rotina geralmente está em mau estado (Ex: cadeiras altas pouco estáveis, berços partidos, pintura lascada).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Número suficiente de peças de mobiliário para as rotinas em bom estado.</li> <li>- Os assentos para comer são confortáveis e têm apoios (Ex: local para pousar os pés, se necessário apoios laterais e nas costas, superfícies não escorregadias, uso de cinto de segurança se necessário)</li> <li>- Algum mobiliário adequado ao tamanho da criança (*) é utilizado com as crianças.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Tudo do 3 mais: (  )</li> <li>- Algum mobiliário de adulto para utilizar nos cuidados de rotina.</li> <li>- Local para arrumação adequada dos objectos pessoais de cada bebé e criança.</li> <li>- Mobiliário adequado para cuidados individualizados dos bebés (Ex: cadeiras para bebé, em vez de mesas para comerem em grupo).</li> <li>- Mobiliário para os cuidados de rotina acessível e conveniente.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Tudo do 5 mais:</li> <li>- Mobiliário que permite um nível de independência apropriado para as crianças (Ex: as crianças usam cadeiras e mesas pequenas e camas quando estiverem preparadas).</li> <li>- Mobiliário de adulto confortável para utilizar em cuidados de rotina.</li> <li>- A maior parte do mobiliário utilizado com as crianças é adequado ao seu tamanho.</li> </ul>
<b>2 - Mobílias usadas nas actividades de aprendizagem (*)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mobiliário básico insuficiente para as actividades de aprendizagem.</li> <li>- Mobiliário em mau-estado de conservação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mobiliário básico para actividades de aprendizagem em número suficiente e em bom estado de conservação.</li> <li>- Mobiliário utilizado para as brincadeiras dos bebés e crianças durante a maior parte do dia.</li> <li>- É utilizado com as crianças algum mobiliário adequado ao seu tamanho.</li> <li>- O mobiliário é suficientemente robusto para suportar os pulos das crianças. (  )</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Prateleiras baixas e abertas (     ) habitualmente utilizadas, permitindo acesso dos bebés e crianças aos brinquedos seguros.</li> <li>- Prateleiras fechadas (***) utilizadas para guardar brinquedos que necessitam supervisão e brinquedos extra permitindo rotatividade de utilização.</li> <li>- Caixas robustas utilizadas para manter os brinquedos separados e organizados (Ex: recipiente para blocos, caixa robusta com guizos).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Prateleiras abertas dispostas de forma a encorajar o uso independente pelos bebés e crianças (Ex: objectos mais pesados nas prateleiras mais baixas, brinquedos semelhantes guardados juntos).</li> <li>- Arrumação de brinquedos extra convenientemente organizada, permitindo acesso fácil ao prestador de cuidados. (        ).</li> <li>- A maior parte do mobiliário utilizado com as crianças adequado ao seu tamanho.</li> </ul>
<b>3 - Mobiliário para relaxamento e Conforto</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não é fornecido conforto para os bebés e crianças brincarem (*). (Ex: não há mobiliário adaptado, não há áreas de tapetes nem almofadas para brincar).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Durante a brincadeira estão disponíveis mantas ou outros materiais confortáveis.</li> <li>- Brinquedos macios e fáceis de limpar acessíveis durante a maior parte do dia.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Uma área especial confortável e acolhedora está sempre disponível (Ex: manta, almofadas, colchão macio e mobiliário adaptado).</li> <li>- As áreas confortáveis estão protegidas da brincadeira activa.</li> <li>- Há muitos brinquedos macios e</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Área especial confortável e materiais confortáveis disponíveis em várias outras áreas (Ex: várias mantas macias. “cadeira almofadada” para apoiar as brincadeiras).</li> <li>- Quando apropriado os bebés que não andam são colocados na área</li> </ul>



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

			fáceis de limpar, disponíveis a maior parte do dia.	confortável. - Estas áreas são utilizadas para ler, cantar e outras actividades calmas.
<b>4 - Arranjo da sala</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Espaço inadequado (*) utilizado tanto para rotinas como para brincar.</li><li>- A disposição da sala torna impossível ver todos os bebés e crianças em todos os momentos (  ) (Ex: mobiliário alto que esconde os bebés ou as crianças do prestador de cuidados; ou local de mudar as fraldas colocado de tal forma que o prestador de cuidados não vê as outras crianças enquanto está a mudar as fraldas).</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Mobiliário de rotina disposto de forma a fornecer espaço para brincar.</li><li>- Áreas abertas para gatinhar, andar e brincar.</li><li>- O arranjo da sala torna possível ver todos os bebés e crianças com um só olhar.</li><li>- Há espaço suficiente para brincar de forma que os bebés e as crianças não estão amontoados.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Áreas de rotinas convenientemente arranjadas (Ex: berços com acessos fáceis, os acessórios para mudança de fraldas estão acessíveis, água quente disponível sempre que necessário, o chão onde se encontram as mesas de comer é fácil de limpar).</li><li>- Áreas separadas para brincadeiras activas ou calmas (Ex: através de prateleiras baixas).</li><li>- Os bebés têm espaço e materiais para explorar enquanto estão protegidos das crianças que se movimentam mais.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Tanto as áreas de rotina como as de brincar possibilitam uma variedade de experiências de aprendizagem (Ex: Móbiles sobre a mesa de mudar as fraldas são mudados frequentemente; muitos brinquedos apropriados às idades nas áreas de brincar).</li><li>- Materiais com usos semelhantes são arrumados juntos, formando áreas de interesse (     ), com espaços apropriados à brincadeira (Ex: livros, brinquedos, música, brinquedos de puxar, de manipular, área de motricidade global).</li><li>- A movimentação usual na sala não interfere com as actividades.</li></ul>
<b>5 - Material exposto para as crianças</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Não há imagens ou outro material exposto.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Estão expostas algumas figuras coloridas ou outro material (Ex: móbiles, fotografias).</li><li>- Os conteúdos expostos não são assustadores para as crianças pequenas (Ex: não há bruxas, animais com caras assustadoras).</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- O prestador de cuidados saúda calorosamente cada bebé e criança e cada pai e prepara uma partida organizada e agradável (Ex: conversa à chegada, prepara as roupas para a partida).</li><li>- Os pais trazem o bebé/ a criança para a área de cuidados como parte da rotina diária.</li><li>- Problemas de separação abordados com sensibilidade.</li><li>- Está disponível um registo escrito da alimentação diária, fraldas e sesta dos bebés para os pais verem.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Rabiscos feitos pelas crianças expostos nas salas.</li><li>- Fotografias dos bebés e das crianças do grupo, das suas famílias, animais de estimação ou outros rostos familiares expostos ao nível do olhar da criança.</li><li>- Imagens protegidas para não serem rasgadas (Ex: revestidas com plástico transparente).</li><li>- Imagens de móbiles mudados periodicamente.</li></ul>





## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

<b>6 - Chegada/Partida</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- A chegada é muitas vezes negligenciada; a partida não é preparada.</li><li>- Os pais são desencorajados a entrar na área utilizada para os cuidados dos bebés e crianças.</li><li>- Os pais não têm contacto directo com o prestador de cuidados.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Habitualmente o prestador de cuidados saúda o bebé/ criança e os pais e anuncia a partida.</li><li>- É permitido aos pais entrarem na área utilizada para os cuidados dos bebés e crianças.</li><li>- Pais e pessoal (*) partilham informação relativa à saúde e segurança dos bebés e crianças (Ex: dietas especiais, relato de acidentes).</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- O prestador de cuidados saúda calorosamente cada bebé e criança e cada pai e prepara uma partida organizada e agradável (Ex: conversa à chegada, prepara as roupas para a partida).</li><li>- Os pais trazem o bebé/ a criança para a área de cuidados como parte da rotina diária.</li><li>- Problemas de separação abordados com sensibilidade.</li><li>- Está disponível um registo escrito da alimentação diária, fraldas e sestras dos bebés para os pais verem.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- O pessoal usa o tempo de chegada e de partida como tempo de partilha de informação com os pais.</li><li>- O pessoal dá aos pais informação específica acerca de como correu o dia (Ex: actividades de jogo, humor, novas competências).</li></ul>
----------------------------	---	--	---	---

Legenda:



Minha avaliação e da educadora



Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

**ANEXO II - Escala ITERS - Subescala “Mobiliário e sua disposição para crianças”** (avaliação dos vários itens em 31 de Maio de 2013)

	Inadequado	Mínimo	Bom	Excelente
<b>II. Mobiliário e sua disposição para crianças</b>				
<b>1 – Móveis para cuidados de rotina (alimentação e sono, arrumação dos objectos pessoais da criança)</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Número suficiente de peças de mobiliário para as rotinas de bebé presente não tem berço próprio).</li><li>- O mobiliário utilizado nos cuidados de rotina geralmente está em mau estado (Ex: cadeiras altas pouco estáveis, berços partidos, pintura lascada).</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Número suficiente de peças de mobiliário para as rotinas em bom estado.</li><li>- Os assentos para comer são confortáveis e têm apoios (Ex: local para pousar os pés, se necessário apoios laterais e nas costas, superfícies não escorregadias, uso de cinto de segurança se necessário)</li><li>- Algum mobiliário adequado ao tamanho da criança (*) é utilizado com as crianças.</li></ul>	<p>Tudo do 3 mais: (  )</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Algum mobiliário de adulto para utilizar nos cuidados de rotina.</li><li>- Local para arrumação adequada dos objectos pessoais de cada bebé e criança.</li><li>- Mobiliário adequado para cuidados individualizados dos bebés (Ex: cadeiras para bebé, em vez de mesas para comerem em grupo).</li><li>- Mobiliário para os cuidados de rotina acessível e conveniente.</li></ul>	<p>Tudo do 5 mais:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Mobiliário que permite um nível de independência apropriado para as crianças (Ex: as crianças usam cadeiras e mesas pequenas e camas quando estiverem preparadas).</li><li>- Mobiliário de adulto confortável para utilizar em cuidados de rotina.</li><li>- A maior parte do mobiliário utilizado com as crianças é adequado ao seu tamanho.</li></ul>
<b>2 - Móveis usadas nas actividades de aprendizagem (*)</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Mobiliário básico insuficiente para as actividades de aprendizagem.</li><li>- Mobiliário em mau-estado de conservação.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Mobiliário básico para actividades de aprendizagem em número suficiente e em bom estado de conservação.</li><li>- Mobiliário utilizado para as brincadeiras dos bebés e crianças durante a maior parte do dia.</li><li>- É utilizado com as crianças algum mobiliário adequado ao seu tamanho.</li><li>- O mobiliário é suficientemente robusto para suportar os pulos das crianças. (  )</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Prateleiras baixas e abertas (     ) habitualmente utilizadas, permitindo acesso dos bebés e crianças aos brinquedos seguros.</li><li>- Prateleiras fechadas (***) utilizadas para guardar brinquedos que necessitam supervisão e brinquedos extra permitindo rotatividade de utilização.</li><li>- Caixas robustas utilizadas para manter os brinquedos separados e organizados (Ex: recipiente para blocos, caixa robusta com guizos).</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Prateleiras abertas dispostas de forma a encorajar o uso independente pelos bebés e crianças (Ex: objectos mais pesados nas prateleiras mais baixas, brinquedos semelhantes guardados juntos).</li><li>- Arrumação de brinquedos extra convenientemente organizada, permitindo acesso fácil ao prestador de cuidados. (        ).</li><li>- A maior parte do mobiliário utilizado com as crianças adequado ao seu tamanho.</li></ul>
<b>3 - Mobiliário para relaxamento e Conforto</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Não é fornecido conforto para os bebés e crianças brincarem (*). (Ex: não há mobiliário adaptado, não há áreas de tapetes nem almofadas para brincar).</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Durante a brincadeira estão disponíveis mantas ou outros materiais confortáveis.</li><li>- Brinquedos macios e fáceis de limpar acessíveis durante a maior parte do dia.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Uma área especial confortável e acolhedora está sempre disponível (Ex: manta, almofadas, colchão macio e mobiliário adaptado).</li><li>- As áreas confortáveis estão protegidas da brincadeira activa.</li><li>- Há muitos brinquedos macios e</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Área especial confortável e materiais confortáveis disponíveis em várias outras áreas (Ex: várias mantas macias. “cadeira almofadada” para apoiar as brincadeiras).</li><li>- Quando apropriado os bebés que não andam são colocados na área</li></ul>



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

			fáceis de limpar, disponíveis a maior parte do dia.	confortável. - Estas áreas são utilizadas para ler, cantar e outras actividades calmas.
<b>4 - Arranjo da sala</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Espaço inadequado (*) utilizado tanto para rotinas como para brincar.</li><li>- A disposição da sala torna impossível ver todos os bebés e crianças em todos os momentos (  ) (Ex: mobiliário alto que esconde os bebés ou as crianças do prestador de cuidados; ou local de mudar as fraldas colocado de tal forma que o prestador de cuidados não vê as outras crianças enquanto está a mudar as fraldas).</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Mobiliário de rotina disposto de forma a fornecer espaço para brincar.</li><li>- Áreas abertas para gatinhar, andar e brincar.</li><li>- O arranjo da sala torna possível ver todos os bebés e crianças com um só olhar.</li><li>- Há espaço suficiente para brincar de forma que os bebés e as crianças não estão amontoados.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Áreas de rotinas convenientemente arranjadas (Ex: berços com acessos fáceis, os acessórios para mudança de fraldas estão acessíveis, água quente disponível sempre que necessário, o chão onde se encontram as mesas de comer é fácil de limpar).</li><li>- Áreas separadas para brincadeiras activas ou calmas (Ex: através de prateleiras baixas).</li><li>- Os bebés têm espaço e materiais para explorar enquanto estão protegidos das crianças que se movimentam mais.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Tanto as áreas de rotina como as de brincar possibilitam uma variedade de experiências de aprendizagem (Ex: Móbiles sobre a mesa de mudar as fraldas são mudados frequentemente; muitos brinquedos apropriados às idades nas áreas de brincar).</li><li>- Materiais com usos semelhantes são arrumados juntos, formando áreas de interesse (     ), com espaços apropriados à brincadeira (Ex: livros, brinquedos, música, brinquedos de puxar, de manipular, área de motricidade global).</li><li>- A movimentação usual na sala não interfere com as actividades.</li></ul>
<b>5 - Material exposto para as crianças</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Não há imagens ou outro material exposto.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Estão expostas algumas figuras coloridas ou outro material (Ex: móbiles, fotografias).</li><li>- Os conteúdos expostos não são assustadores para as crianças pequenas (Ex: não há bruxas, animais com caras assustadoras).</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- O prestador de cuidados saúda calorosamente cada bebé e criança e cada pai e prepara uma partida organizada e agradável (Ex: conversa à chegada, prepara as roupas para a partida).</li><li>- Os pais trazem o bebé/ a criança para a área de cuidados como parte da rotina diária.</li><li>- Problemas de separação abordados com sensibilidade.</li><li>- Está disponível um registo escrito da alimentação diária, fraldas e sextas dos bebés para os pais verem.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Rabiscos feitos pelas crianças expostos nas salas.</li><li>- Fotografias dos bebés e das crianças do grupo, das suas famílias, animais de estimação ou outros rostos familiares expostos ao nível do olhar da criança.</li><li>- Imagens protegidas para não serem rasgadas (Ex: revestidas com plástico transparente).</li><li>- Imagens de móbiles mudados periodicamente.</li></ul>



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

<b>6 - Chegada/Partida</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- A chegada é muitas vezes negligenciada; a partida não é preparada.</li><li>- Os pais são desencorajados a entrar na área utilizada para os cuidados dos bebés e crianças.</li><li>- Os pais não têm contacto directo com o prestador de cuidados.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Habitualmente o prestador de cuidados saúda o bebé/ criança e os pais e anuncia a partida.</li><li>- É permitido aos pais entrarem na área utilizada para os cuidados dos bebés e crianças.</li><li>- Pais e pessoal (*) partilham informação relativa à saúde e segurança dos bebés e crianças (Ex: dietas especiais, relato de acidentes).</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- O prestador de cuidados saúda calorosamente cada bebé e criança e cada pai e prepara uma partida organizada e agradável (Ex: conversa à chegada, prepara as roupas para a partida).</li><li>- Os pais trazem o bebé/ a criança para a área de cuidados como parte da rotina diária.</li><li>- Problemas de separação abordados com sensibilidade.</li><li>- Está disponível um registo escrito da alimentação diária, fraldas e sesta dos bebés para os pais verem.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- O pessoal usa o tempo de chegada e de partida como tempo de partilha de informação com os pais.</li><li>- O pessoal dá aos pais informação específica acerca de como correu o dia (Ex: actividades de jogo, humor, novas competências).</li></ul>
----------------------------	---	--	---	---

Legenda:



Minha avaliação e da educadora



### **ANEXO III - Escala ECERS R - Subescala “Materiais e mobiliário para as crianças” (avaliação dos vários itens em 3 de Janeiro de 2013)**

#### **MATERIAIS E MOBILIÁRIO PARA AS CRIANÇAS**

##### **6 . PARA ACTIVIDADES DE ROTINA** (refeições, descanso, arrumação dos haveres das crianças, condições gerais da sala)

Certifique-se que está a observar o mobiliário/equipamento relativo aos cuidados de rotina. Para uma cotação de 3: pouco ou nenhum mobiliário adequado ao tamanho da criança; manutenção geral fraca. Para uma cotação de 5: a maior parte do mobiliário está adequado ao tamanho da criança. Por exemplo, se os cacifos, as camas (cama de lona, colchão) e as mesas são adequadas ao tamanho da criança mas as cadeiras são maiores, pontue com 5. Observar apenas o mobiliário/equipamento necessário às rotinas realizadas no grupo.

*Materiais Básicos: mesas para as refeições, mesas e cadeiras do tamanho da criança\*, camas (cama de lona, colchão), cacifos ou outros locais para arrumação das coisas da criança.*

*\*do tamanho da criança: os pés da criança ficam assentes no chão quando a criança se sentam nas cadeiras; mesas de altura adequada (joelhos cabem por baixo da mesa, cotovelos sobre a mesa).*

- 1 . Número insuficiente de peças de mobiliário para as refeições, descanso, arrumação dos haveres da criança. Luminosidade, ventilação ou outras condições básicas da sala inadequadas.
- 2
3. Número suficiente de peças de mobiliário, mas de tamanho inadequado ou em mau estado. Manutenção da sala deficiente (Ex. chão sujo, paredes a necessitar pintura).
- 4
5. Número suficiente de peças de mobiliário, adequadas ao tamanho da criança e em bom estado. Boa manutenção do chão e das paredes.
- 6
7. Tudo o que está em 5 mais materiais bem conservados (Ex. lençóis mudados frequentemente, cacifos limpos). A mobília não enche demasiado a sala.

##### **7. PARA ACTIVIDADES DE APRENDIZAGEM**

A mesa para brincar com areia e água pode existir fora da sala.



*Materiais Básicos: mesas e cadeiras, prateleiras abertas para arrumo dos materiais de jogo. Cavalete ou mesa para expressão plástica.*

1. Número insuficiente de peças de mobiliário básico para actividades de aprendizagem.
- 2.
3. Número suficiente de mobiliário básico para actividades de aprendizagem, em bom estado.
- 4.
5. Mobiliário básico para actividades de aprendizagem mais mesa para brincar com areia e água. Cavalete ou mesa para expressão plástica utilizados diariamente, mesa para brincar com areia e água usada semanalmente.
- 6.
7. Gama completa de mobiliário para as actividades de aprendizagem usado regularmente, mais providências para a utilização adequada e independente por parte das crianças (Ex. através de etiquetagem pictográfica ou outra orientação).

#### ◆ 7. PARA ACTIVIDADES DE APRENDIZAGEM

*Materiais Básicos: mesas e cadeiras para bebés, área com tapete, espaço apropriado para rastejar/gatinhar, prateleiras abertas e prateleiras fechadas para os brinquedos, mobiliário resistente capaz de suportar os puxões e empurrões das crianças.*

1. Número insuficiente de peças de mobiliário básico para actividades de aprendizagem.
- 2.
3. Número suficiente de mobiliário básico para actividades de aprendizagem, em bom estado.
- 4.
5. Número suficiente de mobiliário básico em bom estado, usado regularmente, e ainda, espelhos, bolas, brinquedos de puxar, jogos de encaixe, etc.
- 6.
7. Tudo o que está em 5, mais tempo e local planeados para a utilização de materiais para actividades de aprendizagem. Alguns brinquedos estão em prateleiras abertas para utilização independente.

#### 8. PARA DESCANSO E CONFORTO

"Conforto" significa macio, lugares confortáveis para sentar ou descansar, tapetes e brinquedos macios.



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

1. Inexistência de mobília estofada, almofadas, tapetes ou cadeiras de balanço disponíveis para as crianças utilizarem. Desconhecimento da necessidade da criança ter um certo "conforto" no meio.
- 2.
3. Inexistência de uma área confortável planeada para as crianças, ainda que possa existir um tapete no espaço de brincadeira ou alguma mobília estofada disponível para a criança.
- 4.
5. Área confortável planeada, regularmente disponível para as crianças (Ex. tapetes, almofadas, cadeiras de baloiço para criança ou adulto, ou mobiliário estofado). Esta área pode ser usada para leitura, jogo dramático, etc.
- 6.
7. Área confortável planeada e existência de "conforto" em várias outras áreas (Ex. almofadas no canto da leitura e casa de bonecas, várias áreas atapetadas, bastantes brinquedos macios).

### 9. ARRANJO DA SALA

Avalie o potencial da disposição da sala, mesmo que não se observem as crianças em actividade nos centros.

Quando se está a avaliar a facilidade de supervisão dos centros, verificar se o mobiliário e a disposição da sala facilitam a supervisão, isto é, se não existem divisórias e armários altos a separar os centros.

Ou

◆ **9.** Este item é omitido em salas frequentadas apenas por bebés com menos de nove meses de idade.

1. Inexistência de centros de interesse definidos. Sala arranjada de forma inconveniente (Ex. circulação de pessoas interferindo com as actividades). Materiais com uso similar não colocados conjuntamente.
- 2.
3. Um ou dois centros de interesse definidos mas sem uma disposição adequada na sala (Ex. actividades silenciosas e ruidosas próximas umas das outras, água não acessível onde é necessária). Difícil supervisão dos centros, ou materiais desorganizados.
- 4.
5. Três ou mais centros de interesse definidos e convenientemente equipados (Ex. com água, estantes adequadamente arranjadas). Centros silenciosos separados dos barulhentos. Cada centro dispõe de espaço apropriado para brincar (Ex. área de tapete ou mesas fora do espaço de circulação). Fácil supervisão visual dos centros.
- 6.
7. Tudo o que está em 5 mais centros seleccionados para possibilitar uma variedade de experiências de aprendizagem. Arranjo dos centros designado para promover um uso independente por parte das crianças (Ex. prateleiras abertas com rótulos,



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

espaço conveniente para secar trabalhos de arte). Materiais adicionais organizados e disponíveis para acrescentar ou modificar os centros.

### **10. RELAÇÃO DO MATERIAL EXPOSTO COM A CRIANÇA**

"Trabalho uniforme" refere-se a trabalhos altamente dirigidos pela educadora, em que há pouca possibilidade para a criatividade individual, por exemplo, fazer lagartas com embalagens de ovos copiando um modelo já feito, fazer casas ou flores com materiais já preparados, pintar e desenhar com os dedos fazendo todas as crianças as mesmas coisas da mesma maneira. Visto que o expositor pode variar durante as férias e consoante a mudança dos projectos ou das estações do ano, pergunte à educadora se os itens que vê expostos são representativos dos habitualmente expostos. Para saber se o material exposto feito pela educadora se relaciona com as actividades correntes, pergunte quando é que a exposição foi feita e como é que tem sido usada.

Se não existe material exposto feito pela educadora e a sala tem uma cotação de 5 quanto aos outros aspectos, dê a cotação 5 e avance para a cotação 7.

1. Não há materiais expostos ou materiais inadequados ao grupo etário dominante (Ex. materiais designados para crianças em idade escolar ou materiais religiosos).
- 2.
3. Predominam materiais de tipo comercial (comprados feitos) ou trabalhos feitos pela educadora (Ex. rimas infantis, abecedários, números ou materiais sazonais não intimamente relacionados com as actividades correntes das crianças).
- 4.
5. Predomina o trabalho das crianças. Algum trabalho uniforme pode estar exposto (Ex. o mesmo projecto feito por todos). O material exposto feito pela educadora está intimamente relacionado com as actividades correntes das crianças (Ex. mapas, pinturas ou fotografias de actividades recentes, projectos e pequenas excursões). Muitos elementos expostos ao nível dos olhos das crianças.
- 6.
7. Predomínio do trabalho individualizado: variedade de materiais e temas. Objectos tridimensionais (Ex. feitos de plasticina, barro ou madeira) expostos, bem como outros objectos bidimensionais. As exposições mudam frequentemente.

### **◆ 10. RELAÇÃO DO MATERIAL EXPOSTO COM A CRIANÇA**

1. Nenhum material exposto.
- 2.
3. O material exposto não é apropriado à idade das crianças (Ex. materiais designados para crianças em idade escolar ou materiais religiosos).
- 4.





## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

5. Fotografias e gravuras simples e coloridas expostas ao nível dos olhos das crianças. (Ex. na zona de refeição, perto dos berços e da área em que as crianças gatinham ou em locais em que as crianças ao colo as podem ver). *Mobiles* e outros objectos coloridos para as crianças observarem.
- 6.
7. Tudo o que está em 5 mais, o pessoal aponta para as gravuras e fala com as crianças acerca delas. Ampla utilização de fotografias das crianças do grupo. São expostas as primeiras garatujas das crianças.

Legenda:



Minha avaliação e da educadora



## **ANEXO IV - Escala ECERS R - Subescala “Materiais e mobiliário para as crianças” (avaliação dos vários itens em 31 de Maio de 2013)**

### **MATERIAIS E MOBILIÁRIO PARA AS CRIANÇAS**

#### **6 . PARA ACTIVIDADES DE ROTINA** (refeições, descanso, arrumação dos haveres das crianças, condições gerais da sala)

Certifique-se que está a observar o mobiliário/equipamento relativo aos cuidados de rotina. Para uma cotação de 3: pouco ou nenhum mobiliário adequado ao tamanho da criança; manutenção geral fraca. Para uma cotação de 5: a maior parte do mobiliário está adequado ao tamanho da criança. Por exemplo, se os cacifos, as camas (cama de lona, colchão) e as mesas são adequadas ao tamanho da criança mas as cadeiras são maiores, pontue com 5. Observar apenas o mobiliário/equipamento necessário às rotinas realizadas no grupo.

*Materiais Básicos: mesas para as refeições, mesas e cadeiras do tamanho da criança\*, camas (cama de lona, colchão), cacifos ou outros locais para arrumação das coisas da criança.*

*\*do tamanho da criança: os pés da criança ficam assentes no chão quando a criança se sentam nas cadeiras; mesas de altura adequada (joelhos cabem por baixo da mesa, cotovelos sobre a mesa).*

- 1 . Número insuficiente de peças de mobiliário para as refeições, descanso, arrumação dos haveres da criança. Luminosidade, ventilação ou outras condições básicas da sala inadequadas.
- 2
3. Número suficiente de peças de mobiliário, mas de tamanho inadequado ou em mau estado. Manutenção da sala deficiente (Ex. chão sujo, paredes a necessitar pintura).
- 4
5. Número suficiente de peças de mobiliário, adequadas ao tamanho da criança e em bom estado. Boa manutenção do chão e das paredes.
- 6
7. Tudo o que está em 5 mais materiais bem conservados (Ex. lençóis mudados frequentemente, cacifos limpos). A mobília não enche demasiado a sala.

#### **7. PARA ACTIVIDADES DE APRENDIZAGEM**

A mesa para brincar com areia e água pode existir fora da sala.



*Materiais Básicos: mesas e cadeiras, prateleiras abertas para arrumo dos materiais de jogo. Cavalete ou mesa para expressão plástica.*

1. Número insuficiente de peças de mobiliário básico para actividades de aprendizagem.
- 2.
3. Número suficiente de mobiliário básico para actividades de aprendizagem, em bom estado.
- 4.
5. Mobiliário básico para actividades de aprendizagem mais mesa para brincar com areia e água. Cavalete ou mesa para expressão plástica utilizados diariamente, mesa para brincar com areia e água usada semanalmente.
- 6.
7. Gama completa de mobiliário para as actividades de aprendizagem usado regularmente, mais providências para a utilização adequada e independente por parte das crianças (Ex. através de etiquetagem pictográfica ou outra orientação).

#### ◆ 7. PARA ACTIVIDADES DE APRENDIZAGEM

*Materiais Básicos: mesas e cadeiras para bebés, área com tapete, espaço apropriado para rastejar/gatinhar, prateleiras abertas e prateleiras fechadas para os brinquedos, mobiliário resistente capaz de suportar os puxões e empurrões das crianças.*

1. Número insuficiente de peças de mobiliário básico para actividades de aprendizagem.
- 2.
3. Número suficiente de mobiliário básico para actividades de aprendizagem, em bom estado.
- 4.
5. Número suficiente de mobiliário básico em bom estado, usado regularmente, e ainda, espelhos, bolas, brinquedos de puxar, jogos de encaixe, etc.
- 6.
7. Tudo o que está em 5, mais tempo e local planeados para a utilização de materiais para actividades de aprendizagem. Alguns brinquedos estão em prateleiras abertas para utilização independente.

#### 8. PARA DESCANSO E CONFORTO

"Conforto" significa macio, lugares confortáveis para sentar ou descansar, tapetes e brinquedos macios.



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

1. Inexistência de mobília estofada, almofadas, tapetes ou cadeiras de balanço disponíveis para as crianças utilizarem. Desconhecimento da necessidade da criança ter um certo "conforto" no meio.
- 2.
3. Inexistência de uma área confortável planeada para as crianças, ainda que possa existir um tapete no espaço de brincadeira ou alguma mobília estofada disponível para a criança.
- 4.
5. Área confortável planeada, regularmente disponível para as crianças (Ex. tapetes, almofadas, cadeiras de baloiço para criança ou adulto, ou mobiliário estofado). Esta área pode ser usada para leitura, jogo dramático, etc.
- 6.
7. Área confortável planeada e existência de "conforto" em várias outras áreas (Ex. almofadas no canto da leitura e casa de bonecas, várias áreas atapetadas, bastantes brinquedos macios).

### 9. ARRANJO DA SALA

Avalie o potencial da disposição da sala, mesmo que não se observem as crianças em actividade nos centros.

Quando se está a avaliar a facilidade de supervisão dos centros, verificar se o mobiliário e a disposição da sala facilitam a supervisão, isto é, se não existem divisórias e armários altos a separar os centros.

Ou

◆ **9.** Este item é omitido em salas frequentadas apenas por bebés com menos de nove meses de idade.

1. Inexistência de centros de interesse definidos. Sala arranjada de forma inconveniente (Ex. circulação de pessoas interferindo com as actividades). Materiais com uso similar não colocados conjuntamente.
- 2.
3. Um ou dois centros de interesse definidos mas sem uma disposição adequada na sala (Ex. actividades silenciosas e ruidosas próximas umas das outras, água não acessível onde é necessária). Difícil supervisão dos centros, ou materiais desorganizados.
- 4.
5. Três ou mais centros de interesse definidos e convenientemente equipados (Ex. com água, estantes adequadamente arranjadas). Centros silenciosos separados dos barulhentos. Cada centro dispõe de espaço apropriado para brincar (Ex. área de tapete ou mesas fora do espaço de circulação). Fácil supervisão visual dos centros.
- 6.
7. Tudo o que está em 5 mais centros seleccionados para possibilitar uma variedade de experiências de aprendizagem. Arranjo dos centros designado para promover um uso independente por parte das crianças (Ex. prateleiras abertas com rótulos,



espaço conveniente para secar trabalhos de arte). Materiais adicionais organizados e disponíveis para acrescentar ou modificar os centros.

## **10. RELAÇÃO DO MATERIAL EXPOSTO COM A CRIANÇA**

"Trabalho uniforme" refere-se a trabalhos altamente dirigidos pela educadora, em que há pouca possibilidade para a criatividade individual, por exemplo, fazer lagartas com embalagens de ovos copiando um modelo já feito, fazer casas ou flores com materiais já preparados, pintar e desenhar com os dedos fazendo todas as crianças as mesmas coisas da mesma maneira. Visto que o expositor pode variar durante as férias e consoante a mudança dos projectos ou das estações do ano, pergunte à educadora se os itens que vê expostos são representativos dos habitualmente expostos. Para saber se o material exposto feito pela educadora se relaciona com as actividades correntes, pergunte quando é que a exposição foi feita e como é que tem sido usada.

Se não existe material exposto feito pela educadora e a sala tem uma cotação de 5 quanto aos outros aspectos, dê a cotação 5 e avance para a cotação 7.

1. Não há materiais expostos ou materiais inadequados ao grupo etário dominante (Ex. materiais designados para crianças em idade escolar ou materiais religiosos).
- 2.
3. Predominam materiais de tipo comercial (comprados feitos) ou trabalhos feitos pela educadora (Ex. rimas infantis, abecedários, números ou materiais sazonais não intimamente relacionados com as actividades correntes das crianças).
- 4.
5. Predomina o trabalho das crianças. Algum trabalho uniforme pode estar exposto (Ex. o mesmo projecto feito por todos). O material exposto feito pela educadora está intimamente relacionado com as actividades correntes das crianças (Ex. mapas, pinturas ou fotografias de actividades recentes, projectos e pequenas excursões). Muitos elementos expostos ao nível dos olhos das crianças.
- 6.
7. Predomínio do trabalho individualizado: variedade de materiais e temas. Objectos tridimensionais (Ex. feitos de plasticina, barro ou madeira) expostos, bem como outros objectos bidimensionais. As exposições mudam frequentemente.

## **◆ 10. RELAÇÃO DO MATERIAL EXPOSTO COM A CRIANÇA**

1. Nenhum material exposto.
- 2.
3. O material exposto não é apropriado à idade das crianças (Ex. materiais designados para crianças em idade escolar ou materiais religiosos).
- 4.



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

5. Fotografias e gravuras simples e coloridas expostas ao nível dos olhos das crianças. (Ex. na zona de refeição, perto dos berços e da área em que as crianças gatinham ou em locais em que as crianças ao colo as podem ver). *Mobiles* e outros objectos coloridos para as crianças observarem.
- 6.
7. Tudo o que está em 5 mais, o pessoal aponta para as gravuras e fala com as crianças acerca delas. Ampla utilização de fotografias das crianças do grupo. São expostas as primeiras garatujas das crianças.

Legenda:

 Minha avaliação e da educadora



## ANEXO V

# Uso do modelo pedagógico do MEM no desenvolvimento do currículo

### Educação Pré-Escolar

1ª recolha – 03/01/2013

2ª recolha – 31/05/2013

#### PERFIL DE UTILIZAÇÃO

Registe uma opção entre 1 e 4, sendo que:

1 – ainda não utilizo

2 – utilizo às vezes

3 – utilizo com frequência

4 – utilizo sempre

	OBS. (a, b, c, ...)	1ª recolha	2ª recolha	3ª recolha
<b>CENÁRIO PEDAGÓGICO</b>				
<b>Áreas de Trabalho</b>				
Biblioteca / centro de documentação		4	4	
Oficina de escrita e reprodução		4	4	
Laboratório de ciências e matemática		2	3	
Oficina de construções e carpintaria		4	4	
Ateliê de artes plásticas		4	4	
Área de dramatização		4	4	
Área Polivalente		4	4	
<b>Rotina diária e semanal</b>				
Acolhimento em conselho e planificação		4	4	
Tempo de actividades e Projectos		4	4	
Comunicações		4	4	
Trabalho curricular participado pelo grupo / Animação cultural		3	3	
Avaliação em Conselho		4	4	
<b>Instrumentos de Pilotagem</b>				
Diário		4	4	
Mapa de actividades		4	4	
Mapa de presenças		4	4	
Mapa de tarefas		4	4	
Inventários		2	3	



Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

Lista de projectos	4	4	
Registo : “Quero mostrar, contar ou escrever” -	1	1	
Plano do dia	4	4	

<b>ORGANIZAÇÃO E GESTÃO COOPERADA EM CONSELHO DE COOPERAÇÃO EDUCATIVA</b>	<b>1ª</b>	<b>2ª</b>	<b>3ª</b>
	recolha	recolha	recolha
<b>Avaliação dos instrumentos de pilotagem</b>			
Promovo a tomada de consciência sobre a participação das crianças em diversas áreas da sala e em diversas actividades de grupo (comunicações, projectos, conselhos), procurando desocultar problemas e mostrar progressos; identificar estratégias para resolver problemas individuais ou do grupo, negociando contratos de responsabilidade.	4	4	
<b>Acolhimento em Conselho</b>			
Dou oportunidade às crianças para mostrarem coisas que trazem de casa, falarem de assuntos pessoais, ou ditarem um texto	4	4	
Ajudo as crianças a clarificarem as suas mensagens fazendo perguntas que levam à reconstrução e expansão do discurso	4	4	
Promovo a passagem do diálogo (criança-educador(a)) para o grupo, encorajando a criança a falar para o grupo ou o grupo a comentar/discutir o que essa criança disse.	4	4	
Apoio o planeamento do trabalho / projectos decorrendo das experiências individuais trazidas de casa e partilhadas em grupo	4	4	
<b>Planificação da semana e do dia</b>			
Leio a coluna do “queremos” do diário da semana anterior, para identificar/negociar o que se transporta para a nova semana	4	4	
Ajudo as crianças a pensarem no planeamento das actividades e projectos identificando acções (fazer isto) quando, com quem e como.	4	4	
Apoio as crianças na negociação do planeamento, procurando um equilíbrio entre os desejos e as necessidades de cada uma e do grupo.	4	4	
Negoceio com as crianças que se irá fazer nesse dia, preenchendo ou não o plano do dia.	4	4	
<b>Distribuição de tarefas</b>			
Identifiquei com o grupo um conjunto de tarefas indispensáveis ao bom funcionamento da vida em grupo	4	4	
Implementei um sistema rotativo de responsabilidades semanais que integrem pares constituídos por crianças de diferentes idades.	4	4	
Avalio com as crianças a forma como desempenharam as tarefas na semana anterior, identificando evoluções, problemas e como os resolver com a ajuda do grupo.	4	4	
<b>Balanco semanal em Conselho de Cooperação Educativa</b>			
Leitura do Diário: Clarificação das ocorrências negativas – <i>“Identificam-se, discretamente, as fontes de conflito, o quê, onde, e como aconteceu o que se registou, sem nenhum clima de policiamento judicial, mas como quem cuida de saber atenciosamente dos sobressaltos da vida, dos que fraternalmente partilham um projecto de transformação acarinhado”</i> Niza, 2007, pág.4	4	4	
<b>Estimulo a clarificação ética dos conflitos com base numa lista de operações:</b>			
Explicar o que aconteceu: dou a palavra ao autor do escrito para explicitar o que aconteceu e aos visados para complementarem com diferentes pontos de vista; o grupo pode também ajudar a clarificar.	4	4	





Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

Explicitar intenções e sentimentos: Convidar o visado a dizer as razões porque agiu assim e os autores a dizerem o que sentiram e porque se sentiram incomodados.	4	4	
Perceber as consequências do que se fez: ajudo o grupo a compreender as consequências possíveis dos seus actos.	4	4	
Estimulo as crianças a imaginarem-se no lugar do outro.	4	4	
Decidir em conselho: convido o grupo a encontrar soluções, reparações, ou estratégias de prevenção de problemas - mudanças no espaço e nos materiais; apropriação de regras do jogo social (ex: falar em vez de agir); reforço da inter-ajuda convidando o grupo a apoiar-se /responsabilizar-se alargando a cooperação.	4	4	
Aceito que não se obtenham consensos, dando <u>tempo</u> a uma <u>verdadeira</u> negociação e construção de compromissos comuns, podendo voltar a eles mais tarde.	4	4	
Envolve-me directamente no registo de ocorrências positivas, oferecendo-me como modelo.	4	4	
Escrevo sobre ocorrências positivas que envolvem crianças muitas vezes referidas no “não gostámos” de forma a apoiar o seu desenvolvimento e promover o conforto moral.	4	4	
Lemos a coluna do “fizemos” e a do “queremos” para fazer o balanço do que conseguimos alcançar e do que se irá passar para a próxima semana. Este balanço/planeamento pode ter que passar para 2ª feira, se se sentir necessidade de dar mais tempo à discussão das ocorrências negativas e positivas	4	4	

<b>TRABALHO DE APRENDIZAGEM CURRICULAR POR PROJECTOS COOPERATIVOS DE PRODUÇÃO, DE PESQUISA E DE INTERVENÇÃO</b>	<b>Obs</b>	<b>1ª recolha</b>	<b>2ª recolha</b>	<b>3ª recolha</b>
<b>Participação e acompanhamento sustentado</b>				
Envolve-me nas várias áreas da sala promovendo a organização (escolha de materiais, identificação de acções, formas de cooperação) das crianças com vista ao trabalho autónomo.		3	4	
Envolve-me nas várias áreas da sala promovendo a apropriação de formas de trabalhar /brincar mais complexas através da acção conjunta e da linguagem, compartilhando o prazer da co-construção e da problematização.		3	4	
Envolve-me em diálogos sustentados (pensamento partilhado e sustentado), procurando entrar em comunicação com as ideias e intenções das crianças e co-construir significados mais avançados.		4	4	
Promovo a cooperação entre as crianças e a tutoria e a responsabilização mútua		4	4	
Acompanho/ promovo o desenvolvimento de competências de acordo com os saberes de cada criança (diferenciação).		4	4	
Promovo o registo de experiências das crianças como forma de comunicação, de reflexão, de tomada de consciência e de planeamento de acções futuras.		4	4	
<b>Projectos</b>				
Apoio as crianças, promovendo uma “conduta de projecto” como instrumento de pensamento para antecipação de uma representação mental do que se quer fazer, saber ou mudar.		4	4	
Ajudo a clarificar o significado social do trabalho previsto, com vista à sua utilização, apropriação, intervenção e difusão.		4	4	
Ajudo a elaborar o projecto de actuação desdobrando-o em acções.		4	4	
Ajudo a conceber um plano de trabalho distribuindo as acções no tempo e atribuindo as responsabilidades.		4	4	
Apoio a sua execução em interacção dialógica.		4	4	
Apoio a monitorização dos processos e sua avaliação continuada, reformulações ou redireccionamentos		4	4	



Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

Promovo e apoio a organização da comunicação dos resultados do projecto alargando as formas de difusão.	4	4	
Promovo a avaliação do processo e da utilização social dos resultados pela reflexão crítica em grupo, recorrendo a vários pontos de vista (pais, elementos da comunidade, outras crianças, etc)	4	4	

<u>CIRCUITOS DE COMUNICAÇÃO</u>	Obs	1ª recolha	2ª recolha	3ª recolha
<b>Comunicações de trabalho</b>				
Promovo a difusão e partilha dos produtos culturais do trabalho realizado através de um tempo diário de Comunicações a partir do trabalho nas áreas ou Comunicações de Projectos, Exposições, Publicações e Correspondência.		4	4	
Exponho nas paredes da sala os trabalhos recentes das crianças, junto às áreas em que foram desenvolvidos		4	4	
<b>Promovo a difusão e partilha dos produtos culturais do trabalho com base numa lista de operações:</b>				
1) Mostrar /dizer e descrever, explicar - apoio a apresentação e explicitação do trabalho desenvolvido acentuando os seus objectivos, os processos que levaram à sua concretização (como, com quem) e os resultados		4	4	
2) Questionar e comentar – dou a palavra ao grupo para questionar, comentar, partilhar pontos de vista, no sentido da construção partilhada de significados e tomada de consciência colectiva sobre os processos e os produtos.		4	4	
3) Avaliar – promovo a apreciação crítica do trabalho pelo grupo, construindo critérios relevantes para cada tipo de trabalho, no sentido de aprender a avaliar objectivamente e a encontrar formas de resolver os problemas, responsabilizando o grupo pelo progresso de cada um.		4	4	
4) Produzir ideias para melhorar o trabalho – promovo a explicitação de ideias para melhorar, complementar ou desenvolver o trabalho apresentado, no sentido de assegurar o desenvolvimento das aprendizagens em cooperação.		4	4	

<u>TRABALHO CURRICULAR COMPARTICIPADO PELO GRUPO / ANIMAÇÃO CULTURAL</u>	Obs	1ª recolha	2ª recolha	3ª recolha
Tenho uma rotina semanal consistente de actividades de animação cultural e trabalho colectivo nas várias áreas do currículo (Leitura de histórias e dramatizações; Cultura alimentar; Correspondência; Conferências; Expressão musical; Expressão motora; Relatos /balanço das visitas de estudo; trabalho de texto; conceitos matemáticos e de ciências da natureza).		4	4	
Promovo as visitas de estudo regulares como forma de relação com o meio, enriquecimento das aprendizagens (observação, questionamento, recolha de informação, contacto com áreas diversas da actividade humana) e interpelação do meio.		2	3	
Promovo a vinda de pais e elementos da comunidade à sala para partilharem saberes com o grupo		3	3	
Promovo a comemoração de datas festivas significativas da comunidade como forma de revitalização do património cultural, planeando com o grupo a sua operacionalização.		4	4	



## PERFIL DE MOBILIZAÇÃO DOS PRINCÍPIOS ORIENTADORES

Registe uma opção entre 1 e 4, sendo que:

1 – ainda não mobilizo

3 – mobilizo com frequência

2 – mobilizo às vezes

4 – mobilizo sempre

	OBS. (a, b, c,)	1ª recolha	2ª recolha	3ª recolha
<b>PRINCÍPIOS ORIENTADORES DA ACÇÃO EDUCATIVA</b>				
A acção educativa centra-se no trabalho diferenciado de aprendizagem e de ensino		4	4	
O desenvolvimento das competências cognitivas e sócio-afectivas passa sempre pela acção e pela experiência efectiva das crianças, organizados em estruturas de cooperação educativa		4	4	
O conhecimento constrói-se pela consciência do percurso da sua própria construção, explicitando como se fez		4	4	
As crianças partem do estudo, da experiência e da acção nos projectos em que se envolvem, para a sua comunicação, conferindo sentido social às aprendizagens		4	4	
A gestão dos conteúdos programáticos, a organização dos meios didácticos, dos tempos e dos espaços faz-se de modo participado (crianças/educadores(as)) em colaboração formativa e reguladora		4	4	
A organização de um sistema de monitorização do trabalho diferenciado das crianças, em estruturas de cooperação, assenta num conjunto de mapas de registo, que sustenta o planeamento e a avaliação cooperada das aprendizagens e da vida social do grupo		4	4	
A prática democrática da organização, partilhada por todos, institui-se em Conselho de Cooperação educativa, com vista à regulação social da vida do grupo		4	4	
Os processos de trabalho no Jardim de Infância reproduzem os processos sociais autênticos da construção da cultura nas ciências, nas artes e na vida quotidiana, evitando os simulacros escolares		4	4	
Os saberes e as produções culturais das crianças partilham-se através de circuitos sistemáticos de comunicação, como validação social do trabalho de produção e de aprendizagem		4	4	
A entajuda das crianças na construção das aprendizagens dá sentido sócio-moral ao desenvolvimento do currículo		4	4	
A tomada de consciência pelas crianças, de que cada uma só pode alcançar os seus objectivos se as demais conseguirem atingir os delas, promove níveis mais elevados de cooperação e de sucesso		4	4	
As crianças intervêm no meio, interpelam a comunidade educativa, como fontes de conhecimento para os seus projectos de estudo e de investigação		4	4	



# **Uso do modelo pedagógico do MEM no desenvolvimento do currículo**

**Educação Pré-Escolar**


## **OBSERVAÇÕES**

a)

## **SUGESTÕES**



## ANEXO VI

	<b>RELATÓRIO DE ESTÁGIO</b> Mestrado em Educação Pré-Escolar 2012/2013 Creche
---	---

Aluno: Sandra Cristina Duque dos Reis Serrano

Nº: 10465

### Situação de aprendizagem:

Identificação: Sexto dia de estágio

Data: 30-10-2012

Instituição: Casa do Sagrado Coração de Jesus - Quinta do Pio

Duração: Das 9h00 às 12h30

### Explorar as cores...

Hoje foi uma manhã um pouco diferente do habitual, pois realizei a minha primeira intervenção com os meninos da creche.

Primeiramente, quando cheguei à instituição, dirigi-me à sala de acolhimento, onde já se encontravam alguns dos “meus” meninos. Sentei-me no chão, e comecei a falar um pouco com o Santiago, que não estava muito contente com o Thiago, pois este tinha-lhe tirado um carro com que estava a brincar. Depois de gerido este conflito, a Carolina, o Tiago e a Diana, vieram ter comigo e começaram a observar um documento que trazia na mão (o projecto pedagógico de creche e jardim-de-infância), que por sinal tinha uma borboleta desenhada na capa, despertando logo a atenção destes meninos. Estivemos a observá-la, e sugeri às crianças que estes lhe colocassem um nome, até que a Diana, achou por bem chamar-lhe unicamente borboleta. Perante este nosso assunto, resolvemos dar mais exemplos de animais, fazendo depois o som imitado por estes. Foi realmente muito engraçado, pois os meninos gostaram imenso desta brincadeira, fartámo-nos de rir. Posto isto e como já eram quase 10 horas, dirigimo-nos para a nossa



sala, onde já se encontrava a educadora Marília, que estava a fazer uma pequena mudança na sala, para assim rentabilizar mais o espaço.

De seguida, quando as crianças ainda não estavam completamente sentadas na área das almofadas, perguntei-lhes se queriam ouvir uma história, ao que me responderam com muito entusiasmo que sim e começaram logo a sentar-se apressadamente. Confesso que fiquei muito contente, porque imaginando que me tinham respondido que não? Era uma situação embaraçosa para mim, lá teria que improvisar outra coisa que fosse mais do agrado das crianças...Depois de já estarem todos sentados, mostrei-lhes o livro que ia ler, que na capa tem desenhado uma flor com muitas cores, bastante colorido, ficaram todos muito concentrados e em silêncio. Logo aqui, fiquei muito contente, pois consegui captar a atenção dos meninos, que por vezes nestas idades não é fácil. Depois de estarem todos praticamente concentrados, mostrei-lhes as cores da flor que tinha na capa, dizendo-lhes que cor era e relacionando também com algumas cores que já tinham falado e cujos trabalhos estavam expostos na parede. Aqui, reparei que a Diana, já sabe realmente muitas cores, não hesitando nas que lhe ia mostrando, fiquei realmente admirada com a perspicácia desta menina. Posteriormente, comecei então a ler a história “Adoro-te de todas as cores” de Alain Chiche. Mas ao mesmo tempo que ia lendo, ia mostrando as imagens do livro, que são grandes e bastante apelativas. Concluída a leitura, perguntei às crianças se queriam explorar todas as cores que tínhamos estado a falar, responderam-me logo que sim, o que me deixou muito satisfeita. Então, levantei-me e pedi aos meninos que se distribuíssem pelas áreas, ficando apenas com 4/5 crianças para fazermos a tal exploração de cores, através de uma actividade de expressão plástica, mais concretamente, coloquei tinta de várias cores (tinta utilizada para a digitinta) em pratos plásticos, depois, misturei algumas para que observassem a cor final, pois quando a criança passa a perceber a relação entre as cores, as misturas e as formas que as cores podem tomar, acaba por desenvolver várias habilidades motoras e cognitivas. De seguida, distribuí uma folha por cada menino e posteriormente agarrei em copos de plástico, virei-os ao contrário e coloquei um em cada prato, entretanto, exemplifiquei como podiam explorar todas aquelas cores, molhando o copo na tinta e depois colocando na folha de papel, onde obtivemos como resultado final, vários círculos de diversas cores espalhados pela folha. Penso que de uma maneira geral, as crianças adoraram, porque estavam a experimentar uma coisa nova, se bem que o Thiago, fartou-se de estar à espera que eu preparasse as tintas e foi



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

brincar para a zona da garagem. Futuramente terei que ter mais atenção a estas situações, tentando deixar tudo preparado antecipadamente, para que não haja uma quebra, para que não surjam situações destas. Mas em contrapartida a Matilde, esteve sempre muito empenhada e interessada, pois quis manter-se nesta actividade até explorar bem esta nova técnica e todas as cores, ficando até à hora do almoço. Os restantes meninos vão explorando e dando a vez a outros, mas sempre com muito entusiasmo. Enquanto uns experimentavam, outros mantinham-se muito atentos ao pé das mesas a observar, cheios de vontade de começar.


Rudolf Steiner acredita que o Homem moderno vive cada vez mais submerso num modo de viver e pensar cada vez mais mecanicista e tecnológico e dá muita importância aos trabalhos artísticos que permeiam a criança de uma noção mais ampla de estética e apelam à acção e ao sentimento desta. Como tal, a criança tem de criar algo com as suas mãos (ou outra parte do seu corpo) que seja resultado da sua fantasia e vontade própria. A coordenação psicomotora também entra como um factor relevante. Logo, o trabalho artístico tem um valor pedagógico e terapêutico muito grande quando realizadas com regularidade.

As cores fazem parte da vida da humanidade, transmitindo alegria, satisfação, conforto, harmonia, tranquilidade, consumo. O contato com o mundo das cores no pré-escolar é um momento mágico para qualquer criança.

Outra situação que tenho que estar mais atenta é aos horários, isto porque, estava tão empenhada no que estava a fazer que nem me tinha apercebido que já eram horas da higiene para podermos ir almoçar.

Em suma, e depois de ter falado com a educadora, penso que a actividade correu bastante bem, apesar de para a próxima ter que estar mais atenta aos dois pontos que já referi anteriormente.



	<b>RELATÓRIO DE ESTÁGIO</b> Mestrado em Educação Pré-Escolar 2012/2013 Creche II
Aluno: Sandra Cristina Duque dos Reis Serrano <span style="float: right;">Nº: 10465</span>	

**Situação de aprendizagem:**

Identificação: Primeira semana de estágio	Data: 18/02/13 a 22/02/13
Instituição: Casa do Sagrado Coração de Jesus - Quinta do Pio	Duração: Das 9h00 às 16h00

**Semana de 18/02/13 a 22/02/13**

- Grande entusiasmo por me voltarem a ver, fiquei muito feliz.
- Todos queriam participar na elaboração dos ovos da Páscoa, por isso, eu com a ajuda da educadora tivemos que organizar o grupo da melhor forma.
- A Inês gosta sempre de colaborar em todas as actividades que se realizam, tem logo a iniciativa de se levantar e sentar-se numa das mesas para começar.
- O Afonso enquanto estava a pintar as patas de um dos porquinhos (da história dos 3 porquinhos), teve necessidade de começar a explorar a tinta, pintando as mãos com o pincel e até mesmo a cara.
- As crianças gostaram imenso de estar a rasgar as folhas de revistas em tiras.
- Verifiquei que a Matilde e a Leonor, estiveram sempre muito cuidadosas a colar as tiras de papel nos balões, sempre com a preocupação em taparem todos os bocadinhos de balão que ainda estavam à mostra.
- Cheguei à conclusão que esta actividade (a colagem das tiras de papel nos balões) não se pode prolongar por mais tempo, pois as crianças começam a perder o interesse.
- A sessão de expressão físico-motora foi um momento de grande excitação e alegria para o grupo, possivelmente por fugir um pouco à rotina.





## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

- O Diogo, apesar de já aceitar muito melhor a comida, continua com grandes dificuldades em aceitar sólidos, mas o facto de já comer a sopa sozinho deixou-me muito contente, pois houve uma grande evolução.
- Por sua vez o Rui (criança com espectro de autismo), melhorou bastante, isto porque, quando eu fui embora de férias ainda tinha dificuldade em comer a sopa e hoje em dia até já come o segundo prato.
- Durante o lanche não observei quaisquer problemas, todas as crianças gostam desta refeição
- Na sexta-feira, quando cheguei à sala, o Rui estava completamente alterado, em pânico, não sei concretamente as razões, mas com certeza contrariaram-no nalguma situação. Fiquei bastante preocupada, pois nunca o tinha visto assim. Este foi sem dúvida o ponto menos positivo de toda a semana.

Esta semana, iniciei a minha Intervenção Plena em creche II, referente à Prática de Ensino Supervisionada.

Apesar de haver duas ou três situações mais relevantes durante esta semana, irei fazer um breve resumo de cada dia.

No decorrer desta semana tentei dar continuidade às rotinas diárias e semanais estabelecidas anteriormente pela educadora Marília e auxiliar Patrícia.

O período de acolhimento/reforço da manhã, ao longo de toda a semana teve como finalidade a minha maior aproximação às crianças e suas famílias, de modo a ter uma maior noção dos seus interesses, necessidades e estabelecer vínculos afectivos mais fortes.

Durante a manhã de segunda-feira, as crianças contaram as suas novidades do fim-de-semana, posteriormente, fizeram ilustração das mesmas, onde verifiquei que algumas (Diogo e Matilde) já começaram a fazer as suas primeiras garatujas. Segundo Andrea (2011), na evolução gráfica da criança *“por volta dos 3 anos esta começa a desenhar linhas verticais, círculos não fechados (inicia o círculo) pontos, linhas, traços. Todas as experiências sensorio-motoras prosseguem de uma forma contínua, mesmo que sublinhem idas e vindas necessárias à confirmação das aquisições.”* (p. 39)

Neste período de partilhas, as crianças demonstraram-se sempre muito participativas.



Fig.1 – Ilustração das novidades do fim-de-semana

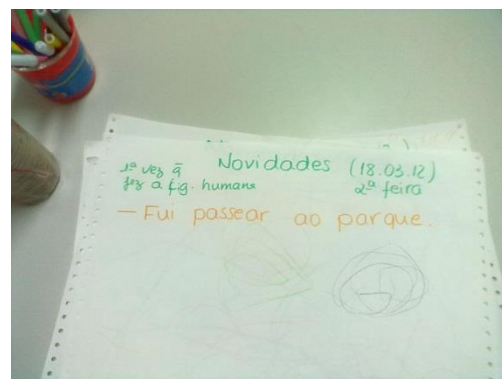
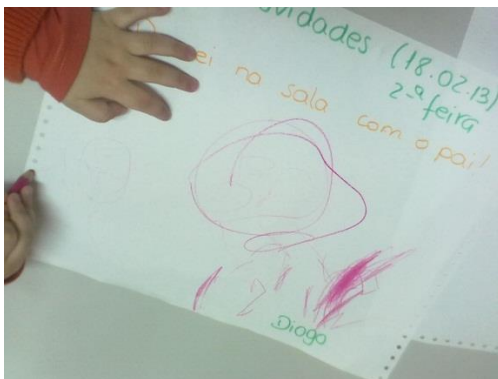


Fig. 2 e 3 – Primeiras garatujas

A manhã de terça-feira, foi muito prazerosa para o grupo, pois estiveram a explorar as folhas de revistas, rasgando-as e cortando-as em tiras, acabando por desenvolver a motricidade fina e contribuindo para adquirir um maior controlo motor. Segundo Andrea (2011) “ *As crianças vão adquirindo habilidades manuais aos poucos e poucos e à medida que vão praticando, a sua motricidade fina vai-se desenvolvendo, assim como a sua capacidade de atenção as levam a querer ultrapassar o simples prazer de manipulação para desejarem fazer algo de mais representativo.*” (p. 44)



Fig. 4 e 5 – Crianças a explorarem e a rasgarem tiras de papel

O dia de quarta, foi diferente do resto da semana, pois é destinado a uma sessão de movimento (expressão físico-motora), onde as crianças através deste tipo de actividades aprendem a conhecer e a controlar melhor o seu corpo, para além de terem aprendido conceitos novos como a lateralidade e o dentro e fora.

Na quinta-feira, depois do habitual reforço e do nosso diálogo, um grupo de crianças ficou com a Marília a pintar as patas dos 3 porquinhos (da história) que fizeram com material reciclado. Neste momento, foi muito interessante ver o Afonso enquanto pintava as patas (caixas de ovos), a explorar a tinta, pintando as mãos e a cara. Segundo a mesma autora “ *A pintura pela sua consistência e pela sua textura, assim como pelo atractivo das cores, ajuda muito a criança a encontrar bastante prazer. É interessante ver uma criança a utilizar a cor, aplicando-a com cuidado e minúcia, com rapidez e frenesim para obter toda a gama de emoções variadas que o material lhe suscita.*” (p. 41) Em paralelo com a pintura das patas e também durante a manhã de sexta, deu-se início à elaboração dos ovos da Páscoa, onde começámos por encher os balões (Sandra, Marília e Patrícia), depois, com a ajuda das crianças, espalhámos a cola nestes e colámos as tiras de papel, de modo a tapar toda a superfície, foi uma actividade muito prazerosa para estas, ver o resultado final foi um momento de muita alegria e entusiasmo para os meninos. Segundo a autora, “*Desde muito cedo as crianças adoram tocar, manipular, transformar e ver nascer debaixo dos seus dedos uma forma, um produto acabado segundo elas próprias pensam. Ficam orgulhosas das suas construções e exibem-nas com muito orgulho.*” (p. 43)



Fig. 6 – Crianças a pintarem as patas dos 3 porquinhos (história)



Fig. 7 – O Afonso já depois de ter explorado a tinta




Fig. 8 e 9 – Início da confecção dos ovos da Páscoa

Em suma foi uma semana muito produtiva e de muitas emoções, sendo segundo a minha opinião, o momento em que o Afonso começou a explorar a tinta e também a exploração das folhas de revistas os mais marcantes da semana.,

Como futura educadora, irei dar grande importância a estes momentos de descoberta e exploração, pois é através destes que as crianças aprendem e descobrem o “mundo”.



	<b>RELATÓRIO DE ESTÁGIO</b> Mestrado em Educação Pré-Escolar 2012/2013 Creche II
---	--

Aluno: Sandra Cristina Duque dos Reis Serrano

Nº: 10465

**Situação de aprendizagem:**

Identificação: Segunda semana de estágio

Data: 25/02/13 a 01/03/13

Instituição: Casa do Sagrado Coração de Jesus - Quinta do Pio

Duração: Das 9h00 às 16h00

**Dia 25/02/13**

- Quando cheguei à sala de acolhimento, as crianças vieram logo a correr ter comigo dar-me um beijinho, fiquei muito contente
- As crianças demonstraram grande entusiasmo por irmos iniciar a pintura dos ovos da Páscoa
- A Matilde, a Diana e a Carolina dirigiram-se logo para a mesa onde íamos iniciar a pintura dos ovos, sentaram-se e quando coloquei em cima da mesa os ovos, os copos com a tinta e os pinceis, perguntaram-me logo: “Sandra podemos começar a pintar?”, mostrando grande ansiedade por começarem, e certamente por verem o resultado final.
- No final da manhã, depois de já termos arrumado a sala, sentamo-nos na zona das almofadas para as crianças relembrem o que tinham estado a fazer. Por fim, antes de irmos para o almoço e como forma de as crianças ficarem mais calmas cantámos a cação “O balão do João”

**Dia 26/02/13**



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

- Neste dia continuámos a pintura dos ovos (Sandra e Patrícia)
- Algumas crianças estiveram com a Marília a colar as patas dos porquinhos (da história dos 3 porquinhos), todos queriam colaborar na colagem.
- Como faltava ainda pintar algumas patas, a Marília pediu a colaboração do Lourenço, pois este tem estado doente e não tem ido ao colégio e foi uma forma de um integrar, isto porque, o facto de ter estado uns dias em casa, o voltar à rotina deixou-o um pouco triste, a chorar.

### **Dia 27/02/13**

- Hoje senti-me um pouco debilitada e cansada, pois tenho estado doente.
- Depois do reforço da manhã, estivemos a relembrar como fizemos os ovos da Páscoa.
- Hoje foi dia de físico-motora, logo foi um dia de muita excitação e contentamento, onde organizei dois circuitos diferentes. Posteriormente, depois de terminada esta sessão, as crianças tiveram oportunidade de brincar com os arcos e com as bolas, onde eu estive a interagir com estas individualmente e por vezes em pequenos grupos. A seguir, perguntei às crianças se queriam água e se queriam cantar uma canção, como forma de ficarem mais calmos para seguirmos então para o almoço.
- O lanche é uma refeição muito apreciada por todos, mesmo aquelas crianças como (a Carolina, o Diogo e a Mafalda) que durante os almoços demoram muito tempo a comer e têm dificuldades em aceitar determinados alimentos, nesta refeição até são dos primeiros a acabar.

### **Dia 28/03/13**



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

- Hoje durante o reforço da manhã estive a ensinar uma lengalenga às crianças, gostaram bastante, mas o que me deixou mais surpresa foi a reacção do Rui (criança com espectro de autismo), pois esteve a colaborar neste momento, fixando um pouco da lengalenga, esteve sempre junto ao grupo sem se dispersar.
- Iniciámos a decoração dos ovos da Páscoa com bocadinhos de tecido e de papel, onde verifiquei que as crianças gostaram bastante de estar com as suas tesouras a ajudar-nos (Marília, Patrícia e Sandra) a cortar.
- No dormitório estive a ajudar o Afonso a descalçar os seus sapatos, explicando – lhe como tinha que fazer.

### **Dia 01/03/13**

- Fizemos o registo e ilustração da lengalenga, onde verifiquei que o Tiago já a sabe de cor.
- Observei também, que hoje a maioria das crianças quiseram estar a fazer jogos de mesa durante a manhã. É uma das brincadeiras de que mais gostam, para além da área da casinha.

Esta semana começou da melhor forma, pois assim que cheguei ao colégio, à sala de acolhimento, tive logo uma recepção calorosa das crianças, vieram logo a correr ter comigo para me darem um beijinho, e para me contarem algumas novidades, como foi por exemplo o caso do Thiago, que me veio dizer o seguinte: “Sandra, sabes uma coisa, ontem fui com a mãe e com o mano João ao parque”, entretanto o Rafael aproveitou para dizer que também tinha ido, já a Carolina disse-me “Sandra a minha mãe comprou-me um laço novo para o cabelo”, logo de seguida a Maria, chamou-me e afirmou: “Olha para o que eu tenho na cabeça (gancho), também é novo”. Penso que esta reacção das crianças foi uma forma de me dizerem que gostam de mim e que tiveram saudades minhas. Neste momento observei que enquanto os acarinhava, tiveram



necessidade de chamar a atenção contando-me as suas novidades do fim-de-semana. Fiquei bastante sensibilizada com este gesto...

Esta segunda-feira foi um dia destinado a pinturas. Depois das crianças nos terem contado as suas novidades (Sandra, Marília e Patrícia), eu comecei por lhes perguntar se gostariam que os seus ovos da páscoa ficassem mais bonitos, se queriam pintá-los, em coro responderam-me que sim. Entretanto, estive então a dizer-lhes que precisaria de três meninos para ficarem comigo e com a Patrícia a pintar os ovos da Páscoa. Aqui, a Diana, a Matilde e a Carolina, mostraram logo grande entusiasmo, vieram logo ter comigo e perguntaram-me “Sandra, podemos ficar contigo a pintar os ovos?” eu respondi-lhes que sim. Estas crianças gostam imenso de colaborar em todas as actividades.

Expliquei-lhes também, que outros quatro meninos ficariam com a Marília a registarem as novidades do fim-de-semana. Quanto às restantes crianças foram para as áreas brincar.

Em relação à pintura dos ovos, comecei por forrar as mesas com folhas de revistas, de seguida, chamei então a Diana, a Matilde e a Carolina para se sentarem. Depois, fui buscar três copos de plástico, três pinceis e os frascos de tinta. Despejei então um pouco para cada copo (vermelho, verde e azul) e juntei-lhes água, as crianças ficaram a observar-me. A seguir, perguntei a cada uma individualmente a cor que queriam, todas me responderam vermelho, talvez por ser uma cor quente e apelativa. Também segundo alguns pedagogos, a cor também está de certa forma associada à personalidade da criança. Segundo Sousa (2003) “*De um modo geral, as cores quentes parecem ser mais utilizadas por crianças extrovertidas(...)*” (p. 228)

Posteriormente, começámos (Sandra e Patrícia) a ajudar individualmente cada criança, explicando-lhes que antes de tirar o pincel dos copos temos que os escorrer para que os nossos ovos não fiquem a pingar, depois eu e a Patrícia ajudámos cada uma a pintar os seus ovos. Nesta actividade observei que as crianças não têm grande dificuldade em manusear os pinceis, escorrê-los foi sem dúvida a única situação onde verifiquei maiores obstáculos. Através da pintura pretendi proporcionar um momento de criatividade, onde as crianças puderam pintar da forma que quiseram e como quiseram os seus ovos. Segundo Sousa (2003) “*Em educação pela arte, o interesse pedagógico centra-se na criatividade, sendo a acção de criar apenas uma forma de desenvolver*



*esta capacidade. Não interessa tanto o como nem o que a criança desenha ou pinta, mas o que sucede mentalmente, no seu cérebro.” (p. 197)*



Fig. 10 e 11 – Crianças a pintarem os ovos da Páscoa

Na terça-feira, foi um dia dedicado também à pintura dos ovos e à colagem das patas do porquinho (história dos três porquinhos), onde quatro meninos estiveram com a Marília nesta actividade. Mais tarde chegou o Lourenço, que já não vinha ao colégio à alguns dias, ficou um pouco triste por a mãe se ter ido embora, por isso a Marília pediu a sua ajuda para acabar a colagem e a pintura de umas patas que ainda faltavam. Verifiquei que rapidamente o Lourenço se envolveu nesta actividade, deixando de chorar e de estar triste. Por vezes é necessário arranjar este tipo de estratégias.



Fig. 12 e 13 – Lourenço a colaborar na colagem e pintura das patas dos porquinhos



A quarta-feira é o dia de ginástica, onde as crianças podem libertar as suas energias. Com a colaboração da Marília e da Patrícia organizámos dois circuitos. Colocando num primeiro e de uma forma sequencial, duas passadeiras, onde as crianças tinham que caminhar por cima destas mantendo o equilíbrio, depois passavam por dentro de um túnel de plástico, a seguir, tinham que contornar (esquerda – direita) cinco pines, posteriormente saltavam com os pés juntos dentro dos arcos (10) e por fim davam uma cambalhota no colchão. Eu a Marília e a Patrícia estivemos sempre a apoiar as crianças durante todo o circuito. Neste primeiro e pelo que observei a maior dificuldade foi nas cambalhotas, para uma próxima vez terei que pensar melhor e optar por algo que seja mais adequado às suas idades.

No segundo circuito, fiz algumas alterações, ou seja, em vez das passadeiras coloquei o escorrega de espuma e o colchão à frente, para que as crianças pudessem escorregar da forma que quisessem, substituí o túnel pelo cubo, onde as crianças passavam por dentro deste, retirei os pines, os arcos mantiveram-se, mas desta vez as crianças tinham que abrir as pernas e passar com os dois pés ao lado destes, no final do circuito, tirei o colchão e coloquei o túnel na vertical, de forma a que as crianças ao chegarem ao ultimo arco tentassem acertar com uma bola dentro deste. No último trajecto, observei que todo o grupo teve maior dificuldade na parte dos arcos, onde o facto de abrir as pernas e passar com os pés ao lado do arco não foi a melhor opção.

Também tomei consciência que para a próxima vez terei que encontrar alguma estratégia, como por exemplo uma música ou uma história, de forma a motivar mais as crianças durante este momento.

Quando terminámos esta nossa sessão as crianças tiveram oportunidade de brincar com os arcos e com as bolas, onde eu estive a interagir com algumas crianças individualmente e em grupo, ou seja, primeiro a Mafalda veio ter comigo e disse-me “ Sandra vem brincar comigo”, então eu disse-lhe senta-te, assim como eu, com as pernas abertas e manda a bola para a Sandra, que depois eu mando para a Mafalda, está bem?, então ela sentou-se e começou a mandar a bola, de seguida juntou-se o Thiago e logo depois a Carolina, onde estivemos os quatro a jogar.

Este tipo de sessões são importantes para estas idades, pois segundo Post & Hohmann (2011) “*Quando as crianças têm o espaço e a liberdade para se movimentarem sem constrangimentos, aprendem a medir a sua força física e os seus*



*limites e exercitam padrões de movimentos até que o seu domínio os impele ao próximo desafio físico”.* (p. 254)

Quinta-feira iniciámos a nossa manhã com uma lengalenga que estive a ensinar às crianças, para tal e com o auxílio da Marília e da Patrícia, utilizei algumas estratégias. Primeiro pedi ao grupo que se sentassem em roda, comecei por a dizer de uma forma pausada e calma, onde verifiquei que ficaram muito atentos, a seguir, pedi a todo o grupo que me acompanhasse a dizer a lengalenga, onde utilizei um tom de voz mais alto, neste momento, observei que o Tiago já tinha decorado a primeira frase, posteriormente, disse-a batendo os pés, aqui, comecei a ver o Rui muito entusiasmado e também já ele tinha fixado uma das frases da nossa lengalenga. Por fim e utilizando esta estratégia, verifiquei que já alguns meninos (Maria Leonor e Tiago) sabiam a lengalenga toda, logo, o método utilizado por mim e com o apoio da Marília, foi bastante positivo.

As crianças divertem-se bastante com este tipo de actividades, elas gostam imenso de lengalengas pelo facto das frases rimarem, logo os sons acabam por se repetir, são os mesmos, por isso gostam de as ouvir vezes sem conta, onde acabam por ter a oportunidade de explorar a linguagem oral, que é fulcral nestas idades.

Para terminar a nossa semana fizemos o registo da lengalenga, onde pedi a ajuda do Diogo, da Diana, da Carolina, da Matilde e da Maria Leonor, para o fazer, ou seja, sentámo-nos numa mesa e numa cartolina à medida que cada um dizia uma frase, eu ia a escrevendo. Por fim pedi a cada um deste grupo, individualmente, que desenhasse qualquer coisa que estivesse relacionada com a nossa lengalenga e o que observei no final, foi que todos tiveram a tendência para desenhar balões, possivelmente por causa da primeira frase “Tão balalão...”, fez com que pensassem em balões. O resto da manhã foi preenchida com jogos de mesa individuais e em grupo, onde a Marília esteve com um grupo de crianças a jogar um jogo.

Optámos por fazer o registo da lengalenga, por as crianças terem gostado bastante e assim, sempre que quiserem, podem pedir a ajuda de um adulto para a relembra, para além de a poderem mostrar aos pais.

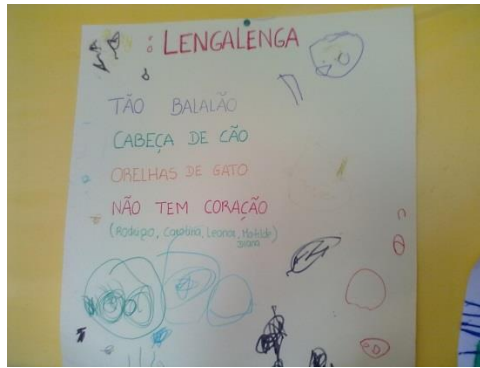



Fig.14 – A nossa lengalenga ilustrada com muitos balões

Na hora da sesta, estive a incentivar o Afonso a descalçar-se, dizendo-lhe: “ Afonso, ainda te lembras como é que a Marília te esteve ontem a ensinar a tirar os sapatos? Então diz lá à Sandra como é, para a Sandra ver”. Então o Afonso lá foi tentando mostrar-me, fazendo força na zona do calcanhar e puxando o sapato, até que os conseguiu descalçar. Penso que esta criança não esteja muito habituada a descalçar-se, daí ser importante incentivá-la.

Com esta semana percebi que pequenas coisas simples, como a lengalenga, podem despertar grande interesse para as crianças, por vezes nós adultos tentamos complicar com coisas que nem sequer lhes interessa. É bom reflectirmos um pouco sobre isto...



	<b>RELATÓRIO DE ESTÁGIO</b> Mestrado em Educação Pré-Escolar 2012/2013 Creche II
Aluno: Sandra Cristina Duque dos Reis Serrano <span style="float: right;">Nº: 10465</span>	

**Situação de aprendizagem:**

Identificação: Quarta semana de estágio	Data: 11/03/13 a 15/03/13
Instituição: Casa do Sagrado Coração de Jesus - Quinta do Pio	Duração: Das 9h00 às 16h00

**Dia 11/03/13**

- Após ter chegado à sala de acolhimento, as crianças vieram a correr ter comigo para me contar as novidades, sobre o que tinham feito no fim-de-semana, o Thiago e a Maria Leonor disseram-me logo: “Sandra, no fim-de-semana fui ao parque”, já o Tiago disse-me: “Eu não saí de casa, estive a brincar com o meu Pai”.
- Depois de já estarmos na sala e de lhes ter falado sobre o que tínhamos combinado na semana anterior (a mudança da sala), demos então início a este processo, onde observei que o entusiasmo foi grande e que também não se tinham esquecido que íamos tirar a garagem, pois começaram logo por aí (a enrolarem a carpete).
- Durante a sesta, depois de já todos estarem deitados, coloquei um CD de Enya, como forma de acalmarem, e realmente o burburinho que existia na sala deixou de se ouvir.
- Depois do lanche, quando entraram na sala, verifiquei que ainda estavam um pouco perdidos, isto porque, o Tiago, assim que chegou, foi a correr para o fundo desta para ir buscar um livro (quando a estante já se encontrava em



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

sentido oposto), pois tinha-me pedido para lhe contar a história do capuchinho vermelho.

### **Dia 14/03/13**

- Neste dia, levei uma história para lhes contar “O lobo que queria mudar de cor”. Mas o que achei curioso, foi, mesmo antes de lhes mostrar o livro, perguntaram-me logo: “Sandra, é uma história com lobos”. Aqui se vê o grande interesse que têm por esta personagem, seria interessante irem a uma reserva de lobos para os poderem observar, “Centro de recuperação do lobo ibérico” em Mafra por exemplo. Também para desmistificarem um pouco essa personagem. Mas infelizmente, não é possível, por falta de meios e verba.
- Hoje, durante a história, reparei que o Afonso esteve sempre muito atento e interessada, pois normalmente não costuma ter esta postura. Gostei muito de o ver assim.
- Durante a experiência (água + corante alimentar), o Thiago esteve sempre muito empenhado em me ajudar.
- Depois de concluída a experiência, o Rafael e o Thiago estiveram a colocar pedrinhas, lantejoulas e missangas dentro de cada uma das garrafas, onde o Rafael, ficou o resto da manhã a brincar com estas, abanando as garrafas para ver o seu efeito e dizendo:” Sandra, olha esta está com brilhantes, gosto desta (garrafa com corante vermelho + lantejoulas amarelas).

### **Dia 15/03/13**

- Neste dia, quando cheguei à sala de acolhimento, as crianças andavam a brincar com balões, muito entusiasmadas, não paravam de gritar, entretanto, como forma de os acalmar, comecei a fazer umas bolas de sabão, onde verifiquei que a tal gritaria acabou.



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

- Já na nossa sala e depois de ter chegado a Professora Assunção, verifiquei que o grupo ficou muito mais agitado, inclusivamente o Diogo que é uma criança bastante calma e tranquila, nesse dia, estava bastante desassossegado.
- No momento de explorar o iogurte, observei que as crianças mais novas (Inês, Rafael e Leonor) estavam muito entusiasmadas, espalharam iogurte pela cara e diziam-me que era fofinho.
- Mas também verifiquei que o Rui, não gostou nada de sentir aquela textura nas mãos, o que é muito normal em crianças autistas.
- A Leonor apesar de ter gostado bastante, teve algum receio em ir.
- Já o Afonso, e pelo que observei em todas as semanas de estágio nunca quer participar em nenhuma proposta, prefere ir brincar. Tenho que arranjar uma forma de o cativar.
- Quando foram para o exterior, tinha pensado em fazer o jogo das cores, mas ficaram tão entusiasmados com esta ideia, que começaram logo a correr pelo pátio, em direcção aos escorregas, que resolvi não os estar a “chatear” com esta minha ideia, pois estavam muito mais interessados em explorar todos os brinquedos que estavam no exterior.
- Quanto cheguei ao dormitório, ficaram muito contentes por me ver, e começaram a abraçar-me e a colocarem-se às minhas cavalitas.
- Depois da sesta, pedi ajuda à Leonor para recolher as chuchas, que muito prontamente me esteve a ajudar, ou seja, enquanto estavam sentados à espera para irmos para o lanche, a Leonor foi de cama em cama pedir a chucha aos colegas, enquanto eu fui sempre ao lado dela com a caixa destas, para as ir guardando.

Para começar a semana, e tal como tinha ficado acordado com as crianças, começamos primeiramente por lembrar o que tínhamos falado sobre a possível alteração da sala, ou seja, primeiramente perguntei-lhes: “Lembram-se do que combinámos da última vez que eu cá estive?”, “O que é vamos fazer hoje?”, até que o Tiago me respondeu: “Tirar a garagem”, e eu disse-lhe: “Pois é...e mais”, a Maria Leonor disse então: “mudar a sala”. Entretanto eu respondi: “ Pois é, é exactamente isso

que vamos fazer, mas para tal, eu, a Marília e a Patrícia, vamos precisar muito da vossa ajuda”. Entretanto, levantamo-nos todos da zona do tapete e pedi que um grupo (5 meninos), ficasse com a Marília, 5 comigo, e 5 com a Patrícia, para começarmos então a retirar as coisas do lugar, ou seja, cada uma de nós tinha um conjunto de sacos grandes, abrimos um saco de cada vez e pedimos a duas crianças que segurassem neste, enquanto as outras três crianças iam colocando neste, os brinquedos que lhes íamos passando. Procedemos assim para todas as áreas, em relação à mudança de estantes e móveis mais pesados, fizemos nós (Marília, Sandra e Patrícia) durante a nossa hora de almoço.

Com esta modificação da sala, pretendi criar mais espaço, para que as crianças pudessem circular livremente de área em área e claro, também para que pudessem ter uma maior zona para as suas brincadeiras.

No final, o resultado foi bastante positivo, pois as crianças gostaram bastante e realmente pude verificar que já têm muito mais espaço para as suas brincadeiras, o que é fundamental nestas idades. Segundo Post & Hohmann (2011) *“Um ambiente bem pensado e centrado na criança promove o desenvolvimento físico, comunicação, competências cognitivas e interações sociais.”* (p. 101)



Fig. 30, 31, 32 e 33 – As crianças a ajudarem na modificação da sala





A quinta-feira, foi o dia mais marcante para mim, pois senti que o grupo esteve sempre muito interessado e atento a tudo o que eu dizia e fazia.

Primeiramente, enquanto o Afonso distribuía as bolachas, fui cantando a canção do bom dia, mas numa versão diferente da que conheciam. Ficaram logo muito atentos, e inclusivamente o Rodrigo, chegou-me a dizer: “Não é assim” e começou a cantar a outra versão que sabia. Até que lhes disse que tinha aprendido a canção desta forma e que gostava de lhes ensinar. Concordaram e ficaram a ouvir-me...cantei-a de uma forma alegre e calma ao mesmo tempo, para que me pudessem acompanhar. Não sei se foi de uma forma desafinada, como diz a Professora Assunção, mas foi sem dúvida da melhor forma que consegui.

Terminado este momento, disse-lhes que tinha trazido uma história, aqui o Afonso, perguntou-me se era de lobos (personagem que tanto adoram), eu respondi-lhe que sim. Então, todas as atenções se centraram no livro que tinha trazido. Mostrei-lhes em primeiro a capa, que por sinal tem um lobo desenhado, e de seguida disse-lhes o título “O lobo que queria mudar de cor”. Fez-se então um silêncio na sala. Comecei então a ler-lhes a história de uma forma apelativa, com entoação e algum suspense. O Afonso até estava boquiaberto a olhar para mim. Falo em particular desta criança porque normalmente costuma estar a destabilizar um grupo, mas neste dia, esteve diferente, sempre interessado, entusiasmado e atento.

Quando terminei a história, e como esta falava das cores que o lobo tinha experimentado, perguntei-lhes se queriam fazer uma experiência, onde juntando umas gotinhas de perlimpimpim a água ficaria com cor. Pedi então a colaboração de 3 crianças para ficarem comigo a fazer a experiência, enquanto 4 ficariam com a Marília a acabar a prenda do dia do Pai e as restantes com a Patrícia nas áreas.

Comecei por colocar todo o material em cima da mesa (garrafas de plástico e corante alimentar), enchi uma das garrafas com um pouco de água, seguidamente juntei-lhe umas gotas de corante alimentar, sempre com a ajuda do Thiago, pois estava tão envolvido que queria sempre colaborar na colocação das gotas, dizendo-me sempre: “Sandra, eu faço, eu faço”. Depois de obterem uma cor, ficavam sempre muito contentes aos saltos. Fiz o mesmo procedimento para todas as garrafas. No final, perguntei-lhes: “E se colocássemos mais coisas dentro das garrafas, como por exemplo missangas, lantejoulas ou pedrinhas coloridas? (ao mesmo tempo que ia dizendo ia

mostrando), “. Concordaram logo de imediato e mais uma vez o Thiago queria colocar os objectos dentro da garrafa, e assim foi, isto porque, os colegas não se importaram, pois estavam mais interessados em ver o resultado final. Depois de todas as garrafas terem objectos lá dentro, o Diogo agarrou numa delas (a que tinha umas pedras grandes) e disse-me: “Olha, está mais pesada”, já o Rafael (que agarrou na que tinha lantejoulas) disse: “A minha tem brilhantes”, acabando por passar o resto da manhã a agitá-la para ver as lantejoulas a baloiçarem na água, o Thiago depois de ter estado tão empenhado na experiência, quando acabámos, já não ligou mais às garrafas, dizendo: “Agora, vou brincar”.

No fim da manhã, pedi-lhes que arrumassem, sentei-me na zona do tapete e como forma de reunir o grupo, comecei a cantar-lhes a canção das cores, de uma forma serena e com um tom de voz baixo, de modo a ficar mais tranquilos, para prosseguirmos então para o almoço.

Por volta das 15h00, depois de todos estarem já terem feito a higiene, pedi a colaboração da Leonor (uma das crianças mais novas) para recolher as chuchas, dizendo-lhe: “Leonor, queres vir ajudar-me a guardar as chuchas dos colegas?”. Depois de me responder, eu lá fui ao lado desta criança, que começou por uma ponta (pois os colegas encontravam-se sentados nas suas camas, para podermos ir para o lanche) e ia dizendo: ”Dá a chucha para a Sandra arrumar”, assim sucessivamente, até chegarmos ao fim. É uma criança que apesar de ser das mais novas, já é bastante autónoma.



Fig. 34 – A fazermos o registo das cores que o lobo experimentou



Fig. 35 – Na experiência (água + corante)



Fig. 36 – Continuação da prenda do dia do Pai

Na sexta-feira, foi um dia de maior agitação, tanto para mim como para as crianças, isto porque a Professora Assunção foi-me ver, logo estava um pouco nervosa, e as crianças com a sua presença, também ficaram mais agitadas.

Começamos a nossa manhã com a canção do bom dia, de forma a centrar o grupo na zona do tapete, ou seja, sentei-me e comecei a cantar de uma forma suave e calma mas alegre ao mesmo tempo, para que as crianças começassem também a ficar menos agitadas. Depois, comecei por lhes perguntar, se ainda se lembravam da história que lhes tinha lido no dia anterior, qual é que foi. O Rodrigo disse que tinha sido a história do lobo. Entretanto, voltei a mostrar-lhes o livro e disse-lhes o título. Depois, voltei a folheá-lo e a relembrar-lhes a história, as cores que o lobo tinha experimentado e porque não tinha gostado de se ver. Aqui, verifiquei que o Afonso e o Tiago ainda se lembravam de algumas partes, pois quando lhes perguntei: quando o lobo parecia um sapo, que cor é que ele tinha experimentado, o Afonso respondeu-me logo: verde. E na parte em que ele experimentou o azul, o Tiago disse-me logo: ficou azul porque estava com frio.

Depois de estarmos a rever a história, perguntei-lhes: das cores que o lobo experimentou faltou-nos ver uma porque não tivemos tempo, lembram-se qual era? Entretanto eu disse-lhes que era o verde, mas para tal, iríamos voltar a fazer outra experiência mas desta vez com uma coisa diferente, mas que teriam que adivinhar o que era.



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

Pedi então ao grupo, três crianças para ficarem com a Marília a acabar de fazer os carimbos para a prenda do dia do Pai, quatro para ficarem comigo e com a Patrícia na experiência, enquanto as restantes ficariam nas áreas a brincar.

Em relação à experiência, comecei por pôr a tigela com o iogurte em cima da mesa, depois abri o frasco do corante alimentar amarelo e coloquei umas gotas, a seguir pus umas gotas de corante azul e pedi à Patrícia que mistura-se tudo com uma colher. Aqui perguntei-lhes então a cor que tínhamos obtido, e o Diogo respondeu-me logo: verde, depois, coloquei uma colher à frente de cada menino para que pudessem explorar, mexer e provar. Neste momento observei que o Santiago, ficou com algum receio e disse-me: “É frio”. Entretanto pedi-lhes que provassem para adivinharem o que era, a princípio ficaram um pouco hesitantes, mas depois o Diogo disse-me: “É iogurte”. Depois afastei-me para que pudessem explorar livremente. Mais tarde voltei a aproximar-me e já o Rafael e a Leonor tinham a cara cheia de iogurte, cheguei-me ao pé deles e perguntei-lhes se era bom, disseram-me que era fofinho.

Com esta actividade pretendi trabalhar mais uma cor (o verde) mas de uma forma bastante prazerosa para estas idades, contribuindo para o seu desenvolvimento sensório-motor.

Durante esta proposta, verifiquei que o Afonso não quis experimentar. Tenho que arranjar uma estratégia para conseguir que esta criança se interesse por alguma actividade, que não seja unicamente brincadeira livre.

Terminado este momento de exploração, perguntei-lhes se queriam fazer um jogo lá fora, disseram-me logo que sim, não pelo jogo, mas pelo facto de puderem ir para o pateo brincar. Digo isto porque, assim que chegámos ao exterior as crianças começaram logo a correr para os escorregas, para os carros, para as casinhas, etc. Neste momento, achei que não valia a pena estar a falar mais do jogo, pois estavam mais interessados noutra tipo de brincadeiras.

Fartaram-se de brincar e de correr autonomamente, havendo unicamente um ou duas crianças a pedirem ajuda do adulto nas brincadeiras, como foi o caso da Inês e da Leonor, porque não conseguiam subir para alguns brinquedos. Para além de alguns triciclos não estarem nas melhores condições e as crianças precisarem de ajuda para as empurrar, onde a Professora Assunção esteve a incentivar para que se ajudassem uns aos outros no empurrar destes.

Por volta das 10h45, as crianças foram então fazer a sua higiene para irem almoçar.




Fig. 37, 38 e 39 – A explorarem e a provarem o iogurte



Fig. 40 – O Rui nos carimbos para a prenda do dia do Pai (a explorar as esponjas)



	<b>RELATÓRIO DE ESTÁGIO</b> Mestrado em Educação Pré-Escolar 2012/2013 Jardim-de-Infância II
Aluno: Sandra Cristina Duque dos Reis Serrano <span style="float: right;">Nº: 10465</span>	

**Situação de aprendizagem:**

Identificação: Primeira semana de estágio	Data: 02/04/13 a 05/04/13
Instituição: Casa do Sagrado Coração de Jesus - Quinta do Pio	Duração: Das 9h00 às 16h00

**Dia 02/04/13**

- Assim que entrei na sala, as crianças mostraram-se logo muito entusiasmadas, perguntaram-me logo: “Sandra, já vens para a nossa sala?”
- Notei uma grande diferença em relação à elaboração do plano semanal e do dia, ou seja, durante a PES I, quando as crianças faziam estes dois planos, limitavam-se a esperar que a educadora Ana desse ideias e sugestões, enquanto que agora, isso já não se verifica, pois todo o grupo contribui e sugere aprendizagens do seu agrado.
- Neste dia, algumas crianças têm expressão musical, enquanto as restantes ficam na sala com a Ana a continuar outros trabalhos. Na minha opinião, penso que o ideal era todo o grupo poder beneficiar desta aula, porque não faz sentido só alguns terem esta oportunidade.
- As crianças fizeram o registo da visita à fábrica dos enchidos e à queijaria em Oriola. Gostei da forma que utilizaram para registar este momento, ou seja, trouxeram uma bata da fábrica e escreveram nesta as suas aprendizagens, seguidamente, recortaram imagens de uns panfletos que trouxeram deste dia e colaram junto a estes registos.



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

- Nas comunicações, o Eduardo e o Simão quiseram partilhar com o grupo a construção que fizeram com legos, onde a Margarida muito rapidamente disse que eles tinham estado a trabalhar a matemática.

### **Dia 03/04/13**

- Mesmo antes de começarem a fazer o plano do dia, a educadora Ana, propôs ao grupo que a ajudassem a resolver um problema de matemática, problema este relacionado com dúzias e dezenas. Aqui observei que o Guilherme Gomes e a Susana, foram bastante perspicazes, responderam logo sem hesitar.
- Depois das crianças terem feito o plano do dia, e de terem registado que queriam continuar a banda desenhada (que surgiu de uma história que a Ana lhes tinha lido e que posteriormente tiveram a recontá-la), a Ana, foi buscar o dicionário e esteve a ler-lhes e posteriormente a explicar-lhes, o significado desta palavra.
- No final da manhã, nas comunicações, depois de terem terminado o registado da visita a Oriola (que já tinham começado no dia anterior), a Erica Abreu, a Daniela e a Susana estiveram a comunicar ao grupo todo este registo, onde mais uma vez a Margarida frisou que trabalharam a matemática.
- No período da tarde estive a ler-lhes uma história: “Elmer”, isto porque, na PES I tinha trazido este livro que não tive oportunidade de ler e entretanto a Susana de manhã, olhou para a estante viu-o, e pediu que a lesse.
- Posteriormente algumas crianças fizeram o registo da história, outras continuaram a maquete da cidade e as restantes estiveram a continuar a banda desenhada.
- No final da tarde, fizeram o balanço do dia, onde estiveram a preencher o diário (o que fizemos, o que vamos fazer/saber/descobrir).



**Dia 04/04/13**

- Durante o plano do dia, a Ana explicou que em relação à maquete da cidade, primeiramente devemos sempre fazer um projecto, dando o exemplo da planta da sala (como está neste momento e como irá ficar).
- Entretanto perguntou ao grupo se concordavam com a mudança da nossa sala, todos responderam afirmativamente, seguidamente, continuou a mostrar a planta da sala para que pudessem entender melhor. Aqui, verifiquei que o Guilherme Janeirinho, entendeu logo este desenho, apontando logo e dizendo a que se referia cada figura.
- Perguntou-lhes também se gostavam de enriquecer a área da dramatização, onde todos concordaram.
- No final, a Ana esteve também a mostrar outro tipo de plantas, para melhor entenderem este assunto.
- Durante a tarde, fizemos a reunião de conselho, onde reunimos todos os mapas, diário e cadernos, para as crianças puderem observar todos os pontos positivos e também negativos que devem ser melhorados.

Esta semana foi um pouco diferente das próximas, isto porque, estivemos em observação, para que nos pudéssemos inteirar dos projectos e aprendizagens que estão a decorrer, e também para podermos ter uma melhor percepção dos interesses e necessidades das crianças.

Na terça-feira, assim que entrei na sala o entusiasmo foi bastante notório, onde algumas crianças me perguntaram logo: “Sandra, é hoje que vens para a nossa sala?”. Seguidamente, e depois de lhes ter explicado que sim, que a partir de agora iria estar na sala deles, sentei-me a observar a elaboração do plano semanal, onde o grupo foi dizendo as suas preferências, já quase sem o auxílio do adulto. Aqui, notei mesmo uma grande diferença, pois o grupo está muito mais autónomo. Terminado este registo,





## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

passámos à elaboração do plano do dia, onde o grupo esteve a observar o que registaram no plano semanal, para a seguir decidirem/escolherem o que queriam fazer neste dia.

Terminado este momento, a Ana pediu-lhes que separassem as mesas e arrumassem as cadeiras no respectivo lugar, para assim darmos início ao nosso trabalho, olhando para o plano do dia e verificando quem se inscreveu em cada aprendizagem, para de seguida dividir então o grupo.

Eu fiquei com os meninos da maquete da cidade, a Ana com a continuação do registo a Oriola, enquanto os restantes ficaram nas áreas a brincar, isto porque, não pudemos contar com a auxiliar Anabela, pois teve que ir para outra sala.

Enquanto decorria a maquete da cidade, observei que as crianças são bastante autónomas, em particular o Pedro, que para além de muito autónomo é bastante organizado, ou seja, esta criança disse-me que queria fazer umas árvores grandes, eu respondi-lhe que estava bem, então foi buscar todo o material de que necessitava e fez tudo sozinho, seguidamente, ainda esteve a ajudar um dos colegas a forrar uma caixa pequena (prédio). Depois disse-me: “Sandra, a cidade precisa de ter mais flores, por isso vou fazer mais, posso?”. Antes de começar com as flores, arrumou tudo o que já não precisava e foi buscar então material para as flores. Confesso que fiquei bastante surpreendida com o Pedro, pois é uma criança um pouco reservada e sinceramente não me tinha apercebido destas suas capacidades.

Por volta das 11h40, depois de já terem arrumado e de terem feito a higiene, o Simão e o Eduardo, quiseram comunicar, mostrando ao grupo a construção que fizeram com os legos, uma quinta, onde a Margarida pôs o dedo no ar e transmitiu que eles tinham estado a trabalhar a matemática, pois utilizaram um determinado número de peças de uma cor, outras de outra e que no final tínhamos muitas peças de várias cores.

No período da tarde, por volta das 14h00, as crianças voltaram a sentar-se ao redor das mesas, onde a Ana lhes esteve a explicar que iriam continuar com os trabalhos da manhã. Às 15h30, começaram a arrumar a sala, para seguidamente fazerem o balanço do dia onde uma das crianças, neste caso a Joana, foi colocando uma bola (verde, amarela ou vermelha), caso tenham realizado ou não o que estava previsto para este dia (plano do dia), enquanto a Ana foi registando no diário, na coluna do fizemos, o que estivemos a fazer. Agora que já conheço um pouco mais sobre este modelo curricular, penso que ao utilizar este método, todo o trabalho fica muito mais organizado. Futuramente, quando tiver uma sala só “minha”, irei utilizá-lo também, pois

eu gosto bastante que tudo seja organizado e planeado e este modelo vai muito de encontro aos meus interesses e necessidades.



Fig.54 e 55 – A fazerem o plano semanal e diário



Fig. 56 e 57 – A continuarem o registo à fábrica de enchidos de Oriola



Fig. 58 e 59 – Continuação da maquete da cidade



Fig. 59 e 60 – Comunicação da construção



Fig. 61 e 62 – O balanço do dia (criança a registar)

Em relação à quarta-feira, começou com um problema de matemática que a Ana trouxe, onde estiveram a trabalhar a dúzia e a dezena (matemática), ou seja, a educadora começou por lhes dizer que se tinha deparado com uma situação no supermercado e que precisava que a ajudassem, ou seja, foi às compras e precisava de uma dúzia de ovos, mas só havia caixas com  $\frac{1}{2}$  dúzia e então gostava que a ajudassem a ver quantas caixas de ovos eram necessárias, mas que para isso tínhamos que saber a quanto corresponde  $\frac{1}{2}$  dúzia de ovos. Onde observei que o Guilherme Gomes foi sempre muito perspicaz nas suas respostas e a Susana também, ou seja, sabiam quanto era uma dúzia,  $\frac{1}{2}$  dúzia e também uma dezena.

Seguidamente, começaram então a fazer o plano do dia, onde as crianças optaram por continuar alguns dos projectos do dia anterior (maquete da cidade, registo à fabrica de enchidos de Oriola e banda desenhada) e à tarde pediram-me para lhes ler uma história, onde a Susana se lembrou que eu tinha levado um livro (na PES I), mas que não tinha chegado a mostrar, então ficou combinado que à tarde iria ler-lhes a história do “Elmer”, de um elefante que era diferente. Aqui, estive novamente a ajudar

na maquete da cidade, onde observei que a Rossana, é uma criança que não toma iniciativa para começar a fazer qualquer coisa sozinha, precisa muito de ajuda, devido à sua timidez e também possivelmente por não se sentir muito integrado, isto porque, no início do ano esteve connosco, aproximadamente 3 meses, entretanto nunca mais veio e regressou agora esta semana. Os pais por vezes são os maiores culpados das crianças terem este e outro tipo de problemas, é pena que não tenham consciência disso...mas não me vou adiantar mais com este assunto, porque realmente estas situações mexem com o meu sistema nervoso.

Já depois da hora de almoço, às 14h00, pedi ao grupo que se fosse sentando à volta das mesas para que eu começasse a ler então a história. Entretanto, fui buscar o livro e quando me sentei o silêncio foi geral. Comecei por lhes mostrar a capa e seguidamente, disse-lhes o título, em que a Margarida me disse logo: “Eu já conheço essa história, a minha irmã tem esse livro”, entretanto eu respondi-lhe: “Então vamos também ler esta história aos colegas, para que eles também a fiquem a conhecer”. Abri o livro e comecei a ler, dando bastante entoação, imitando as vozes dos elefantes (fazendo um tom de voz mais agudo), lendo pausadamente e alternando o tom de voz (mais alto e mais baixo) de modo a cativar as suas atenções. Este momento foi bastante positivo as crianças gostaram bastante e quiseram desenhar os elefantes, inclusivamente o Guilherme Janeirinho quis fazer o seu elefante a computador.



Fig. 63 e 64 – O problema de matemática



Fig. 65 e 66 – Continuação da banda desenhada



Fig. 67 e 68 – Comunicação do registo à fábrica de Oriola



Fig. 69 e 70 – A desenharem o Elmer da história

Já na quinta-feira, o dia começou com o plano do dia, em que as crianças decidiram continuar a maquete da cidade e acabar um projecto que estava pendente, a reciclagem. Durante o projecto da reciclagem, observei que as crianças estavam a demonstrar já pouco interesse em continuar, possivelmente porque tem sido muito extenso, pois já vem do ano anterior. Como a educadora observou também esta

situação, resolveu então dar por terminado este projecto, onde no final da manhã, as crianças envolvidas (Laura, Daniela e Lara) estiveram a comunicar ao grupo, quais as aprendizagens que retiraram, com o auxílio da educadora Ana.

À tarde, depois do almoço e do recreio, fizeram a reunião de conselho, onde estiveram a falar de alguns pontos menos positivos, que têm de melhorar, como a utilização do mapa de actividades e o uso dos cadernos, que não devem rasga-los e riscá-los. Entretanto, estiveram também a transmitir à Ana, projectos e aprendizagens que gostariam também de fazer.



Fig.71 e 72 – A educadora a mostrar vários tipos de plantas



Fig. 73 e 74 – A comunicarem aos colegas as suas aprendizagens acerca do projecto da reciclagem



Fig. 75 e 76 – Na reunião de conselho

Com esta semana e com reunião de conselho e de acordo com os seus interesses e necessidades (das crianças) que transmitiram/comunicaram, irei iniciar e dar continuidade a alguns projectos e aprendizagens, ou seja, iremos começar o projecto dos animais, mais concretamente dos animais domésticos e da quinta, pois demonstraram bastante interesse nestes (sendo este projecto o que tinha previsto desenvolver, para além de terem pedido durante a reunião), iremos também iniciar o estudo da importância da água, isto porque, ultimamente o João e o Guilherme Janeirinho têm andado a desperdiçá-la, pois quando vão à casa de banho, estão sempre a molhar os colegas. Para além do Simão, na reunião de conselho, me ter perguntado também porque é que a água faz barulho quando sai das torneiras. Iniciaremos também a construção de uma garagem, pois ultimamente em todas as reuniões e na planificação semanal, têm andado a pedir à Ana. Outro projecto que pretendo iniciar é o da alimentação, para que desta forma possa também ajudar o Eduardo, que por sinal até ficou contente por iniciarmos este estudo.



	<b>RELATÓRIO DE ESTÁGIO</b> Mestrado em Educação Pré-Escolar 2012/2013 Jardim-de-Infância II
Aluno: Sandra Cristina Duque dos Reis Serrano <span style="float: right;">Nº: 10465</span>	

**Situação de aprendizagem:**

Identificação: Oitava semana de estágio

Data: 20/05/13 a 24/05/13

Instituição: Casa do Sagrado Coração de Jesus - Quinta do Pio

Duração: Das 9h00 às 16h00

**Dia 20/05/2013**

- Eu, em conjunto com algumas crianças do projecto dos animais, estivemos a concluir a última pergunta que temos registada no queremos saber (quanto pesam estes animais), em que vimos o que eu tinha anotado no meu caderno (lilhes), e posteriormente estivemos a fazer comparações de pesos (os nossos com os dos animais), contribuindo para estimular a apropriação das noções matemáticas (comparar).
- À tarde demos continuidade ao registo da nossa visita ao Pomarinho, em que o João e a Lara quiseram ficar a ajudar-me. Primeiramente estiveram a recortar todas as fotografias que ainda nos faltavam, depois, enquanto a Lara as esteve a organizar, o João por sua vez esteve a colá-las no respectivo sítio, enquanto eu fui escrevendo todas as nossas aprendizagens, desenvolvendo desta forma a autonomia.

**Dia 21/05/2013**





## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

- Estive com todas as crianças do projecto de modo a decidirmos e a registarmos todas as perguntas que iríamos fazer ao guia, na nossa visita ao museu. A Érica Sabino, foi a que mais sugestões deu. À medida, que iam sugerindo questões eu ia-as registando numa folha e lendo em voz alta, para que as pudessem fixar, desenvolvendo a atenção e a memória.
- Depois de decididas as perguntas e da Érica se oferecer para as colocar ao guia, pedi unicamente a duas crianças que ficassem comigo, para que me ajudassem na continuação da colagem de algumas fotografias relacionadas com cada momento do nosso projecto, em que muito perspicazmente as colaram no respectivo sítio, desenvolvendo a memória.
- Neste dia, mais uma vez observei que as crianças ultimamente, têm andado só a comunicar construções em lego, irei ter mais atenção e ter uma conversa com elas sobre o que são as comunicações e o que podemos comunicar, para que fiquem com a percepção de que podemos falar sobre muitas mais coisas.

### **Dia 22/05/2013**

- Hoje foi um dia de muita agitação e alegria, em que viemos passear à cidade (museu de Évora e exposição sobre a água “unidos pela água”), de modo a terem uma maior percepção de como se organiza uma exposição, para que possamos organizar a nossa do projecto dos animais.
- A Teresa (guia) começou por dar uma explicação sobre o que podemos encontrar no museu de Évora, em que observei que todo o grupo esteve sempre muito atento. No decorrer da exposição e das explicações da guia (explicação sobre o que estava exposto e sobre as dúvidas colocadas por nós), todas as crianças estiveram sempre muito atentas, inclusivamente a Joana, que não é do projecto, quis saber porque é que todas as peças feitas em pedra estavam fechadas numa vitrine de vidro.



**Dia 23/05/2013**

- Reuni todo o grupo do projecto de modo a decidirmos como iriam ser os convites, o que escreveríamos e como iriamos enfeitá-los, comecei por lhes pedir sugestões, em que a Érica e o Pedro disseram que depois de estar escrito, poderíamos fazer uns desenhos com lápis de cera a toda a volta, quanto ao texto eu fiz uma sugestão que foi aceite por todos, ficando então decidido de uma forma democrática que eu escreveria o texto que lhes sugeri e posteriormente fariam então um desenho, proporcionando uma aprendizagem mais motivadora.
- No período da tarde demos continuidade aos nossos convites.

**Dia 24/05/2013**

- Hoje estivemos a terminar trabalhos, para que para a semana seguinte possam dar início a outros, é importante que não os acumulem, pois o facto de terem vários trabalhos começados à algum tempo, acabam por perder o interesse em os continuar, logo, com esta proposta desenvolvem a responsabilidade e a autonomia.
- À tarde, recebemos a visita da Elsa, minha colega da universidade, que nos veio fazer uma dramatização da história da carochinha, mas um pouco diferente pois englobava os animais do nosso projecto, as crianças ficaram bastante entusiasmadas, a Susana até esfregava as mãos de tanta satisfação. Durante a dramatização as crianças foram sempre intervindo, ajudando a Elsa na busca do seu noivo. No final todos quiseram experimentar os vários papéis, proporcionando assim autonomia.



## Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré – Escolar

Esta semana teve dois momentos que considereei mais marcantes, a visita ao museu e a dramatização que a Elsa nos trouxe.

Em relação à visita ao museu, assim que chegamos à cidade, comecei por organizar o grupo, ficando um comigo, outro com a Ana e outro com a Anabela (apesar de irmos sempre ao pé uns dos outros), depois, expliquei-lhes que era importante que não nos afastássemos, para que não nos perdêssemos. Como chegamos antes da hora prevista, fizemos uma primeira paragem na Praça do Giraldo, para comermos uma bolacha. Enquanto faziam o reforço da manhã, a Ana esteve a explicar-lhes o significado da fonte que nesta se encontra, dizendo-lhes que cada saída de água, correspondia a uma rua (ruas essas que dão todas para este largo), depois, com a ajuda das crianças estivemos a conta-las. A seguir a esta explicação, onde o grupo esteve muito atento, começamos a subir a Rua 5 de Outubro em direcção ao museu, no caminho, os meninos quiseram cumprimentar a Mãe e a Avó de uma criança que frequenta o colégio, e que por sinal trabalham numa loja de artesanato.

Penso que também seria interessante visitarmos um dia esta loja, para que estas senhoras nos possam explicar o significado de algumas peças e o material com que são feitas.

Voltando novamente ao nosso percurso, depois de falarmos a estas senhoras, continuámos até à Sé, onde fizemos novamente outra paragem, aproveitando para tirar algumas fotografias.

Terminado este momento, dirigimo-nos então ao museu, em que antes de entrarmos lhes estive a dizer que nestes locais não podemos fazer barulho, porque existem mais pessoas para além de nós a visitar a exposição, também lhes tive a explicar que não podemos mexer em nada, porque são coisas muito antigas que iríamos ver e poderíamos estragar. Terminada esta explicação, entramos então no museu, onde a Ana esteve a recolher os chapéus dos meninos para colocar num cacifo, entretanto, chegou a Teresa, a nossa guia, que começou por fazer uma explicação do que é que poderíamos encontrar no museu de Évora, a seguir, começou a mostrar alguns objectos que estavam expostos, dizendo o seu significado. No decorrer da visita, verifiquei que a Érica Sabino esteve sempre muito interessada, colocando-se sempre ao lado da guia, aproveitando para colocar as dúvidas em conjunto com a Mariana, em relação à organização de uma exposição. O restante grupo, também esteve sempre muito atento a todas as explicações da Teresa, foi interessante ver assim as crianças, até pareciam que tinham mais idade,

viu-se que esta visita estava a ter sentido para eles, o que é muito importante, só assim se consegue alcançar aprendizagens de sucesso. Com esta proposta contribuí para uma aprendizagem mais enriquecedora e motivadora, desenvolvendo também a atenção.



Fig. 119 e 120 – As crianças muito atentas às explicações da Teresa, principalmente enquanto esta explicava os quadros, gostaram tanto que decidiram que a nossa exposição seria também de quadros.



Fig. 121 – Enquanto a Teresa explicava o porquê de termos que colocar alguns textos junto aos quadros, muito atentos.

A visita da Elsa, foi também um momento de grande agitação para todo o grupo, isto porque, ficaram radiantes por saberem que iam ver uma dramatização.

Primeiramente, comecei por ir chamá-los ao pátio exterior, pois encontravam-se na hora do recreio, depois, à medida que iam entrando, pedi-lhes que fossem à casa de banho fazer a higiene e que posteriormente se sentassem no chão de frente para o cenário, depois de todos terem ido ao wc., disse-lhes que não poderiam falar, porque a Elsa e a Anabela queriam dar início à representação da história da carochinha. No decorrer da encenação, observei que a Susana estavam tão tão entusiasmada que até esfregava as mãos de contente, estava completamente envolvida. No final, perguntei-lhes se gostariam de fazer alguma pergunta à Elsa, disseram-me que não, mas quando lhes propus que fossem eles próprios a experimentar, representar, a alegria foi imensa, todos quiseram encenar os vários papéis. É importante que possam experienciar estas situações, além disso se era uma situação que lhes estava a dar tanto prazer, porque não experimentar? Com esta proposta as crianças tiveram oportunidade de sentir qual a sensação de estar a representar, contribuindo para estimular a criatividade e a atenção.



Fig.122 e 123 – As crianças envolvidas na representação



Fig. 124 – O entusiasmo